



O FILHO
da
NATU
REZA

Isis L. M. J.

O FILHO DA NATUREZA

Isis L.M.J.

Sinopse

Você já ouviu falar em revanche? Não estou falando naquela segunda tentativa que os jogadores têm para ganhar um jogo, estou falando em pagar na mesma moeda. Quase como vingança, mas um pouco pior.

Em um passado não muito distante, a população da terra vivia feliz em uma era tecnológica magnífica; A cura do câncer foi descoberta, assim como a cura para outras doenças terminais; A criação de uma ração sintética comestível acabou com a fome; Aos poucos o crime e a pobreza deram lugar a uma sociedade mundialmente unida e próspera; Mas para se chegar nessa época foram necessários muitos anos de pesquisa, e testes e vários blá blá blás. Para que isso fosse possível eles usaram todos os recursos que tinham, incluindo os recursos naturais; Os rios estavam ficando cada vez mais poluídos, a radiação contaminou o solo, o carbono a atmosfera.

Eles pensaram que estavam matando a natureza aos poucos, e por um momento eles estavam certos até que um dia ela resolveu revidar e foi aí que os humanos pagaram um preço mais alto. Terremotos, furacões, tsunamis, tempestades violentas, todos juntos acabaram com a maioria dos trabalhos humanos e devastou muito mais da metade da população.

Os sobreviventes se juntaram nas cidades menos danificadas e tentaram reconstruir a sociedade.

Eu nasci nessa época.

Para minha família.

Para Amanda Cabral, Dario Jr e Hanna Werle.

Para o m3dusa e todos que me apoiaram.

Prólogo

15 de outubro de 2114

Estou sentada na sala assistindo o noticiário tedioso com meu pai a mais ou menos 15 minutos. Minha mãe está na cozinha fazendo o jantar. Meu namorado vem jantar em casa hoje, estamos juntos há dois anos e mesmo assim ainda não me acostumei com seus atrasos.

A campainha toca. *Finalmente.*

Peter não devia ter demorado tudo isso para subir até aqui. Já fazem 5 minutos que o porteiro avisou que ele estava subindo. Esses atrasos de Peter sempre me fazem ficar com um pé atrás sobre sua fidelidade. Balanço a cabeça para fazer os pensamentos bobos e as dúvidas irem embora. Corro e abro a porta evitando pensar em qualquer outra coisa que não seja passar um momento com Peter. Parece que faz uma eternidade que não o vejo, mesmo tendo nos encontrado semana passada.

-Oi amor. – Diz ele sorrindo enquanto me puxa para um abraço e me beija. Ele está com a mesma roupa preta de sempre e o cabelo bagunçado. Extremamente sexy.

-Oi. – Sorrio de volta. – Venha entre.

-Querida venha ver isso aqui. – Meu pai chama minha mãe e eu vou atrás com Peter junto de mim.

-Oi Sr e Sra P.

-Oi Pete. – Respondem em uni som, mas sem dar muita atenção. Eles estão olhando para a TV na parede.

Viro o rosto para ver o que os aflige; não é difícil enxergar afinal nossa TV ocupa a parede toda. Varias noticias sobre tsunamis e terremotos tomam conta da tela. Olho para a janela. Nosso apartamento é no 100º andar, o ultimo, portanto podemos ver praticamente toda a cidade da janela. As paredes da sala e do banheiro são completamente de vidro; o que torna a visão mais fácil ainda.

O céu está mais escuro do que o normal, quase não se vê a lua em meio a tantas nuvens. Uma tempestade se aproxima, o que não é um bom sinal afinal, já faz 10 anos desde a última chuva.

A TV desliga assim como todas as luzes da casa. As pequenas lâmpadas de emergência se ascendem deixando todos nós com rostos azuis. Me aproximo mais da janela mas não consigo ver nada; não há luzes nas ruas ou nas casas; A cidade toda está imersa em escuridão. Ouço o barulho da chuva, mas não a vejo. Meu pai aparece com uma lanterna e aponta para nós.

-Todos estão bem?

Não escuto as respostas, algo na janela chama minha atenção. Um clarão ilumina o céu. Um relâmpago imagino. Outro clarão se prolonga tempo suficiente para que eu possa ver uma grande onda, no fim da cidade. Engraçado, não moramos no litoral.

-Pai...- Chamo com urgência na voz e ele vem perguntando se estou bem. O interrompo. -Acho que vi água, no fim da cidade, muita água.

Peter me abraça e eu acaricio seu braço, tensa. Os segundos parecem uma eternidade, mais nenhum relâmpago ilumina o céu e eu me pergunto se a água não seria fruto da minha imaginação. Mesmo assim todos estão atentos, de olhos fixos na janela a espera de outro clarão.

A tempestade piora, o som da água batendo no telhado é quase insuportável. Um relâmpago é seguido por um trovão, quase inaudível; Dessa vez todos veem o monte de água que alaga toda nossa cidade.

-Saíam de perto da janela. – Grita meu pai.

Antes que possamos nos mexer o chão todo começa a tremer e a rachar sob nossos pés. Não consigo segurar meu grito. O teto racha em cima de nossas cabeças, derrubando pequenas pedras pela sala toda; água começa a sair da rachadura caindo bem em cima de meu pai queimando toda a carne de seu rosto. Grito mais uma vez horrorizada com as feridas que se formam rapidamente em forma de bolhas de sangue, cobrindo todo o seu rosto. Minha mãe ajuda meu pai a se levantar e quando ela passa por mim, o levando até a cozinha, sinto o cheiro de carne queimada embrulhar o meu estômago; com muito esforço seguro a bile que ameaça a subir pela minha garganta.

Olho mais uma vez para a janela, a procura de outro relâmpago alguma luz, mas dessa vez encontro um raio mandando ondas elétricas para água que

empurra vários carros para dentro de um redemoinho. Tudo ao redor do prédio
brilha

Um relâmpago ilumina o céu.

Espera. Não é um redemoinho.

Outro relâmpago.

Meu deus. É um tornado.

Outro relâmpago.

E está vindo em direção ao nosso prédio.

Capítulo 01

50 anos depois.

29 de abril de 0050

Estranho. A floresta está silenciosa demais. Eu sempre ando por aqui e sei que nesse horário, os pássaros estão todos confusos procurando seus ninhos para fugir da escuridão. Talvez eles os tenham achado mais cedo, talvez não.

-Achei! – Grito pegando minha faca e a colocando no estojo ao lado das outras. - Agora sim podemos ir.

Desço o pequeno barranco de pedras e galhos, e começo voltar rumo a Aldeia.

-Não acredito que você me convenceu a fazer isso. Falta no máximo uma hora para o anoitecer e ainda estamos longe da Aldeia, e tudo isso. – Ele faz uma pausa dramática para dar ênfase ao seu argumento e depois continua. – Para nada!

Essa é a quinta vez que Bryan reclama em menos de meia hora.

-Ei não diga isso, eu achei a minha faca e você conseguiu uma bolsa, devia estar feliz! Não é fácil achar as coisas em boas condições assim.

-Feliz eu estaria se estivesse em casa, comendo o delicioso purê de batatas que sua mãe já deve ter preparado.

Hoje é sexta-feira dia de purê de batata doce; não que nos importemos com os dias da semana, eles são todos iguais. Trabalhamos de segunda a sexta, tiramos o sábado para pegar água e lenha para nossas casas e o domingo para descansar. Toda semana é a mesma coisa, mesma rotina. E em uma de minhas escapadas da Aldeia, eu acabei esquecendo uma de minhas facas em uma parte íngreme da floresta, e como Bryan e eu trabalhamos juntos hoje eu o convenci a vir busca-la comigo.

Péssima decisão. Penso comigo mesmo.

O clima está normal, nem muito calor e nem muito vento. Maravilhoso

para uma caminhada.

RUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUR. Ronca o estômago de Bryan e para minha desgraça, ele começa a reclamar mais ainda.

Bryan é meu melhor amigo. Ele e sua mãe, Dona Margarida, e seu gato, Chuck, moram comigo e com meus pais em nossa casa. Apesar de sermos amigos de infância, Bryan e eu somos muito diferentes, tanto na aparência quanto na personalidade; Bryan é loiro, eu sou moreno. Bryan é calmo, eu sou hiperativo. Bryan é meio rechonchudo e baixinho, eu sou alto e musculoso. Bryan gosta de ficar em casa (de preferência comendo), eu gosto do ar livre, da floresta. Bryan se assusta muito fácil.

E quando digo isso, eu falo sério. Semana passada ele desmaiou só por que eu mostrei um BENDITO RATO MORTO. Talvez o rato fosse tão grande quanto um cachorro, mas mesmo assim o bicho estava morto.

-Eu estou com fome Sam, com fome e cansado! Precisamos parar procurar algo para comer.

Sam é meu nome. Sam Shaw.

Meu pai me disse que ele e minha mãe pensavam que ela estava grávida de uma garota; eles passaram a gravidez toda me chamando de Sam, apelido para Samanta. Então quando eu nasci, meu órgão genital masculino acabou com os planos deles. No fim eles ficaram com preguiça de pensar em outro nome e deixaram Sam mesmo, (vale notar que o nome Sam é unisex, portanto é tão másculo quanto fofo) ai veio meu pai e colocou Shaw para “combinar”.

-Não podemos parar agora Bryan, estamos perto da Aldeia e *as Coisas* sempre ficam por aqui. Se escurecer antes de chegarmos você sabe muito bem o que acontece.

E ele sabia por isso, calou a boca e não reclamou mais.

“Coisas” era como se referíamos às pessoas que foram deformadas pela radiação. Eles eram expulsos da Aldeia por se tornarem um tanto agressivos, então viviam escondidos na floresta e normalmente só saíam após o pôr do sol. Havia boatos de que eles se tornavam canibais, mas ninguém ficava fora de casa depois do anoitecer para descobrir.

Andamos em silêncio por mais ou menos meia hora. Eu já consigo ver nossa casa lá no fim do corredor de casas caindo aos pedaços. O sol já está se

pondo; os pássaros continuam estranhamente calados e com todas essas árvores gigantes tudo o que vemos são pequenos flashes de luz laranja e vermelha pincelar o céu.

Desde pequeno meu sonho é ir até as montanhas ao norte e ver o pôr do sol de cima delas; sempre amei a natureza, afinal é tudo o que nos restou para amar. Nossas casas são feitas de destroços do que restou depois da Devastação; então eu posso afirmar que elas não são muito bonitas. Apesar das casas de Suvers serem mais “atraentes” eu duvido que a vida lá seja melhor, afinal, os recursos estão escassos para todos. Pelo menos é o que os líderes dizem.

Olho para trás e Bryan está parado com a mão no peito como se estivesse enfartando, seu rosto está retorcido em algum tipo de careta dolorosa. A imagem é hilária.

-Eu não aguento mais! Preciso parar preciso tomar um fôlego – Ele se apoia no que devia ter sido um carro há muitos anos atrás e senta-se com as mãos no joelho.

-Você toma fôlego quando chegarmos em casa Bryan, falta pouco para chegarmos em casa, vamos logo largue de ser mole.

Começo a andar deixando ele sentado.

-Eu não sou mole, meus ossos só são mais pesados o que dificulta minha... Ei você ouviu isso?

Paro. Pela primeira vez a floresta faz barulho. Não necessariamente a floresta estava fazendo barulho, ele vinha dela. É um som estranho... Parecido com risadas. Risadas de Hienas. Mas não são Hienas.

– Sam... –Resmungo Bryan levantando aterrorizado.

Viro para olha-lo e vejo uma criatura corcunda com uma metade do rosto caída e a outra metade envolvida em uma bola de sangue correndo em nossa direção; Uma náusea me preenche. *Sangue eca*. Atrás dele mais duas coisas, não menos feios ou deformados que o primeiro, riem histericamente; eles seguram facas.

Depois da Devastação, o ecossistema mudou. As árvores, os animais, tudo evoluiu para sobreviver, e de certa forma os humanos também. Se bem que eu não sei se os Coisas se encaixam na categoria “seres-humanos”.

- Mas que diabos. – Olho para o céu e vejo a Lua chegando, leva menos de um segundo para me dar conta de que estamos ferrados. - Corre Bryan, corre. – Grito. E então começamos a correr.

Enquanto a Coisa solta risos horripilantes, os seus amigos entram na floresta a nossa direita gritando palavras incompreensíveis Tenho certeza que eles não querem só bater um papo.

Posso considerar o meu físico bom, afinal treino todo dia para isso, mas mesmo estando acostumado a correr, meu coração está na minha garganta pronto para pular para fora; Se eu correr mais rápido Bryan com certeza ficará para trás e eu não posso deixar isso acontecer. Pobre Bryan. Imagino como ele não deve estar se sentindo, afinal ele nunca foi de andar muito. Mas ele até que ele está se saindo bem, vamos chegar em casa bem a tempo. Acho que um canibal correndo atrás dele acabou servindo como incentivo para uma caminhada.

Olho para trás e não vejo ninguém. Em algum momento quando entramos na Aldeia, devemos ter despistado as coisas, e apesar de ainda conseguir ouvir as risadas não há mais nada nos seguindo. Mesmo assim continuo correndo no mesmo ritmo, só paro quando chego em casa.

-Bryan... – Ele continua correndo em direção ao rio e eu seguro seu braço. - Bryan! – O puxo para trás. – Acabou cara, estamos salvos. Conseguimos! - Ele está ofegando muito e seu rosto está branco, não branco tipo fiquei-sem-tomar-sol, mas branco tipo roxo (?).

-Eu juro que um dia desses você me mata do coração Sam! Nós podíamos ter morrido hoje, podíamos ter sido comidos vivos cara! Comidos vivos! – Ele parece dividindo entre gritar comigo e continuar respirando. Uma risada corta o ar interrompendo o resto de seu sermão e com até os pelos dos dedos dos pés arrepiados, entramos correndo para dentro de casa trancando a porta logo em seguida. Acabou de escurecer.

Eu moro na mesma casa, do lado de fora da Suvers, desde que nasci. Minha mãe e meu pai se mudaram para ela assim que casaram. Eles eram ricos, mas por algum motivo que eu desconheço, eles saíram de Survs e optaram pela vida na Aldeia.

Eu me considero um cara de sorte. Nunca passei fome, o que acontece com muitos na Aldeia e sempre tive algumas regalias como um *cd player* (com um cd de rock clássicos) e um quarto só para mim, mesmo meu quarto sendo dentro de um Box de um banheiro velho, afinal algumas pessoas da Aldeia

moram em um box de um banheiro velho. De qualquer forma meus pais trouxeram algumas coisas de suas antigas casas e meu cd player era uma dessas coisas. Eles nunca falam muito sobre como a vida era lá em cima e eu nunca pergunto afinal por mais difícil que seja a vida aqui fora, nos somos felizes.

Depois da Devastação (nome dado á uma serie de desastres naturais que ocorreram durante um dia, à aproximadamente 50 anos atrás) as pessoas que sobreviveram, ou seja, os ricos que podiam fugir para as pequenas cidades longe do litoral ou entrar em seus abrigos no fundo da terra, e as pessoas normais que apenas não estavam no lugar errado na hora errada, agruparam-se em uma das poucas se não a única, cidade sobrevivente que recebeu o nome de Suvers (por causa da palavra em inglês Survivor, que significa sobrevivente). Essas pessoas se dividiram em pequenos grupos. Os governantes e os mais ricos ficaram com os prédios altos, que não eram muitos, pois era uma cidade pequena. Os comerciantes ficaram com as poucas casas do centro ao redor dos prédios e o com o que restou dos comércios. Uma linha imaginaria foi criada entre essas pessoas e o restante da população sobrevivente. Soldados e cercas de arame farpado separavam a metade agora intacta da cidade, das casas mais simples (ou pelo menos do que havia sobrado delas). E nós denominamos esse conjunto de casas mais simples, que são praticamente grudadas com a floresta, de Aldeia. Somos poucos, no maximo duzentas pessoas no total, por isso estamos mais o lado ruim da cidade do que para uma cidade vizinha.

Os lideres da Nova America, como eles gostam de chamar o país agora, controlam toda a energia. O que significa que a menos que eles queiram fazer um pronunciamento, nunca há energia. A eletricidade é provida por uma fonte de energia não divulgada (aposto que são escravos) que fica algum lugar dentro da área de Suvers e é totalmente racionada, e claro que só é dividida entre os moradores da cidade.

A maioria dos homens da Aldeia trabalham como carpinteiros. Literalmente. Eles pegam facas, machados, curvi-lâminas, ou qualquer objeto cortante que veem pela frente (quando digo qualquer objeto é serio mesmo. Uma vez vi um cara trabalhando com caco de vidro! Não fiquei por perto para descobrir se funcionou) e vão cortando os matos e árvores que crescem ao redor da Aldeia na esperança de abrir mais espaço. Mas na verdade eles só impedem que a floresta engula a Aldeia e chegue até o limite de Suvers. Acredito que é apenas por isso que os lideres nos mantém vivos e alimentados, para que “cuidemos do jardim” deles.

Eu trabalho com meu pai desde quando tinha seis anos. Me lembro de como meus vizinhos ficaram preocupados quando me viram carregando meu

primeiro facão. Eles diziam que eu era muito novo e ia acabar me matando, mas meus pais sempre sorriam e alegavam que eu nunca me machucava. E eles tinham razão; uma vez eu subi em uma árvore para tentar pegar um gato com asas que cai entre nós, mais parecia um morcego peludo com quatro patas, e acabei me assustando quando o gato rosnou, o que me fez cair de uma altura de praticamente três metros e: Nada! Não sofri nem um arranhão. Pelo menos quando cai uma cobra caiu junto, e apesar de ser meio grande para uma cobra meu pai teve que mata-la então acabamos assando-a. Foi a primeira e última vez que eu comi carne.. Nós nunca comemos nada além dos vegetais que minha mãe planta no quintal de casa.

A radiação mudou tanto as plantas quanto os animais, ou seja, eles estão extremamente grandes; portanto caça-los está totalmente fora de cogitação.

Ao longo dos anos acabei trocando de “instrumentos” de trabalho varias vezes. Não dei muito certo com o facão, nem com a curvi-lâmina e só deus sabe o que aconteceu quando eu coloquei minhas mãos em um machado; mas não demorou muito até que meu pai achasse um estojo de facas de caça novinhas embaixo dos escombros de um prédio qualquer. De qualquer forma ganhei meu estojo com oito facas aos dez anos, e desde então somos inseparáveis. Enquanto os meninos das casas ao lado estavam paquerando as garotas e arrumando namoradas, eu estava treinando com minhas facas; Quando não estava escondido na floresta, eu estava arrumando encrenca por acertar “acidentalmente” a casa de alguém com elas. Apesar de quebrar alguns objetos minhas facas pelo menos nunca quebrariam meu coração, pelo menos era o que meu pai costumava dizer; Ele e minha mãe sempre tiveram uma visão positiva de tudo, o que fazia a todos na Aldeia os amar.

Minha mãe trabalha no hospital central que fica próximo ao limite entre a cidade e Aldeia, quase que no meio. O hospital é um antigo posto de gasolina com vários colchonetes onde os operários são tratados com as ervas e curativos disponíveis; remédios são um luxo que não podemos ter. Vive lotado. Você ficaria impressionado de ver o quanto a junção de homens e objetos afiados acaba dando errado. Eu até tentei trabalhar como um voluntário lá quando era mais novo, porém não sou muito tolerante à cor vermelha; sempre que vejo algum cortezinho minha pressão cai e parece que vou enfartar.

As pessoas da Aldeia nunca tentam ultrapassar o limite entre a Aldeia e Suvers. Não sabemos qual é a punição para quem tentar entrar na cidade sem permissão do governo, mas as grandes armas pretas que os soldados carregam deixam bem claro que não será nada bom. Aprendemos a ver Suvers como uma cidade distante e inacessível. Os moradores de lá ignoram nossa presença

totalmente e nos ignoramos a deles.

Minha casa fica apenas alguns quilômetros de um rio consideravelmente grande, que é onde o esgoto da cidade cai, que por um acaso também é o chuveiro de toda Aldeia. É limpo na maior parte do tempo. Claro que se você evitar tomar banho antes do amanhecer você provavelmente não encontrará nenhum cocô. Aparentemente os ricos preferem cagar de madrugada.

Obviamente não bebemos água do rio, ela não é potável; a única fonte de água potável é o poço que fica em frente à entrada de Suvers, um portão bem guardado por onde os soldados saem e que eu honestamente não sei por que chamam de entrada se ninguém nunca entra na cidade. A água do poço é parcialmente contaminada por radiação (*ok talvez ela não seja tão potável assim*), como tudo ao redor. Antes de ser consumida pelos moradores da cidade, a água é tratada com vários produtos, produtos aos quais não temos acesso.

Algumas pessoas nasceram imunes à radiação, outras se acostumaram com a ela, outras sofreram deformações por causa dela e outras acabam tossindo até cuspir seus pulmões em reação a ela.

Eu e meus pais nascemos imunes à radiação, portanto podemos comer tudo o que mamãe planta no pequeno pedaço de terra ao lado de casa, nosso quintal, denominado de jardim. Nós somos a única família que consegue deixar um jardim crescer, podemos dizer que minha mãe tem um dom para isso. Dividimos todos os frutos, e a nossa casa, com Dona Margarida que dividiu seu gato endiabrado, Chuck, com a gente. Apesar de não ser muita coisa Chuck sempre consegue pegar as ratazanas gigantes que tentam comer a nossa mini-plantação de legumes; e no final das contas, ele é uma boa companhia apesar de rosnar para mim a cada cinco segundos.

Enfim, minha casa é grande em comparação a algumas casas da Aldeia; Tem um quarto médio com uma cama e uma cômoda velha, esse é o quarto de meus pais; Uma sala média com uma TV velha de 39 polegadas na parede, uma poltrona encostada na janela e dois colchões no chão, onde Bryan e sua mãe (e Chuck) dormem; Uma pequena cozinha com um balcão, um fogão a lenha improvisado e um armário na parede; Ao lado do balcão fica um grande galão de água e uma caixa com várias bugigangas que às vezes encontramos no trabalho, ou que às vezes eu acho em uma de minhas escapadas para longe da civilização como, por exemplo, um taco de beisebol, um quadro do Elvis Presley e alguns livros de folhas amareladas; Na frente da cozinha quase que grudada com a sala há uma mesa quadrada com quatro cadeiras; Entre o quarto da minha mãe e o banheiro há uma porta de vários pedaços de madeira que nós fizemos. O

quarto que havia ali foi destruído em um dos terremotos durante a Devastação, o banheiro que fica dentro dele foi parcialmente soterrado e a outra parte, ou seja, o Box, é o meu quarto. O quarto seria o maior cômodo da casa se não tivesse um buraco cheio de destroços bem no meio. Só o Box do banheiro é maior que nossa cozinha, o que foi bom para mim, pois cabe meu colchão solteiro inteirinho dentro, ou seja, eu não preciso me espremer para ter privacidade, se bem que a porta (buraco do outro lado da parede) é um pouco apertada e difícil de atravessar.

Assim que entro me deparo com meu pai sentado em sua poltrona provavelmente lendo algum livro antigo, já que suas folhas estão amarelas e gastas. Mesmo achando vários livros por aí, meu pai sempre prefere ler os mais antigos, ele diz que nós só aprendemos a olhar para frente quando estudamos o passado (tenho certeza de que ele leu isso em algum lugar).

Dona Margarida está sentada na ponta de um dos colchões acariciando Chuck; Ela é viúva, seu ex-marido foi um grande amigo de meu pai que faleceu a alguns anos deixando ela e seu filho (e Chuck) praticamente a nossas custas. Chuckrosna assim que me vê. Eu mostro a língua para ele que me retribui com a mesma cara feia de sempre.

Minha mãe acabou de colocar o purê na mesa ao lado de uma vela. São poucas as velas que ainda tem pavio, então às vezes somos obrigados a usar velas perfumadas que encham a casa com um cheiro estranho, uma mistura de peido com dama da noite, nada agradável. Graças a Deus aquela é uma vela normal.

- Boa noite meninos onde vocês estavam? Quase se atrasaram para o jantar.

Minha mãe veste o mesmo vestido verde velho de sempre, o tom combina com seus olhos verdes, do mesmo tom dos meus, o que a deixava ainda mais linda. Apesar da idade ela nunca aparenta ter mais de 30 anos, seu jeito calmo e sua voz suave a deixam jovem igual ao meu pai. Os dois tem uma personalidade tranquila muita parecida, e às vezes não consigo evitar e acabo me perguntando se sou mesmo filho deles; Afinal, tirando os olhos verdes de minha mãe, e o maxilar robusto do meu pai, nós não parecemos em quase nada.

Afasto o pensamento assim que meus olhos encontram os de Bryan no final da sala. Ele me lança um olhar frustrado enquanto se encaminha para o banheiro. Por mais que ele esteja com raiva e morrendo de vontade de me entregar sei que ele não fará isso. Se tem uma pessoa em quem confio além de meus pais, essa pessoa é Bryan. Ele não é apenas meu amigo, ele é meu

parceiro. Sempre que eu apronto, ele me da cobertura; claro que eu sempre faço questão de trazer algo para ele, mas algo me diz que sem as lembrancinhas, ele me ajudaria mesmo assim.

Minhas encrencas se resumem em desobedecer apenas duas regras: A primeira: Não sair da Aldeia. Meus pais não permitem isso. Nunca, nem de dia, muito menos a noite. E a segunda: Nunca entrar sozinho na floresta. São as únicas regras na nossa casa e praticamente na Aldeia toda. Claro que não há punição para quem desobedece a essa regra afinal a maioria acaba morto ou seriamente traumatizado. Menos eu claro. Já estive tantas vezes na floresta sozinho que até já perdi a conta. Eu tenho uma mini (*enorme*) obsessão por ser livre e não consigo me imaginar preso à vida toda dentro de uma casa como meus pais. Eu pertencço à natureza, ao ar livre e quando tiver a oportunidade, é na floresta que eu vou morar.

Capítulo 02

Se eu tivesse que me definir em uma palavra só essa palavra seria: teimoso.

Uma vez meu pai estava acendendo o fogão para minha mãe, eu tinha uns seis anos mais ou menos, e meu pai me disse para não tocar no fogo por que ele queimava; eu sabia o que era queimar, eu havia lido sobre isso em um livro de primeiro socorros que mostrava todos os graus de queimadura, simplesmente repugnante; de qualquer forma eu tinha tocado uma foto do fogo várias e várias vezes e nunca havia me queimado, na época eu não sabia de fato o que significava a palavra ilustração então, esperei meu pai sair e mesmo com seu aviso eu coloquei o dedo no fogão e assisti enquanto o fogo queimava meu dedo indicador. Aquilo doeu, não fez bolha e nem deixou marca, mas doeu.

Eu gostaria de poder dizer que naquele dia, eu havia aprendido a lição e nunca mais me coloquei em situações de risco; mas não é bem assim.

Eu sei que talvez os acontecimentos de hoje talvez deversem me servir de exemplo, mas acontece que essa não é a primeira vez que as Coisas me perseguem e muito menos a primeira vez que eu via um deles de perto. Da última vez que eu estive na floresta, eu acabei cochilando debaixo de uma árvore logo depois de um de meus treinos, quando acordei vi um deles bem de perto. Era uma criança e ela estava toda cheia de bolhas e sem um olho. Ela não me atacou, só estava curiosa. Claro que depois os seus pais apareceram, eles não eram nada simpáticos por falar nisso, e foi saindo correndo que acabei esquecendo minha faca.

Eu pensei naquela criança a noite toda. Pobre criança. Ainda pagava pelos erros que seus antepassados haviam cometido durante anos, sentados em seus sofás confortáveis, aproveitando um ar condicionado de última geração enquanto a mãe natureza aos poucos acumulava rancor. A natureza não teve pressa e nem piedade.

- Bom lavem as mãos os jantar está na mesa! Já coloquei água na pia do banheiro. Sammy amor?

Só minha mãe me chama de Sammy. Meu pai diz que ela sempre me chamou assim, desde que nasci. Sempre foi Sammy pra lá, Sammy pra cá... Eu tentei dizer a ela que esse era um apelido muito feminino, mas ela não ligou, e

nem eu ligo mais.

-Sim mãe?

Cumprimento Dona Margarida dando um tapa na cabeça de Chuck que me devolve com uma patada, *Gato adorável*; logo em seguida abraço minha mãe e lhe beijo a bochecha. Sempre fui muito carinhoso com ela, por ser filho único eu sou acostumado a ser mimado com beijinhos de boa noite e coisas do tipo. Mas não pense que sou molenga por isso.

-Acenda dois lampiões, coloque um na sala e um no banheiro, por favor, depois venha se sentar vamos espera-lo para comer.

-Sim senhora!

Vou até o seu quarto e procuro lampiões na caixa ao lado de sua cômoda. Quando termino de fazer o que me pediu, sento-me à mesa com todos.

-Então como foi o dia de vocês no trabalho? – Minha mãe pergunta.

-O meu foi o mesmo de sempre, fui chamado para ajudar algumas pessoas ao norte da Aldeia, acabei conseguindo algumas ervas como recompensa, mas nada de mais e vocês meninos?

Engulo seco. Nunca consegui mentir para meus pais, os dois me conhecem muito bem e eu ainda morro de medo de decepcioná-los, principalmente meu pai.

Meu relacionamento com meu pai é diferente do que relacionamento que tenho com minha mãe. Meu pai sempre foi meu herói. Quando éramos crianças brincávamos de salvar o mundo e de algum modo ainda acreditava nisso. Graças a ele, as coisas na Aldeia sempre melhoravam. Deixa-lo orgulhoso sempre foi minha prioridade. Como não temos escolas, meu pai foi quem me ensinou a ler, a escrever, a não mentir... Apesar de omitir onde eu passava a maioria das minhas horas de almoço, eu nunca precisei mentir para meu pai, pelo contrário, eu sempre queria compartilhar meus segredos e meu dia com ele. E ele fazia o mesmo comigo. Era difícil ele se alterar; eu só vi ele bravo uma vez na vida, e foi quando eu tentei decapitar o gato da vizinha (em minha defesa eu achei que fosse um galho afinal nunca tinha visto um gato tão magro e verde). Mesmo naquela época eu não me importei com as varadas de bambu que ele deu nas pernas, elas só doeram na hora e não ficaram nem vermelhas... O que me machucou mesmo foi pensar que o havia decepcionado. Nós sempre fomos muito achegados, ele sempre sabia praticamente tudo o que eu estava pensando

então não era muito difícil se abrir com ele. Quando surgia algum problema ou dúvida, ele tinha o conselho certo. Acho que era por isso que todos na Aldeia recorriam até ele quando havia algum problema.

Meu pai conhecia todos os moradores e todos os moradores conheciam meu pai. Se o povo da Aldeia tivesse que escolher um líder, com certeza seria ele.

Bryan olha para mim como que procurando respostas e meu pai já deve estar ciente de tudo o que aconteceu.

-O dia de trabalho foi tranquilo. – Respondo com mais naturalidade o possível.

-É mesmo? – Meu pai ergue uma sobrancelha e olha para minha mãe que ri em silêncio. Dona Margarida está tão concentrada em terminar de comer para dar as sobras a Chuck, que nem presta atenção na conversa. – E depois que o trabalho tranquilo acabou, onde vocês foram?

-Dar uma volta... – Diz Bryan colocando mais purê no seu prato. Situações nervosas o deixam com fome, assim como qualquer outra situação.

-No rio! – Completo rapidamente. – Acabamos cochilando lá e por isso nos atrasamos.

Bryan sorri e balança a cabeça enquanto come aliviado. Algo na expressão de meu pai me diz que eu não vou sair tão fácil assim dessa.

Depois do jantar, enquanto Dona Margarida ajuda minha mãe com a louça, Bryan se deita e meu pai me chama para conversar em seu quarto.

-Então filho, você vai me dizer por que saiu da Aldeia hoje ou espera que eu pergunte ao Bryan?

Como sempre acabo contando tudo ao meu pai. Que fui treinar e acabei esquecendo uma de minhas facas lá e que tive que voltar para pegá-la. Conto sobre as criaturas e as facas em suas mãos.

-Eles tinham facas? - Perguntou abismado. – As coisas estão mais sérias do que pensei.

-Como assim?

Ele apenas balança a cabeça.

-Eu não sei... Algumas pessoas andam desaparecendo e eu acho que os coisas podem estar envolvidos.

-Como assim desaparecendo?

-Nada com se preocupar por enquanto... –Ele me olha bravo. -Você não vê Sam? É perigoso ficar lá fora. Se algo acontecesse com você eu jamais me perdoaria. Me prometa que de agora em diante você não vai mais treinar na floresta, me prometa.

-Mas pai... – Tento argumentar, mas sei que será em vão.

-Sam... – Ele me olha com aquele olhar de desaprovação e eu estremeço só de pensar na ideia. Fecho a cara e faço que sim com a cabeça. Sua expressão se suaviza. – Sam, não me olhe assim. Você sabe que eu só quero seu bem, tem tantas coisas sobre o nosso mundo que você ainda não conhece...

-Então me conte! Já sou um homem o senhor não pode mais me esconder às coisas, me esconder do mundo... Eu não quero viver aqui para sempre pai...

-E você vai para onde? Você se esqueceu de que não há mais lugares para ir? Somos os últimos sobreviventes Sam. – Ele diz a última frase como se não acreditasse muito em suas próprias palavras. Sempre que chegávamos a esse assunto meu pai parecia esconder alguma coisa e toda vez que eu perguntava o que era ele se afastava e me mandava ir dormir, por isso dessa vez apenas olhei para ele com descrença e fui me deitar.

Eu não entendo. Por que eu nunca podia sair da Aldeia? Será que é mesmo só para minha segurança ou eu vou descobrir algo que ele não quer se me aventurar na floresta? Além disso por mais violentos que estejam não acredito que os Coisas seriam capazes de raptar pessoas, afinal eles também eram pessoas certo?

Apesar de meus pensamentos estarem a todo o vapor, meu corpo está exausto. Assim que deito o cansaço do dia todo me atinge e eu pego no sono.

Se tem um dia em que eu não tomo banho, esse dia é sábado. A maioria das pessoas pode achar nojento ficar um dia todo sem tomar banho, mas se elas vissem como fica o rio no dia de sábado provavelmente ficariam sem tomar banho nele uma semana. Só o fato de o esgoto aumentar nos dia de sábado (mais ricos de folga, ou seja, mais ricos atoa tomando banho e fazendo suas

necessidades naturais) já seria um bom motivo para ficar longe do rio, porém há mais: Os moradores da Aldeia adoram nadar no dia de sábado; deve ser por que a maioria não tem nada para fazer, mas enfim, as crianças brincam no rio em meio aos dejetos enquanto seus pais apenas observam e acham graça, é quase como se dissessem “*Olha lá meu filhinho que lindo com uma bosta alheia nas mãos.*”; se as crianças fossem as únicas ainda seria plausível, mas o problema é que os adultos se reúnem em seus trajes íntimos esfarrapados e nadam também, como se estivessem em uma praia! Correndo pela margem do rio, chutando água na cara um dos outros, enquanto outros se afogam e engolem água rindo e dizendo: “*Normal tomo xixi todo dia no café da manhã.*” A cena é lamentável.

-Não entendo por que eu tive que vir aqui com o senhor. Por que não posso ir pegar lenha?

-Por que depois de ontem não confio em você andando por aí sozinho. – Reviro os olhos e bufo. Sério? Quem ele acha que eu sou? Uma criança de dois anos que ainda não sabe atravessar a rua. *Nem rua nós temos!* - Olha Sam, prometo que não vou demorar. Preciso só entregar esse facão para o Brant e já vamos pegar lenha tabom.

Não estava nada bom. Já não me bastava ter que ficar sem treinar, ainda tinha que andar com babá para cima e para baixo. Não vejo a hora de sumir desse lugar e viver sozinho.

Olho para o rio e a cada segundo me convenço mais e mais de que preciso sumir daqui e logo. A vida na Aldeia é boa, eu amo meus pais e tudo mais, mas essa vida, não é para mim.

Meu pai volta e caminhamos pela margem do rio em silêncio, deixando o barulho e as últimas casas da Aldeia para trás. Não estávamos tecnicamente na floresta, o chão aqui ainda tem barro e asfalto, algumas árvores têm uma casa ou um carro pendurado no meio e as plantas são menores. Quanto mais se entra na floresta, maior é a vegetação.

-Não entendo por que você ficou tão chateado por não poder treinar sozinho na floresta, digo você pode treinar no quintal de casa não é como se nunca mais pudesse atirar facas pra lá e pra cá. – Diz meu pai pegando galhos secos do chão.

-O problema não é não poder treinar na floresta, e sim o que isso representa para mim.

-E o que é? – Algo me diz que ele já sabe a resposta, mas respondo mesmo assim.

-Minha liberdade.

Ele da risada.

-Acho que você está exagerando um pouco... – Olho para ele com uma cara de quem diz “*serio?*”- Não me olhe assim! Eu e sua mãe lhe damos muita liberdade.

-Como, por exemplo?

-Te damos seu quarto.

-Isso não é liberdade é privacidade; além disso, onde diabos eu dormiria? Na cama com vocês?

Ele abre a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas fecha. Um longo momento se passa antes que ele diga alguma coisa de novo.

-Sabe Sam... Eu e sua mãe nos esforçamos muito para criá-lo, e educa-lo. Você tem muita sorte em comparação com os outros moradores daqui e sabe disso. Será que você pode pelo menos ficar feliz pelo o que você tem?

-Eu sou feliz e muito grato por tudo o que vocês fizeram até agora, mas o senhor não acha que está na hora de viver minha própria vida?

Eu não queria contar meus planos a ele. Sair da Aldeia e tentar a vida em outro lugar longe daqui é apenas uma ideia que vem se concretizando em minha mente, só para mim e mais ninguém.

-O que você quer dizer? Você quer morar sozinho?

-Quero viver sozinho. Ir embora daqui. Viver com a natureza que é onde eu pertencço.

-E como você espera fazer isso? Você por acaso tem ideia dos perigos que essas árvores escondem? – Ele ri sarcasticamente, o que me deixa furioso.- Você é ingênuo Sam. Você não está pronto para morar sozinho e muito menos para viver sozinho. Seu lugar é comigo e com sua mãe.

Ele coloca a mão em meu ombro, mas eu a tiro bruscamente. Não consigo acreditar que ele tenha cuspido as palavras assim. Eu sempre fiz de tudo para que ele me considerasse responsável e forte e agora ele me diz que sou ingênuo? Não é justo.

Começo a andar de volta para Aldeia sem nem me lembrar da lenha. paro e digo rispidamente sem sequer olhar para trás:

-Talvez eu não queira ficar com vocês.

Me arrependo das palavras assim que ela saem da minha boca.

O rosto do dia é chato. Passo o sábado todo amolando minhas facas e mostrando a língua para Chuck. No jantar minha mãe parece chateada com alguma coisa, mas estou muito irritado para perguntar. Meu pai não me dirige a palavra desde cedo.

Cansado de tanto pensar me deito e tento dormir. Os minutos se transformam em horas. Simplesmente não consigo dormir. Me levanto e procuro meu cd player em meu quarto. Não está aqui, devo ter deixado na cozinha.

Assim que passo pelo buraco que chamo de porta ouço murmúrios no quarto de meus pais, assim me apresso para cozinha afastando o pensamento de que meus pais ainda fazem *aquilo*... Me sinto frustrado por não achar e acabo deixando para lá com medo de acordar Bryan ou sua mãe. Volto em silêncio para meu quarto e ouço soluços vindos da porta do quarto de meus pais que agora está entre aberta; minha mãe está chorando. Me aproximo da porta e tento ver alguma coisa mas meu pai está em pé bloqueando minha visão. O que é aquilo na mão dele uma bolsa? Uma mala?

Onde ele está indo?

Me aproximo mais para conseguir ouvir o que eles dizem.

- Por favor, meu amor entenda. – Era meu pai falando.

-Por quê? Por que agora?

-Devido aos murmúrios das pessoas eles acabaram prestando atenção demais em mim, e agora eles querem me matar e você sabe o porquê.

-Não, eles não podem.

-Sim eles podem e vão me matar de qualquer jeito, se eu sair agora pelo menos terei uma chance de escapar.

Quem queria matar meu pai? De quem ele precisava escapar? Por que?

-Não... Se você sair agora as Coisas podem te matar, você ouviu Sam, eles

estão armados agora.

-Eu já estou morto Evelyn! Se eu ficar vocês todos vão morrer e eu não posso permitir que isso aconteça. Por favor...

-Mesmo que você sobreviva Adam, para onde vai? E como vai chegar lá? A floresta está repleta de animais perigosos e tem o clima... Você sabe o quanto a radiação ferrou com tudo.

-Eu sei, mas eu preciso tentar, há boatos sobre um acampamento subterrâneo para refugiados ao norte do vale, chego lá com três talvez quatro dias de caminhada.

-Nós vamos com você...

-Evelyn pare... - Ele estava tentando ser firme, mas sua voz falhou e o traiu. Ele não quer ir, não quer nos deixar.

-Nós somos sua família Adam, você não pode impedir.

-Sim eu posso! Não vou colocar vocês em perigo sem ter certeza.

Meu pai se aproxima de minha mãe e beija sua testa.

-Você voltará para nos buscar?

-Eu prometo!

Por um longo momento eles ficaram ali, abraçados, sem dizer nada.

Ainda não consigo acreditar... Estão atrás de meu pai... Justo meu pai. Que sempre ajudou todos na Aldeia. Independente de quantas pessoas houvesse na sua família, cada homem da casa recebia um tanto de ração de Suvers e meu pai sempre dava nossa ração para os mais necessitados. *Como podiam querer matar um homem desses?*

-O que eu falo para Sam quando ele perguntar por que você se foi?

Essa é minha chance. Abro a porta e entro. Meu pai solta minha mãe devagar e me encara com o semblante caído.

-É pai, o que ela deve me dizer?

O rosto de minha mãe esta inchado, lágrimas escorrem feito chuva por

suas bochechas. Já nos olhos do meu pai as lágrimas se acumulam como se estivessem esperando o momento certo para cair.

-Sam eu... - O que quer que ele fosse falar foi interrompido por um som de um grito agonizante. E depois dois tiros. – Eles estão aqui eu tenho que ir.

-Oh não Adam não...

Minha mãe se entrega ao choro enquanto meu pai me dá um rápido abraço. Ele coloca as mãos ao redor do meu rosto e me faz olhar nos seus olhos agora dominados pelo terror. Ele está com medo; não por ele, mas... por nós. De repente eu não estou mais tão irritado com ele afinal das contas.

-Prometa que vai cuidar de sua mãe Sam, me prometa. – As lágrimas me atrapalham a visão, o nó em minha garganta me impede de respirar ou falar ou pensar. Pensei que já era um homem que podia aguentar qualquer coisa, mas não posso. Eu ainda preciso dele.

Confirmar com a cabeça é tudo que eu consigo fazer. Eu quero dizer o quanto sentirei sua falta, que isso não vai ser permanente que eu vou achá-lo, quero me desculpar por tudo que tinha dito mais cedo, me desculpar por magoá-lo e tantas outras coisas... Mas as palavras não saem, elas... Simplesmente não saem.

Como se lesse meus pensamentos uma última vez meu pai assente e sorri. Olha para minha mãe e se vai. A porta da frente se fecha devagar e um silêncio incomum toma conta da noite. Os grilos não cantam e o vento para. E então dois tiros ecoam próximos a nossa casa. Dessa vez o grito agonizante sai da boca da minha própria mãe quando ela percebe que seu marido provavelmente acaba de ser assassinado.

— Eu posso dormir com vocês?

— Parado na porta do quarto de papai e mamãe. Sei que insisti para dormir no meu quarto essa noite por já sou bem crescido, mas eu ouvi as Coisas rindo lá fora; elas conversavam sobre me pegar.

— E houve Sam?

— Coisas querem me pegar.

— Você teve um pesadelo?

— Foi de verdade eles estavam atrás de mim.

— Já cá campeão, vou te contar um segredo, mas você tem que prometer de que não vai contar para ninguém. Promete?

— Só para mamãe?

— Não só para a mamãe.

— Certo!

— Então ele não é real Sam. É algo que está na sua cabeça te testando, ele quer saber se você é forte o suficiente para enfrentá-lo, e quando você parar de ter medo, você nunca mais vai ter medo de novo. Você me entendeu? Você precisa ser um homem Sam, para proteger sua mãe enquanto eu estiver fora.

— Já entendi muito bem as coisas que papai fala. Elas são bem confusas por isso sei que são importantes.

— E o senhor vai embora?

— Não campeão. Venha cá. — Ele me pega no colo e me deita entre ele e mamãe que continua dormindo.

— Sam.

1 não tiver medo hoje, vou poder trabalhar com você pai?

é claro campeão, você vai ser o melhor de todos os carpinteiros da sua idade.

ser igual a você pai?

Sam, você vai ser muito melhor do que eu jamais poderei ser.

primeira vez em anos eu estava com medo. Medo do futuro. Medo do presente. Medo de não conseguir as respostas para as minhas perguntas. Medo das respostas para as minhas perguntas.

a noite toda no quarto de meus pais, ao lado de minha mãe. Tenho medo de que se eu sair, mesmo que por apenas um momento, eu a perca também. Minha mãe pega no sono pouco antes do sol nascer e eu continuo ali, parado. Eu preciso dela nesse momento, mais do que ela precisa de mim na verdade, e só de saber que ela está aqui e viva... É suficiente.

consigo parar de pensar nas coisas que meu pai disse. Ele com certeza fez algo que chateasse o governo. É a única resposta, eles são os únicos que tem armas.

io devia ter o deixado sair. Talvez ele ainda estivesse vivo, ou talvez todos nós estivéssemos mortos. Nessa altura do campeonato eu já não sei qual dos dois é pior.

o tive coragem de ir procurar seu corpo. Sinto uma ponta de culpa, mas logo a afasto. Eu não teria encontrado de qualquer forma. Quando as pessoas morrem aqui, elas simplesmente desaparecem e agora pelo visto estavam desaparecendo antes mesmo de morrer.

de mim ainda acredita que a qualquer momento meu pai vai entrar pela porta e sorrir dizendo: “*Aha peguei vocês!*” E eu sei que isso é impossível, essa é a parte mais dolorosa.

resto da manhã vivendo minha vida através de uma janela. Eu vejo e faço as coisas, mas é como se eu não estivesse lá realmente. Digamos que estou no piloto automático.

leres vão fazer um pronunciamento ao meio dia. Como Bryan não sabe arrumar a antena da TV, tenho que me desligar de minha autodepreciação e dar um jeito no sinal. Ele e Dona Margarida não comentam nada sobre meu pai, e eu prefiro que continue assim.

as casas, por mais que estejam caindo aos pedaços, são obrigadas a ter televisões ou rádios, que são ligados toda vez que os líderes bem entendem. Os pronunciamentos variavam. Às vezes trata-se de cortes na ração, ou de o anúncio da morte de algum rico do qual nós não sabemos nada, novos colchões para o hospital e coisas do tipo. Mas, ultimamente os pronunciamentos têm sido sobre os rebeldes. Cada vez mais rebeldes conseguem ultrapassar o limite e roubar algo da cidade. Quando isso acontece os soldados revistam todas as casas da Aldeia e caso se encontre alguma ligação de qualquer morador com os rebeldes, eles são executados imediatamente, não importa onde: na frente de sua casa, ou na frente de seu filho de três anos de idade como aconteceu com o Sr. Wilson. Pobre Sr. Wilson; ele era apenas um pai de família que trabalhava duro para sustentar seus cinco filhos que no fim das contas só tinha se esquecido de guardar o seu livro favorito.

s são proibidos. Os líderes dizem que os livros só incentivavam as pessoas a fazer coisas egoístas e criavam rebeldes. Meu pai diz, *dizia*, que na verdade eles só querem nos manter ignorantes a respeito de tudo, para que sempre abaixemos nossas cabeças quando eles acharem conveniente. Nunca entendi por que ler faria tão mal, mas eu não entendia muita coisa. Como, por exemplo, o fato de terem matado meu pai. De qualquer forma, nós não ligamos para essa regra; no nosso quintal há pelo menos três caixas enterradas cheias de livros, manuais de aparelhos eletrônicos há muito tempo destruídos, HQs, guias de cinemas e dicionários que meus pais acharam nos últimos anos. Eu havia lido cada um pelo menos cinco vezes.

mos todos no colchão da sala e assistimos a tela azul até o pronunciamento começar. O clima na nossa casa está tenso, ninguém sabe exatamente o que dizer então, ninguém fala nada.

íbolo do governo aparece na tela e eu quase dou risada. O símbolo é uma mão saindo da terra, e de acordo com eles se trata de uma homenagem á todas as pessoas que haviam sobrevivido a Devastação, mas é difícil achar isso honroso quando o símbolo na verdade não se passa de um grande plágio da capa de um filme antigo chamado A madrugada dos Mortos. Em seguida o Presidente dos líderes começa a falar. Nunca vemos seu rosto, tudo o que aparece em todos os pronunciamentos é um microfone, suas mãos segurando um papel branco com o emblema do governo no meio e uma parcial de sua boca.

dia cidadãos da Nova America. Como todos vocês já sabem há cinquenta anos nossos ancestrais sofreram grandes perdas e pensaram que seria o fim de tudo, mas não foi. Nós surgimos das cinzas de uma nação devastada e reerguemos a

America, e nós vamos continuar a fazê-la crescer. –Sempre a mesma baboseira de sempre: *Eles sofreram, nós sofremos, parabéns escravos continuem assim viva a Nova America uhul.*- Mas para isso precisamos do total apoio de vocês. Apesar do pequeno limite... – *Vários seguranças vestidos de preto e armados da cabeça aos pés.* -... Que nos separa para nossa própria segurança... – *A segurança deles.* -... No fim do dia somos todos iguais e em breve, assim que os perigos forem controlados, essa fronteira não existirá mais e vamos todos viver juntos como a grande família que somos... – *Felizes para sempre! Bleh.Será que alguém acredita em todas essas mentiras?*- Bom infelizmente existem alguns indivíduos no nosso meio que pretendem acabar com esse futuro, e nós não podemos deixar isso acontecer. Foram identificados entre nós rebeldes, que se autodenominam: Filhos da natureza, mas que não passam de aberrações, ladrões, desordeiros que querem acabar com o mundo maravilhoso que estamos construindo e devido a isso, medidas drásticas terão que ser tomadas. A partir de hoje, todos os rebeldes e seus colaboradores serão capturados e lavados sobcustodia do governo, e caso não colaborem com as autoridades... Serão executados. Mas não se preocupem inocente povo da Aldeia, pensando em vocês, nós trabalhamos noite e dia para desenvolver uma nova tecnologia que detecta aberrações medindo o nível de radiação contida em seu sangue. A partir de amanhã todas as pessoas serão alcançadas em suas casas e os rebeldes sumiram do nosso meio. Que venha a paz que a Nova America nos traz! – *Clichê!* – Tenham todos um bom dia.

pronunciamento me pareceu um pouco confuso. Não sei como esse aparelho funciona, mas não parece correto identificar um rebelde pelo nível de radiação em seu sangue. Pelo o que eu sabia todos nós temos certo nível de radiação no sangue. A maioria das mulheres nem têm cabelo por causa disso.

Qualquer forma meu luto acaba me tirando de meus raciocínios, me arrastando de volta a realidade da minha família. Sem poder olhar ninguém nos olhos, me tranco em meu quarto e lamento mais uma vez ter deixado meu pai partir sozinho. Não consigo afastar o pensamento de que talvez pudesse ter ajudado. Eu nunca mais o veria e não teríamos nem a chance de enterrar o seu corpo. Todo aquele papo de permanecer junto, para ele ser o primeiro a nos abandonar. Agarro as cobertas e choro o resto do dia. O sono finalmente decide se aproximar; fecho meus olhos para que ele me abrace, mas alguém me balança. *Otimo.*

my, acorda! Nós precisamos ir.

lha mãe; ela esta pegando minhas coisas e as colocando em minha mochila. Isso não pode ser boa coisa. Seu olhar não estava mais triste, estava confuso; uma mistura de preocupação e medo pairavam sobre seu rosto a envelhecendo uns

dez anos.

is de ter colocado roupa, minha escova de dente, meu cd player e mais algumas coisas na mochila, percebendo que eu ainda estava imóvel, minha mãe me da um tapa na cabeça.

os Sammy, temos que nos apressar, já vai amanhecer.

? O que a senhora... Ir? A onde vamos?

1 a cabeça está latejando, meus olhos estão inchados e eu mal enxergo devido ao choro e ao sono.

tenho tempo para explicar apenas levante e calce as suas botas, tudo que precisamos estão nas mochilas. Pegue seu estojo e vamos.

acordado, meio dormindo, amarro meu estojo de facas que mais parece um colete, deixando assim quatro facas de cada lado do meu corpo, e calço as botas.

mos pela margem do rio, passando rente pela fronteira da cidade, e sem saber por que, conforme andamos nos escondemos nos arbustos. Luzes roxas e vermelhas pincelam o céu conforme o sol começa a dar as caras. Caminhamos mais de uma hora até nos distanciarmos um pouco da Aldeia, a ponte que atravessa o rio ainda está longe, mas de acordo com minha mãe chegaremos nela antes do anoitecer.

a onde estamos indo?

e. Acampamento subterrâneo dos... - Ela fez uma pausa lendo algo no papel que estava segurando. -... Dos filhos da natureza? Estamos procurando um tal de Steave.

e entrega o papel e logo noto a caligrafia de meu pai.

eu não sobreviva e as coisas fiquem complicadas por ai, pegue Sam e vá para o norte, depois das montanhas há um acampamento de um grupo chamado Filhos da Natureza. Confie neles. Chame o Steave. Amo vocês."

da Natureza era o nome que o líder usou para se referir aos rebeldes. Talvez meu pai estivesse mesmo envolvido com os inimigos do governo

ei isso ontem debaixo do meu travesseiro. Acho que agora as coisas ficaram meio complicadas.

tem algo a ver com o pronunciamento? Por que saímos às pressas de casa? O que está acontecendo mãe?

Sammy, respire. Uma coisa de cada vez. Vou explicar tudo o que eu sei eu prometo. Agora ande mais rápido, ainda estamos muito perto da Aldeia eles podem nos encontrar.

o não são *eles* mãe? O que *eles* querem?

são o governo meu filho, e honestamente não sei o que querem.

nas onde nós nos encaixamos nisso? Por que o governo está atrás de nós?

que somos especiais Sammy...

o está dizendo que o governo está atrás de nós por que somos mentalmente atrasados?

o risada e eu não posso fazer nada a não ser rir junto. Seu sorriso é contagiante, mas acaba tão rápido quanto começa.

especiais assim... Especiais tipo, diferentes.

desembucha logo.

om é o seguinte. Eu e seu pai somos... - Ela para de andar e vira a cabeça na direção do rio como se estivesse ouvindo algo. - Shhhh. – Fala colocando o dedo na boca para enfatizar o que disse. – Eles nos acharam, corre Sam e ache um lugar para se esconder estou bem atrás de você.

çamos a correr, eu na frente segurando a mão de minha mãe que corre logo atrás de mim. Entramos mais a fundo na floresta, saindo de perto do rio, despistando quem quer que tenha nos achado e é só quando me dou conta de que não estou mais segurando sua mão que percebo que minha mãe sumiu.

rito ecoa pela floresta. Eu reconheço esse grito. É o grito de minha mãe.

ço a correr em disparada por onde havíamos passado.

ontro deitada em um conjunto de raízes de árvores que parecem formar uma cama só para ela.

inho.

eito sangra, ela foi baleada.

!

olho ao seu lado e seguro suas mãos evitando olhar para o ferimento de bala no seu peito.

my...- Ela engasga. Lágrimas escorrem do seu rosto e do meu rosto também. Sua boca e seu nariz começam a sangrar e eu sinto minha cor sumir.

h mãe não fale... Tudo vai ficar bem eu prometo.

começa a apertar minha garganta outra vez, meus pulmões falham na tentativa de encontrar ar e eu começo a ficar tonto. Levo minhas mãos ao seu rosto em uma tentativa falha de lhe fazer um último cafuné. Minhas mãos tremem tanto que eu mal consigo acariciar seus cabelos.

ve... Diga a ele que eu me lembrei e que sinto muito.

enho tempo para pensar em suas palavras, ela começa a tossir e cuspir mais sangue.

mãe, por favor, mãe, não me deixe... Eu preciso de você mãe... Por favor, só... Por favor!

a mão a minha boca para conter um soluço, mas me arrependo no mesmo instante, o cheiro de sangue embrulha meu estomago.

e amo Sammy. – E a vida deixa seu corpo em um suspiro.

hos. Seus olhos. Estão fixos no nada em cima de minha cabeça. É difícil pensar que por trás daqueles olhos vazios já viveu alguém, que amou, que sorriu, que sentiu. Mas agora aqueles olhos não pertencem mais a minha mãe. Estão vazios, por que minha mãe não está mais ali. Ela se foi.

aço libertando todos os soluços que prendi dentro de mim.

o minha mão em seu peito, tentando fazê-la ressuscitar, como eles fazem no hospital quando alguém se afoga no rio. Nada.

os mãe. Por favor... – Imploro.

: tarde demais.

io sei o que fazer. Eu não consigo respirar. Um grito de dor escapa de minha garganta acompanhado por lágrimas e soluços. Minha mãe também não. Eles não podiam me tirar tudo.

á haviam me tirado tudo.

os segundos se passam até que eu ouça passos vindo em minha direção. Olho para trás de dou de cara com um soldado apontando uma arma para mim.

ele atirou em minha mãe? Foi ele que a matou? Eu não sei, mas alguém tem que pagar.

mente minha tristeza é substituída por uma raiva descontrolada, que me cega. E por um momento eu não exerço mais controle sobre meus membros ou decisões. A dor e a fúria tomam conta do meu ser e eu escuto uma pequena voz me dizendo para correr na outra direção, mas eu a ignoro e caminho em direção ao soldado.

deria atirar uma de minhas facas de longe e mata-lo mesmo assim, mas não é o suficiente; eu quero me vingar, eu quero fazer ele sentir a mesma dor que eu estou sentindo. Eu tenho que mata-lo com minhas próprias mãos, com o sangue de minha mãe nelas.

a maior faca e caminho mais rápido em sua direção. Ele grita palavras que eu não consigo entender, estou em outra realidade, nada mais faz sentido. Só há uma coisa clara: Ele tem que pagar.

omeça a atirar. Um. Dois. Três. Quatro tiros. Eu sinto todos eles rasgando minha carne, mas estou entorpecido pela dor emocional então eu vou em frente, não há dor física que supere minha perda. Continuo correndo em sua direção, tiro a arma de sua mão com um golpe e antes mesmo que ele tenha tempo de se defender cravo minha faca com tanta força em seu peito que minhas próprias mãos começam a doer, mas eu não paro enquanto não afundo todo meu braço no seu pulmão e chego ao outro lado.

í faca e observo seu corpo mole caindo ao chão sem vida, como uma jiboia que observa sua presa caindo molenga após seu abraço mortal.

te escorre de meus braços até minhas mãos. Seu sangue.

mento de ira passa dando lugar a minha repulsa por sangue. Tento limpar meu braço freneticamente mas só faço o sangue se espelhar mais.

melhorou. Não curou. Ver o corpo mole do soldado caído no chão não me adiantou de nada. A vingança não me faz sentir menos perdido. Pelo contrário, acabo de tirar uma vida sem sequer saber se ele era realmente culpado ou inocente, e esse sentimento é bem pior que uma bala. E se fosse culpado quem sou eu para julgá-lo e executá-lo?

: foi que eu fiz?

ansaço atinge meu corpo e tudo ao meu redor começa a girar.

ue as árvores estão dançando?

jo o chão, mas eu não me lembro de ter caído.

i?

brilha, alegrando a floresta, debochando de meu momento de escuridão; seus raios atingem minha pele, mas eu estou cada vez com mais frio. Luto para manter meus olhos abertos, mas eles não me obedecem mais. A última coisa que eu vejo são os olhos vazios de minha mãe.

noite mãe. – Sussurro.

cada centímetro de meu corpo se congelar e então eu morro.

Capítulo 04

vez conheci um dos amigos de trabalho do meu pai. Seu nome era Bruton e ele tinha mais ou menos uns 49 anos. Quando a Devastação chegou ele era apenas um bebê, e por um acaso, ou por causa de sua mãe que o escondeu debaixo de uma pia de metal, Bruton sobreviveu e foi achado pela sua tia avó; todo o resto de sua família morrera aquele dia. Alguns anos depois Bruton superou a perda da família e construiu sua própria casando-se com Estela. De acordo com Bruton eles eram muito felizes ao lado um do outro. No aniversário de 15 anos de casamento do casal, Bruton decidiu fazer uma surpresa romântica para a esposa e a levou para o rio de madrugada (até mesmo por que não existe nenhum lugar mais apropriado para uma surpresa romântica que um corgo), e em uma triste peça pregada pela vida, Elena acabou escorregando e batendo a cabeça em uma pedra, morrendo na hora. Bruton fingia que não importava com aquilo, ele tinha certeza de que um dia encontraria todos os seus entes queridos em um maravilhoso paraíso espiritual, por que seu dia estava prestes a chegar. E estava mesmo de fato, uma semana depois de nos conhecermos Bruton morreu engasgado com uma raiz de árvore; mas quanto ao resto ele não podia estar mais enganado.

lá nada do outro lado. Não há outro lado.

rte não tem nada de especial. É como um sono profundo repleto de sonhos: sem sonhos, sem sons, sem sentimentos, sem dor, sem nada. É como se alguém desligasse seu cérebro. Um *blackout* total.

i disse. Eu morri.

n, não continuo morto.

nos que o céu seja uma floresta e tenha cadáveres nele, eu não estou mais morto.

1 cabeça dói. Eu levei tiros, mas não estou sentindo nenhuma dor. Não é como se eu levasse tiros o tempo todo mais ferimentos como esse deveriam machucar não é? Olho para meu corpo deitado ao lado do soldado morto, não estou sangrando.

lado morto. Eu o havia matado.

dor atinge meu peito conforme um buraco negro vai tomando conta de mim aos poucos, crescendo como se fosse um túmulo para cada cadáver que eu não pude

enterrar literalmente. Então eu começo o funeral. Enterro todos eles dentro de meu peito, junto com os sentimentos que trazem consigo só para ocupar mais espaço: primeiro meu pai e toda a culpa; depois minha mãe e toda a dor; e agora o maldito soldado morto e todo... Não encontro a palavra correta para definir como me sinto a respeito do soldado. Não estou necessariamente arrependido de ter matado-o, o que me torna uma pessoa horrível, mas me arrependo de ter atravessado o seu peito com minha faca. Talvez por causa de toda a sujeira e não exatamente por o ato ter o feito sofrer, o que deve me tornar uma pessoa mais horrível ainda. Mas, ele mereceu afinal ele matou minha mãe certo. Certo? Como se o fato dele merecer morrer mudasse alguma coisa. O buraco continua lá e o soldado continua morto.

Is a você, penso comigo mesmo.

Estou deitado e imóvel, não sei por quanto tempo fiquei assim, mas deve ter sido um bom tempo por que noto que há mais alguém aqui.

Soldado?

Então trago minha espada que está bem ao meu lado para mais perto de mim e continuo deitado, esperando os passos se aproximarem. Está quase aqui, já consigo ouvi-lo chegando. Só mais um pouco... E então agarro minha faca e me levanto rapidamente apontando-a para...

Garota (?)

Algo familiar em rosto... Tenho certeza de que nunca a vi em toda minha vida, mas um pequeno sussurro em meu subconsciente parece dizer que estou enganado.

Ita.

Ó Cristo! – Ela põe a mão no peito e recupera o fôlego. – Você está tentando me matar de susto Sammy? Falando em matar você não levou tipo quatro tiros como é tu tá vivo? – Tu tá? Da onde ela tirou isso? Seu rosto se contorce em uma careta engraçada, se não fossem pelas circunstâncias eu até daria risada. – Você está vivo né?

Com sim com a cabeça e ela solta o ar aliviada.

E chamou de Sammy? Como ela sabe meu nome?

Como você sabe meu nome?

eu não sei, digo, eu suponho que seja esse. – A encaro ainda confuso. Ela é estranha. - Eu ouvi aquela mulher te chamar assim, acho que ela era sua mãe certo? Sinto muito sobre isso. Desculpa não ter ajudado é que não havia muito que eu pudesse fazer.

Justiça me atinge com uma lembrança de seus olhos vazios. Não tenho coragem de olhar para o corpo morto de minha mãe, mesmo com a aquela agonia irritante me lembrando a cada segundo de sua morte, eu ainda não consigo acreditar no que aconteceu, foi tudo tão de repente.

to vontade de gritar, chorar e correr até não aguentar, mas não posso fazer isso na frente de uma estranha, ainda mais uma estranha tão... Estranha.

o eu sobrevivi?

o é que eu vou saber? – *Delicada*. Ela se agacha ao lado do corpo do soldado e começa a revirar seus bolsos. – Obviamente você é um mutante, caso contrário não teria sobrevivido. Talvez seu poder seja ser à prova de balas ou talvez você seja um zumbi. Espere. – Ela para e me encara com desconfiança. - Você não está com vontade de comer meu cérebro está?

inte?

Tipo os X-men. – Ela dá de ombros e tira algo do bolso do soldado virando-se para colocar na sua bolsa. – Desculpe você não deve conhecer os X-men. Eles são um...

ei quem são os X-men só não sei o que eles têm a ver comigo ou com o fato de eu ter sobrevivido aos tiros.

dição criou mutantes. Tanto animais quanto pessoas. Claro que os animais não têm super-habilidades, como nós gostamos de chamar, mas eles têm tipo uma pata a mais, dentes no lugar dos olhos e coisas assim. – Ela se levanta e me encara. – Como você conhece os X-men?

inta como se, de tudo o que estivesse acontecendo (bichos com dentes no lugar dos olhos, pessoas com superpoderes, soldados mortos) a coisa mais estranha fosse eu conhecer os benditos X-men. Definitivamente essa garota não é normal.

mentalmente normal.

sobre eles. Você disse *nós*? Existem mais... Pessoas especiais?

fale assim! Faz com pareçamos doentes mentalmente ou coisa do tipo. A palavra

certa é M-U-T-A-N-T-E-S! Seres geneticamente modificados pela radiação e sim! Existem outros... Estamos indo para lá. – Ela pega minha mochila do chão e me encara com outra careta engraçada. Da onde ela tira tantas caretas? – Você pode baixar sua... Faça agora.

para baixo e vejo que ainda seguro a faca ensanguentada apontada para ela. Limpo o máximo de sangue que consigo com a barra de minha blusa, coloco a faca no estojó junto das outras e a garota me joga a mochila.

os temos que encontrar uma caverna antes de anoitecer, essa região é muito próxima do rio da cidade, a temperatura aqui cai drasticamente à noite e tudo vai virar gelo. Não se preocupe, conheço uma há apenas algumas horas para o leste.

o acampamento não fica no norte?

: vira e como em um puf aparece em minha frente a centímetros do meu rosto segurando uma faca contra meu pescoço e outra contra minha nuca.

!/

o você sabe sobre o acampamento? Você é um espião? Quem mandou você? Não minta para mim.

perta mais sua faca e uma ardência se espalha pelo meu pescoço conforme a faca desliza em minha pele. Ela para. *Não mentir: Entendido!*

! pai disse que iria pra lá ontem, antes dele ser morto pelos soldados. Ele tinha ouvido uns rumores sobre isso é tudo que eu sei.

te encara e eu noto pela primeira vez que esta usando óculos de grau preto, quadrado. Só tinha visto óculos de grau uma vez em toda minha vida, em um dos ricos que morreram e apareceram no pronunciamento, eu não tinha gostado muito, mas eu gosto dos óculos dela, do jeito que ficam *nela*. Seus olhos são castanho-escuros, quase pretos. Até que ela é bonita. Os cabelos tem a mesma cor de seus olhos e estão presos em um rabo que cai em um cacho pelo seu ombro. Seu nariz é redondo, um pouco gordinho, mas não muito, sua forma realça seus lábios carnudos. Se ela não estivesse tentando me matar eu até a acharia atraente.

: não vai me matar.

e te faz ter tanta certeza?

erta mais a faca e eu sinto uma fina gota de sangue descer pelo meu pescoço.

to de que você, não pode me matar.

com um ar de indiferença. Ela não estava esperando por essa.

que não?

que eu sou um mutante zumbi se lembra.

ele solta decepcionada e sorri. Coloco a mão em meu pescoço e percebo que ele continua sangrando. Ela me cortou mais fundo do que pensei... Me lembro do sangue do soldado escorrendo pelos meus braços descendo por minhas mãos e estremeço.

cordade. Bom *Sammy Z*, hoje é seu dia de sorte. Estou de bom humor então vamos indo.

ty *Z? Mas que diabos?*

que eu iria a algum lugar com você? Você acabou de tentar me matar.

ta de ombros.

que sou sua melhor chance de chegar ao acampamento... *Vivo. -Ela tem um ponto. – Como você fez isso?*

que?

pescoço...

ti fez isso! Você me cortou se lembra?

ti podia ter esquecido não se passaram nem 2 minutos

ti disse, não sou louca. – *Tenho dúvidas quanto a isso.- Digo como consegui fazer sarar?*

que está falando eu não...

to a mão no meu pescoço novamente e nada, nenhum corte, nenhum sangue fresco, apenas uma linha seca. Ela tinha razão, eu me curei sozinho em menos de 2 minutos.

iro!

ti agora tudo faz sentido. – Diz como se a resposta fosse óbvia. – Sua super-

habilidade é se curar. Digo olhe suas roupas estão com marcas de bala, mas não tem nenhum machucado aí. – Ela encara meu abdômen por um momento demasiadamente longo e sem saber exatamente o porquê eu corro. Mas ela tem razão. Há sangue em minha blusa, na verdade em toda minha blusa, mas nenhum machucado. -Bem vindo aos X-men Wolverine.

omeça a rir. Sua risada é engraçada. Parece que ela está tendo um ataque de espasmos. Não sei como, ela apenas fica sem ar e balança os ombros. Não posso me segurar e começo a rir também. Toda essa situação é estranha, mas é bom saber que ainda existem pessoas com senso de humor e que eu sou uma delas.

gora nós precisamos ir Sammy Z. – Começamos a andar. Não demora muito até que ela abra a boca novamente. – Se eu pudesse escolher ser um mutante dos quadrinhos antigos eu seria o Batman.

o Batman não é um mutante.

? Ele é foda do mesmo jeito. - Mais uma vez ela tem um ponto. – E quanto a você? O que escolheria.

1an. Definitivamente Batman.

1 começando a gostar de você Sammy.

1ém me chama assim além de minha mãe, ou me chamava, mas desde que a garota deixe o Z fora disso eu não me importo.

omeça a tagarelar assim que saímos da parte conhecida da floresta.

1r de passar a maioria do tempo, durante praticamente minha vida toda no meio da floresta, eu nunca pude ir muito longe devido à aquela história de ter que voltar antes do anoitecer; então a partir de agora tudo para mim é novo, mas mesmo assim faço questão de prestar mais atenção ao que ela diz do que no caminho. É um pouco difícil no começo por que tudo parece ficar maior e mais bonito conforme caminhamos.

nenos ter minha atenção dividida entre prestar atenção nela ou na floresta, me distrai de meus próprios pensamentos e eu não estou preparado para enfrenta-los agora, não sei nem se estarei preparado para enfrenta-los algum dia, então me deixo levar pela conversa.

o sei seu nome, mas descobri praticamente sobre sua vida toda. O tal do Steve que meu pai falou é seu “mentor” e um dos caras que comandava o esquema no

acampamento; Apesar de ter muita consideração por ele, ela nunca teve coragem de chama-lo de pai. Apesar de não saber nada sobre eles, a garota parece ter certeza de que eles estão vivos apenas esperando que ela os encontre. Steave a havia achado sozinha na floresta ao redor do acampamento, com aproximadamente cinco anos idade, ainda sem saber falar ou andar, mas de acordo com ela rosnando muito bem; apesar da idade ela não se lembrava de praticamente nada sobre sua vida na floresta, ou antes dela; não fazia ideia de como havia parado lá e se tinha ficado sozinha durante os 5 anos.

oi criada com mais duas crianças, Maria e Will. Eles eram mutantes também, mas ela não mencionou suas habilidades. Ela vivia escapando do acampamento para passar tempo na floresta; assim como eu ela prefere o ar livre e a estranha privacidade que a mata proporciona. Apenas cinco pessoas sabem exatamente a localização do acampamento, e ela era uma delas.

uma pequena esperança crescendo quando ela diz que havia terminado seu namoro com o Will há dois meses atrás. Eles namoravam á algum tempo, mas viviam brigando por que ele não a “ouvia”. Me senti tentado a perguntar como isso era possível visto sua enorme facilidade em tagarelar, mas decidi que era melhor não interromper. Quase fico decepcionado ao saber que essa não é a primeira vez que eles terminaram, mas ela diz que dessa vez é para valer. Ela não parece magoada com o termino do namoro. Na verdade ela fala disso com tanta naturalidade, como se terminasse namoros com a mesma facilidade que se corta o cabelo.

nto isso com ela fazendo a imitação de sua voz mais lamentável que ela provavelmente ouviu.

tei meu cabelo hoje você gostou? Por falar nisso também terminei o namoro. O que achas?”

çamos a rir e chego à conclusão de que eu gosto de suas explosões espasmáticas.

ios um bom momento apenas olhando um para o outro enquanto nossa risada se dissolvia em um sorriso tímido.

algo de dentro de mim, revirando meu estômago. Acho que são gases. Não consigo me lembrar da última vez que fui ao banheiro. É bem difícil usar o banheiro quando sua casa é praticamente lotada como a minha. Como não temos esgoto, o banheiro é praticamente uma privada com um balde dentro; depois que você acaba o que tem que fazer, ou você pega o balde e leva até o rio para jogar os dejetos fora, ou você cava um buraco em algum lugar e joga a bosta nele. Posso afirmar com certeza de que ambas as opções são constrangedoras.

ga de falar de mim, tendo a falar pelos cotovelos quando encontro um bom ouvinte, acho que de alguma forma meu cérebro tenta compensar os cinco anos que ele me privou de falar. Seis, se você contar o ano que eu ainda estava aprendendo. De qualquer forma, me fale sobre você. Por que você e sua mãe estavam fugindo e Sammy é seu nome mesmo? Não me leve a mal, mas é um nome meio afeminado não acha?

disse mãe!

nome na verdade é Sam. Sam O'connell... Shaw, pra combinar. E eu não sei por que estávamos fugindo, minha mãe me acordou de madrugada e disse que tínhamos que sair. Talvez tenha algo a ver com o pronunciamento dos líderes sei lá.

que o que eles disseram?

todos iam ter que fazer um teste de radioatividade ou algo assim.

deus então eles conseguiram.

conseguiram o que?

passado, quando eu estava espionando o laboratório do acampamento, eu vi os papéis de um protótipo do aparelho que o governo usa para identificar o nosso DNA, assim é mais fácil eles descobrirem quem é mutante e quem é normal, por assim se dizer. Mas era só uma ideia como será que eles conseguiram em tão pouco tempo? Só sei que provavelmente eles têm acesso a tecnologias mais avançadas do que nossos espiões contam.

provavelmente têm acesso à toda aquela tecnologia do passado sabe... De antes do quase-fim-do-mundo.

certeza eles têm! Eu já vi muitos brinquedos legais na casa dos moradores de Suvers também.

o que já morou lá dentro?

eu só entro lá para roubar as coisas legais. Foi assim eu consegui um aparelho antigo que eles chamavam de *banana-pod*. Assim é bem ultrapassado, mas da de 10 a 0 no seu cd player, eu nem sabia que essa coisa ainda existia.

o que não tínhamos energia na Aldeia, eu sempre tive que descartar os aparelhos tecnológicos que encontrava, por isso me contento com o velho cd player de meu pai com seu único cd de rock's clássicos; eu não faço a menor ideia de onde meu

pai conseguiu aquele troço, eu não posso deixar ela falar assim da minha relíquia.

m presente do tataravô do meu pai ta legal. Como você sabe que eu tenho um cd player?

lhei sua bolsa enquanto você estava brincando de morrer.

uma boa maneira de colocar as coisas.

ira de repente e me puxa o que me faz parar também.

re um minuto.

e foi?

nome forma mesmo a sigla S.O.S? Socorro.

omeça a ter um ataque de espasmos novamente e eu reviro os olhos. Não é a primeira vez que eu ouço essa piada.

rotos da vizinhança adoravam implicar com meu nome e como eu sempre fui cabeça quente, adorava que eles me dessem um motivo para arrumar briga.

açadinha.

uo andando e a deixo para trás.

espera. – Grita ela. E de repente ela esta ao meu lado.

o você fez isso?

e?

você estava lá e agora esta aqui.

puff!

me?

ff! É como eu chamo minha super-habilidade. Eu simplesmente puffo assim.

iz o puff. Simplesmente se teletransporta para cima da árvore gigante que está a alguns metros na nossa frente e depois volta para meu lado.

impressionante.

!! Então você pode se teletransportar para onde quiser? Tipo qualquer lugar do mundo?

.. Só para lugares que eu sei onde ficam, ou existem. É difícil explicar mas, por exemplo, uma vez tentei me teletransportar para a antiga França sabe, mas acabei dentro da toca de um urso nada simpático. – Ela ri, e eu também. - Mas se eu tiver certeza para onde quero ir eu consigo.

o por que estamos andando? Por que você não me teletransporta junto com você para o acampamento?

que você não aguentaria. Levar pessoas para dois metros a minha frente já é arriscado, imagina a uma distância dessa. Meu corpo é acostumado com os puffs, mas as pessoas geralmente passam muito mal, acredite. Quase matei Will uma vez, ele ficou em coma durante três dias. Isso por que eu só o levei da porta do seu quarto até o salão de jantar... Era seu aniversário de 18 anos e ele teria sua primeira festa surpresa... Digamos que no final foi uma surpresa. Eu estraguei tudo como sempre.

onfiança e otimismo de repente somem de seu rosto deixando um olhar cheio de rancor e magoa.

cil se lembrar de que ela é órfã com todo aquele otimismo, mas sua vida deve ter sido bem dura.

seja tão dura com si mesmo, você não sabia.

: provavelmente tem razão, mas eu meio que me acostumei a estragar tudo.

stá prestes a chorar então eu mudo de assunto.

sei se é por que tenho medo de chorar junto ou por que eu me sinto desconfortável vendo mulheres chorar. Talvez seja os dois.

o... Como funciona essa coisa de super-herói? Nós temos uniformes ou coisa do tipo? Por favor, me diga que nossas cuecas ficam dentro da calça.

risada e o clima se alivia novamente.

s no acampamento usam a mesma roupa feita de um tecido sintético que se adapta a nossas habilidades, elas são super legais, mas nunca podemos sair do acampamento com elas.

juê?

Ve tem medo que os governos descubram e copiem.

governos?

Os outros líderes, das outras cidades... Ou você acha mesmo que depois de 50 anos após o quase-fim-do-mundo, a sua Aldeia é a única que existe?

disseram que éramos os únicos sobreviventes.

edite você sabe muito menos do que imagina.

Capítulo 05

na passada eu estava enchendo meu copo de água, com o galão e acabei me distraíndo com Chuck; o copo transbordou e derramou água pela cozinha toda. Eu já havia parado de encher o copo mais ainda sim ele deixava cair gotas e mais gotas de água no chão.

Assim que eu me sentia agora: um copo cheio de água prestes a transbordar. Temo que se perguntar mais alguma coisa, sobre qualquer questão que envolva governo, mutantes ou gente morta, essa será a última gota d'água que fará meu cérebro transbordar, deixando as informações escaparem pelos ouvidos, pelo nariz ou pela boca.

! Já está quase se pondo e tudo o que eu quero é descansar. Não consigo me lembrar da última vez que dormi ou comi direito. Como que se acionado, meu estômago ronca me dando um lembrete de que já faz tempo. Pelo visto minha habilidade de se curar não se aplica a fome.

Isamos parar, preciso comer alguma coisa.

se preocupe já chegamos.

nos em uma parte irreconhecível da floresta

! não tem só árvores gigantes que cresceram em carros ou casas abandonadas, e asfalto misturado com barro como ao redor da Aldeia. As árvores aqui são de todos os tamanhos, a maioria tem frutos e plantas crescendo ao redor delas. Flores de todos os tipos e cores que eu nem sabia que existiam. O chão é pura grama e folhas secas.

ndo não havia quase acabado como pensávamos. Ele havia renascido. Ele estava lindo.

! –Suspiro.

e olha sorrindo como se soubesse exatamente no que estou pensando.

ndo né... Espera só até você ver o rio que tem mais pro leste. Claro que para você serão dias de caminhada até ele, mas vale a pena. É de tirar o fôlego.

quanto aos animais? Eu não vi nenhum no caminho...

esse lado tem mais roedores dificilmente os vemos. Os pássaros ficam perto da água. Os animais maiores ficam mais no centro naquela direção. – Fala apontando para o leste – Nós vamos para lá. –Aponta para o norte. – Infelizmente vamos ter passar pelos cervos.

O problema nisso? Que eu saiba eles não são carnívoros.

não são. O problema é que eles são... *A comida.*

eu olho nos seus olhos para entender o que ela quis dizer;

também.

eu não queria fazer isso, mas não tenho escolha, temos que entrar e só há um jeito.

eu ando ao redor procurando cavernas, ou carros abandonados do qual era possa se referir, mas não ha nada. Não há onde se esconder.

eu fixo meus olhos para ela, que me devolve um olhar travesso e um sorriso malicioso. Isso não pode ser boa coisa.

onde vamos?

eu aponto para uma árvore gigante atrás de mim, usando um sorriso glorioso nos lábios. Se eu não estivesse tão assustado eu poderia com certeza me apaixonar pelo seu sorriso.

eu olho para ela como subirmos nessa árvore, olhe o tamanho desse tronco, cabe umas cinco pessoas ai dentro... -*Oh não.* -Por favor, me diz que você não está pensando...

ela agarra meu braço, e uma onda de pânico percorre minhas espinhas. Sim ela está pensando em entrar no tronco da árvore.

isso é loucura. – Digo.

louca.

eu olho para os olhos Sammy, sempre ajuda. A primeira viagem é sempre a mais difícil. Segure-se...

que?

minim oras...

to sua cintura a puxando para mim e fecho os olhos com toda minha força esperando o impacto, mas nada vem.

ndo para que ela tenha desistido, abro os olhos e vejo que não estamos mais na floresta. Está tudo escuro, apenas um fecho de luz sai de um dos buracos da parede, ou devo dizer... Do tronco? Ela conseguiu. Inacreditável.

.. Sammy?

ico muito feliz em saber que você não está vomitando suas tripas agora como a maioria das pessoas fazem, mas... Ân... Eu acho que você pode me soltar agora.

l estamos colados. Nossos rostos estão a centímetros de distancia um do outro e quando meus olhos se encontram com os dela eu a solto sem graça.

rangedor.

o... Como você achou esse lugar?

mino ao redor.

aco é duas vezes o tamanho do meu quarto. Tem cobertores no chão, uma caixa de madeira cheia de latas que eu não faço a mínima ideia do que são está ao lado de outra caixa maior, fechada; um objeto familiar está pregado acima das caixas, na altura dos olhos. Acho que é um lampião.

que fiz. Quando quero fugir dos problemas venho para cá. Claro que eu fui atacada por esquilos-barras-gambás que moravam aqui em um buraco bem pequeno, e eu também passei vários dias cortando parte da madeira e a levando para fora. Cortando e levando, cortando e levando, cortando e levand...

quei.

rrompo. Temo que se eu deixar, ela demorará mais que o necessário apenas “cortando e levando”.

n... Deu bastante trabalho para fazer o teto, mas *voalá*. Bem vindo a minha verdadeira casa. Sinta-se honrado você é primeira pessoa que trago aqui. Ah e

obrigada por não vomitar na minha cama.

ada?

ori e caminha até o objeto pendurado o apertando na parte de cima o fazendo acender. Pelo visto é mesmo um lampião, um pouco mais moderno que o dos livros, mas não deixa de ser um.

ento tirando a mochila das costas e o estojo de faca do peito. Deus como estou exausto.

que minha mãe colocou algo para comer na mochila?

demora a abro e tiro as coisas de dentro. Uma escova de dente, pasta, uma toalha, cuecas (*Tê amo mãe*), três batatas doce enormes, uma blusa de manga, minha blusa preta surrada, uma calça e uma garrafa cheia de água.

a garrafa e levo a água à boca. Só me dou conta do quanto estou com sede quando começo a beber.

para a garota, ela está me observando um tanto curiosa. Ofereço um pouco de água, mas ela recusa mostrando sua própria garrafa. Pego uma batata doce e divido no meio. Me levanto segurando as duas metades da batata e sento-me ao seu lado.

e é isso?

ta doce. Você nunca comeu? – Ela faz que não com a cabeça. – Você tem que experimentar é muito bom. Tome.

go uma das metades para ela que a leva para boca relutante. Da uma mordida e por um longo momento mastiga. Faço o mesmo.

o... O que achou?

anze o cenho em uma expressão de nojo e depois sorri.

mei! Isso é muito bom. Nunca comemos frutos. No acampamento tem bastante comida, mas é tudo enlatados.

e é *enlatados*?

.. - Ela pega uma das latas e balança na mão. - É basicamente comida dentro de uma lata.

entido.

il...

ia vez.

lo que?

o mostrar algo gostoso. – Ela nota o sorriso no meu rosto e enquanto abre uma das latas com uma faca ela revira os olhos. – Quero dizer algo gostoso para comer. – Deixo escapar uma risada e por mais que ela tente segurar ela também sorri. – Homens... Por que vocês são tão tontos? Toma.

ão impressionado com o fato de nos conhecermos a tão pouco tempo e já sermos praticamente íntimos ao ponto de fazermos piadas e não nos constranger com elas, que nem noto a ofensa.

a lata e a colher de sua mão e olho para a meleca nada apetitosa dentro da lata.

o é isso? – Confesso que estou um pouco apreensivo, a coisa parece gosmenta. – Isso é estranho.

m. Coma logo.

ca me observando enquanto eu levo uma colher cheia de pudim à boca.

e. Muito doce. E ao mesmo tempo é bom. Muito bom. Eu sorrio para ela e como mais dessa meleca deliciosa. Ela abre outra lata e começa a comer.

ue não me contou seu nome?

ue você não perguntou...

perguntei sobre sua vida também, mas você me contou mesmo assim.

om medo de ter sido rude, mas ela não parece se importar. Simplesmente da de ombros enquanto engole seu pudim.

e tem?

nome. É Cat.

Por que você rosnava?

bém... E por que a primeira palavra que eu disse quando estavam tentando me ensinar a falar foi gato. E depois asas. E depois gato com azas. Fiquei repetindo isso por um bom tempo.

ocê deve ter visto um dos gatos-morcegos quando era criança. Acredite, eles não simpáticos. Você provavelmente deve ter ficado traumatizada.

-morcego?

.. Parece um gato, só que com asas, e juba e dentes afiados. Pensando bem eles parecem mais um mini-leão-com-assas. Assustador.

e você disse?

: aproxima me encarando.

:ço a me afastar discretamente para caso ela decida pegar a faca novamente, mas me lembro de seu puff e que eu me curo então volto ao lugar.

stador?

antes...

-leão-com-assas?

..

o...

o te contar uma coisa meio louca?

coisa?

o. Estou aqui para te ouvir e usufruir de suas coisas gostosas.

o e ela me da um tapa sorrindo também.

io Sam... Eu sonho com leões com asas desde pequena. Me disseram que esses bichos não existiam e que era minha imaginação mas você viu também...

eu vi. Pelo menos a miniatura deles, eles são bem reais.

a... – Ela se vira encarando o chão. - Eu sempre pensei que era louca, quero dizer, algumas vezes eu achava que eles me seguiam, mas eu dizia pra mim mesma: *Pare, você está delirando leões não voam e muito menos seguem*

peessoas. Mas é possível certo? Me conte mais. Quando você viu esse tal gato morcego, como ele era?

hega mais perto, coloca as duas mãos no rosto e espera que eu comece a falar, me olhando como se fosse uma criança esperando seu pai lhe contar uma história. E é isso o que eu faço. Conto tudo. Não só sobre o gato, mas sobre minha vida toda. Minha infância, meus pais, a vida na Aldeia... E apesar de saber praticamente sobre tudo da Aldeia, ela deixa que eu fale sem me interromper até acabar.

o você nunca beijou uma garota?

ro. Não esperava por essa pergunta.

odas as coisas que eu acabei de te contar é sobre *isso* que você tem mais curiosidade?

.. Quero dizer, não. – Agora ela é quem fica vermelha. Ela se endireita e encosta na parede (?)– Por que vocês nunca se rebelaram contra os líderes? Digo, está mais que na cara que eles escondem as coisas de vocês, exploram vocês e ainda por cima mentem. Vocês não conseguem ver por que se trancam em suas casas durante a noite, mas eles têm energia de sobra Sam, eu não sei como, mas eu vi. Eles têm um reator nuclear. - *Bom pelo menos não são escravos como eu pensava.* - Com a energia que sai daquilo, eles poderiam iluminar a Nova America inteira..

ão sei... – Dou de ombros. - Acho que o povo se acostumou com a situação que vivem. É óbvio que eles sofrem injustiças, já vi muitas pessoas passando fome, mas acho que ninguém teria coragem de se opor contra o governo, na verdade acho que ninguém se importa.

lança a cabeça como se essa situação realmente a deixasse triste.

pisca até se apagar totalmente. Ouço Cat bocejar e se deitar. Aproveitando o embalo me deito ao seu lado. Não consigo vê-la, mas sei que ela está bem próxima, posso sentir o calor de sua respiração

noite Sammy. – Ela sussurra.

noite Cat.

olhos estão pesados como se fossem chumbo e o cansaço me atinge em cheio, não me deixando outra escolha a não ser abraçá-lo e dormir pelo resto da noite.

nda bela adormecida! – Cat grita varias vezes em meu ouvido.- Ta acordado? Acordou?

fcil não acordar com uma taquara rachada gritando em meu ouvido. – Resmungo.

ara rachada? Essa expressão é mais antiga que minha vó.

em conhece sua vó.

Aposto que ela é antiga.

é louca.

ostra a língua e eu dou risada.

titude me lembra o gato endiabrado de Bryan.

1... Me pergunto como será que ele esta ou como estão as coisas lá em casa; sem os frutos do jardim de minha mãe para alimenta-los Bryan teria que trabalhar mais. Sinto sua falta, queria que as coisas tivessem ocorrido de maneira diferente e que ele estivesse aqui comigo também, mas é essa a minha realidade agora e eu tenho que me acostumar com ela.

veito o buraco em meu peito e jogo toda a saudade de casa e do meu amigo dentro dele, esquecendo esses sentimentos por enquanto.

os está na hora do banho, você está cheirando a peixe morto.

mentário dela devia me envergonhar, mas eu já me sinto tão à vontade com seu modo de fazer observações que apenas sorrio. Às vezes sinto algo familiar em Cat, como se eu a conhecesse há muito tempo não sei...É estranho.

le vamos? – Pergunto tirando a remela dos olhos e jogando em sua cara. Ela revira os olhos.

te levar para conhecer o rio sobre qual falei, ao leste, e depois vamos puffar até o acampamento. Já que você se cura rápido acho que não vá morrer.

visto ela também se sentia a vontade comigo, pois estava com minha toalha e escova de dente em uma das mãos, enquanto carrega sua própria toalha e roupas na outra.

acha?

ão peguei suas roupas por que não sei qual você gostaria de usar hoje.

le quando você se importa com o que eu gosto? – Falo usando um tom de provocação.

tem razão não me importo. – Ela se abaixa coloca tudo em sua bolsa e levanta novamente. – Mas se você não decidir logo vai perder toda a diversão. A corrente da cachoeira aumenta agora, o que significa que os crocodilos gigantes se afastam da quebra, mas isso não dura muito então, a menos que você queira ser o almoço deles sugiro que se apresse.

o em seco.

a vi um crocodilo pessoalmente, mas eu já havia lido a sinopse de vários filmes sobre crocodilos e eles nunca me pareceram muito simpáticos.

minha mochila e tiro uma cueca preta, e minha blusa da mesma cor e as entrego para Cat que guarda em sua mochila.

re-se. – Diz ela.

vez eu apenas agarro sua mão. Mesmo um simples tocar em sua mão me faz sentir diferente. Antes que eu possa pensar no que isso significa, com apenas um piscar de olhos, estamos na beira de um longo rio.

hoeira é gigantesca, no mínimo 60 metros de altura. O barulho é ensurdecedor, mas ao mesmo tempo o som mais maravilhoso que eu já ouvi. Ao redor vários pássaros estão voando baixo tentando pegar os peixes que pulam na queda da cachoeira enquanto outros apenas observam nos galhos das arvores gigantes. Tudo aqui é maior e mais bonito. Vejo araras coloridas, tucanos com bicos exageradamente longos, e espécies de que nunca li sobre; o rio deve ter pelo menos um quilômetro de distancia entre uma margem a outra. Ele é tão claro que, mesmo na beirada consigo ver conforme ele se aprofunda, e os peixes seguem a sua correnteza. Me sinto uma formiga diante de tamanha imensidão e beleza. Cat tem razão. É mesmo de tirar o fôlego.

nenhuma palavra ela me entrega minhas coisas e um objeto pequeno cor de rosa, que eu presumo que seja um sabonete e se vira de costas. Tiro minhas roupas, as taco no chão e penduro minha toalha em sua cabeça. Não sei se ela fica brava, pois me viro e entro correndo na água para tomar banho.

a é extremamente gelada, mas não me importo, continuo entrando até ela bater em meu peito. Começo a me lavar e sinto um alívio imenso assim passo o sabonete em cima do sangue seco. O sabonete tem um cheiro doce que me incomoda á princípio, mas que se torna agradável assim que me acostumo com ele. A água ao meu redor fica vermelha conforme me lavo e as lembranças veem a tona.

lado mole no chão, meu braço atravessado em seu peito, minhas mãos sujas de sangue.

que ele tinha família? E se tivesse eles se vingariam também?

ulho depressa para afastar os pensamentos e de repente não estou mais tão contente por estar na água.

que saio vejo que Cat está virada para o rio, mas de olhos fechados. Pego minha toalha e a cueca que agora estão em suas mãos colocando o sabonete molhado no lugar delas. Me enxugo e visto a cueca.

de pode abrir os olhos agora. – Grito para que ela possa me ouvir.

bre os olhos e fica vermelha desviando o olhar rapidamente. Visto minha calça e ela me entrega suas coisas para que eu segure. Viro de costas e ela começa a se trocar.

intutos passam lentamente, cantarolo melodias de musicas clássicas que costumo ouvir e acabo notando que a maioria dos pássaros voaram para longe. Algo não está certo.

ne para gritar um aviso e vejo Cat de costas se banhando. Ela está mais da metade submersa, seu cabelo comprido escorre por suas costas até... *Aviso certo!* Fecho os olhos e grito.

e apreço.

um puff e sinto-a puxando a toalha de meus ombros.

e foi?

ássaros eles... – Os matos balançam ao redor e o som de vários galhos se quebrando fica claro. Inclino a cabeça e escuto o que parecem ser risadas baixinhas.- O que é isso? Risadas? Existem Coisas por aqui?

ça... Rápido pegue as coisas.

os olhos e a vejo vestida, agora calçando a bota. Olho para meus pés e me lembro de que ainda estou descalço e sem camisa. Pego minhas botas e as calço rapidamente.

ulho está mais alto agora, eles estão bem atrás de nos. Cat já pegou todas as coisas e está olhando para mim com seus óculos tortos. Agarro minha camisa enquanto ela agarra minha mão e bem na hora que quatro Hienas de mais ou menos um metro cada uma aparecem, estamos sentados no galho de uma árvore do outro lado do rio.

foi por pouco.

deio Hienas. Elas sempre andam em bando. Devem estar procurando alguma coisa.

ada delas é mais bonita que a sua.

a boca Sam.

os damos risada. Me viro com cuidado para não cair, de frente para ela e arrumo seu óculos. Meu olhar capta algo atrás de Cat.

lo, tem um ninho com três ovos gigantes, bem perto da cachoeira.

o que sei o que eles estão procurando.

o vira e vê ao que eu estou me referindo.

o de crocodilo. – Diz maravilhada.

o gino o tamanho do bumbum desse crocodilo.

o icamente quem bota ovo é a fêmea.

o odila? – Corrijo.

o icamente é crocodilo fêmea. – Corrije.

o inteligentemente irritante. E linda. Seus cabelos estão soltos e molhados. Eles são mais longos do que eu imaginava.

o o faz. Sabe o que eu não entendo? Se os ovos estão deste lado do rio, por que as hienas estão daquele lado?

o ão sei... A radiação deixou alguns animais mais inteligentes, outros mais burros...

Quem sabe esse não seja o caso delas.

que aquelas não são simples Hienas de um metro (como se isso fosse simples); elas têm um tipo de pele gosmenta que começa em seu peito até suas patas.

Se é aquilo no peito delas? – Pergunto.

Sei, mas olhe...

para o rio onde seu dedo aponta e a correnteza mudou de sentido, agora está subindo... Não. Algo muito grande está nadando contra a correnteza. Tudo o que consigo ver são escamas escuras. Escamas enormes se aproximando do outro lado da margem do rio, subindo para superfície.

Cristo.

codilo tem no mínimo 3 metros de altura, conforme ele sai da água em direção as Hienas, vários espinhos gigantes aparecem em suas costas. Minha boca se abre em espanto.

mal abre a boca e um som feroz e mais alto que o barulho da cachoeira corta o ar.

1 Godzilla.

Capítulo 06

-É um crocodilo gigante. – Rebato.

-Não! Eu já disse o Godzilla é um lagarto gigante.

-Não faria sentido por que lagartos não vivem na água.

-Bom os crocodilos vivem nos pântanos, não perto de cachoeiras.

-Não interessa, é um Godzilla. – O animal emite outro som feroz, uma mistura de rosnado com grito, que nos faz tampar os ouvidos de tão alto. – Viu? Lagartos não gritam.

-Muito menos crocodilos.

A boca do animal é meio pequena para um bico de crocodilo, mas tem os mesmos dentes de um só que, gigantemente afiados. Pensando bem ele até que parece um lagarto. Só que com o corpo de um crocodilo.

Destapo os ouvidos e olho atento para a briga que está começando bem na nossa frente. Uma das Hienas pula no pescoço do crocodilo enquanto, outra pula em direção ao rosto do animal. As outras duas Hienas aproveitam a distração e mergulham no rio, atravessando o rio tão rápido que só as notamos quando já estão praticamente de baixo de nós.

-Não sabia que Hienas nadavam. – Digo.

-Elas não nadavam.

-Agora nadam.

-Temos que ajuda-lo.

-Ajudar quem?

-O Godzilla.

-Aha! Então você admite que o Godzilla parece mais um crocodilo do que um lagarto.

-Não! Eu admito que esse bicho aí, parece mais um lagarto do que um

crocodilo. - Droga como essa garota é difícil. - Olha você distrai uma das Hienas enquanto eu distraio a outra. Assim damos tempo para o grandão ali terminar a luta.

Olhamos ao mesmo tempo para o crocodilo que está jogando uma das Hienas no chão enquanto tenta tirar outra de suas costas.

-Como eu vou...

Antes de terminar a pergunta eu já estou no chão entre uma Hiena e os ovos. Ela mostra os dentes para mim e invés de um rosnado, ela emite uma risada que me arrepia até os ossos. Olho para os lados a procura de algo para me defender e vejo Cat confundindo a outra Hiena com seu teletransporte. Esse segundo de distração é o suficiente para a Hiena me atacar. Ela pula em mim me derrubando no chão e cravando seus dentes em meu ombro. Grito. Pego uma pedra ao meu lado e bato na cabeça dela que sai de cima de mim cambaleando.

Me coloco de pé e sinto a dor do meu ombro indo embora. Jogo a pedra em sua direção, mas erro; acho que não sou tão bom com as pedras quanto sou com as facas. Elas seriam muito úteis agora... Se arrependimento matasse eu estaria mais que morto, a partir desse segundo decido nunca mais sair sem meu estojo, nem que seja para mijar.

A Hiena está bem novamente. Saio correndo em direção à cachoeira e ela corre atrás de mim. Ela é mais rápida e mais ágil que eu porem, sou mais inteligente. Estamos poucos metros da parede da cachoeira, corro o mais rápido que posso e sinto seu halito próximo a minha canela. Estremesso. Continuo a correr mas antes de dar de cara com as rochas, pulo na pedra ao lado, me impulsiono para cima e uso a parede da cachoeira como apoio conforme giro meu corpo no ar. A Hiena vai de encontro com a parede batendo nela. Uma pedra se racha e cai em sua cabeça a deixando desacordada enquanto eu caio de costas no chão. Sinto minha coluna partir-se em três.

Parecia mais estiloso em minha mente.

Assim que sinto minha coluna voltar ao lugar me levanto e vou à procura de Cat.

O crocodilo acabou de derrotar a última Hiena e está vindo em minha direção. Entro na floresta e tento achar o caminho de volta aos ovos.

Cat segura um galho em suas mãos e a Hiena apesar de parecer mancar pula em cima dela. Não entendo. Por que ela não se teletransportou? Corro até

ela, e pego um galho grosso em meu caminho. Cat segura o galho na boca da Hiena que o morde desesperadamente, a centímetros de seu rosto. Bato com o pedaço de galho na cabeça da Hiena, com uma forma imensa, e ela tomba no chão ao nosso lado. Eu não se ela está morta, mas com certeza está desacordada. Não tenho tempo para verificar se ela está mesmo morta; o crocodilo já está parado atrás de nós, ao lado de seu ninho.

Ele olha para nós como se também representássemos perigo e eu concluo que isso não é nada bom.

-Vamos temos que ir.

-Sam eu não consigo. – Ela tira a mão de sua barriga e eu vejo o sangue saindo de uma marca de mordida que parece bem funda. – Eu não consigo você precisa correr.

-Sim você consegue Cat. – Me jogo ao seu lado e agarro seu braço. – Eu não vou te deixar aqui. Vamos Cat. Nos leve para sua casa.

O Crocodilo solta outro grito e anda em nossa direção. Ele não precisa ser muito rápido para chegar até nós afinal suas pernas são praticamente do tamanho de um prédio, com apenas dois passos ele já nos alcança.

- Cat! – Grito.

Ele da mais um passo com sua boca aberta pronto para dar o bote e então estamos de volta ao tronco.

Cat está deitada no chão e engasga com seu próprio sangue. Pressiono minhas mãos com força em seu ferimento e apoio a cabeça no peito dela fazendo o maximo de esforço que consigo para não me concentrar em todo o sangue que escorre de sua ferida. Ela não fala. Sua respiração está diminuindo aos poucos. Mesmo não sendo um bom momento eu começo a chorar.

Choro por meu pai. Choro por minha mãe. Choro pelo soldado que matei. Choro por Cat. Choro pela estúpida ideia de ajudar o maldito Godzila. Choro por ter saído da Aldeia, por minha vida ter sido roubada de mim, tudo por causa de um governo que não aceita mutantes. Choro até pelo capeta do Chuck. Eu daria tudo para vê-lo rosnar pra mim mais uma vez. Meus soluços se transformam em gritos e eu aperto mais minhas mãos na barriga de Cat, sem me importa se está machucando não. Ela provavelmente está morta agora.

Não tenho coragem de olhar para ela, na verdade não tenho coragem nem

de abrir os olhos por que eu sei que tudo está vermelho e eu já comentei o quanto odeio vermelho? Pois é. Vermelho é uma droga.

Os soluços cessam junto com o choro. Tudo que consigo ouvir é som de minha própria dor e da respiração regular de Cat.

Espere um minuto.

Cat está respirando. Isso significa que ela ainda está viva. Levanto a cabeça e tiro minha mão de sua barriga e... Nada! Ela não está mais sangrando, na verdade ela não tem mais nenhum machucado. Mas como?

Ela abre os olhos e me olha através de seu óculos ensanguentado. Ela tira os óculos e o limpa na camisa que não está em melhores condições. Ela se senta meio grog e eu sorrio admirando sua bela simplicidade.

-Cat! – Eu a dou um abraço apertado que serve mais de consolo para mim mesmo do que para ela e ela retribui. – Eu pensei que você tinha morrido.

-O que aconteceu?

Ela coça a cabeça bagunçando mais ainda seu cabelo.

Eu a solto e levo as mãos ao seu rosto. Estou tremendo ainda não consigo acreditar que Cat está viva.

-Eu não sei, você estava sangrando ai eu apertei sua barriga e agora você está aqui, eu não sei...

Por um momento me esqueço de como se respira. Estou tão aliviado por não ter que adicionar outro cadáver ao buraco no meu peito que sinto que vou explodir.

Estou tão abismado que não consigo distinguir meus sentimentos direito. Claro que eu salvei uma vida e deveria ficar feliz, mas acontece que eu estou feliz demais, por não ter sido *qualquer* vida e sim a *dela*. Talvez tenha algo a ver com *ela* particularmente, mas não sei, nunca pensei que me sentiria assim por causa de uma garota.

-Sammy acalme-se. Eu estou bem! – Ela me abraça novamente e depois me encara. – Você deve ter me curado. Pelo visto, você além de curar a si mesmo, pode curar os outros também.

A lembrança da morte de minha mãe me vêm á mente, varrendo todo o

alívio que sentia á alguns segundos e eu fico serio.

-Se eu posso curar outras pessoas, por que não curei minha mãe?

Ela suspira.

-Eu não sei... Curar e ressuscitar são coisas diferentes. Talvez quando você colocou a mão em seus ferimentos ela já estava morta. Eu não sei isso tudo é muito louco. Eu nunca vi um G3 antes.

Estou muito ocupado tentando organizar meus sentimentos no buraco para me importar com o que quer que seja G3. A culpa devia vir com meu pai não com minha mãe e agora ela toma conta de tudo como se sempre estivesse ali, guardada, esperando o momento certo para sair. Se eu não tivesse ficado tão preocupado em me vingar talvez ela ainda estivesse viva.

- Ei pare com isso. – Diz Cat como se estivesse lendo meus pensamentos. – Pare de se culpar, você não sabia do era capaz, não tinha como saber. Você fez tudo o que pode Sam, não foi sua culpa. – Ela coloca a mão em meu rosto e eu desvio o olhar. Odeio pena e não estou pronto para encarar a pena em seus olhos.
- Ei. Olhe para mim, por favor. Ficar se culpando não vai trazer ela de volta.

Não resisto e olho para ela. Apesar do tom som solidário em sua voz, o que encontro em seus olhos não é pena e sim gratidão.

Cat tem razão, como sempre. Me culpar não vai trazer ela de volta, mesmo assim eu sei que tenho que encontrar alguém para culpar ou a culpa vai continuar morando aqui dentro para sempre. Infelizmente agora tudo o que me resta é me certificar de que eu não perca mais ninguém importante.

Cat é importante agora, e a ideia de perdê-la me afeta mais do que deveria. Sua mão ainda esta em meu rosto, nos seus olhos encontro um brilho diferente que nunca vi antes nos olhos de ninguém, e nossos lábios estão a centímetros de distância. Eu me aproximo mais, consigo sentir o calor de seu hálito. Deus eu não sei o que estou fazendo.

A parte da Aldeia que eu moro, digo morava, nunca tinha muitas garotas. O único modo de encontrar uma garota na Aldeia era se voluntariando para ajudar no hospital de manhã ou nos fim de semana e nem a pau que eu fazia isso. Minha mãe e me obrigou a ir trabalhar com ela apenas duas vezes que não contribuíram para uma experiência muito agradável. Então eu nunca estive tão perto de uma garota antes.

E vamos combinar que ela não é qualquer garota, eu gosto dela. Meu coração acelera e o dela também. Ela está mais perto agora. Minha testa está colada na sua. Posso ver na maneira como ela se aproxima que ela está sentindo alguma coisa por mim também, mas não consigo decifrar se isso é bom. Deve ser afinal ela fecha os olhos e sua boca abre só um pouquinho, convidando o ar a entrar nela. Ela continua parada esperando que eu faça alguma coisa, e eu estou parado esperando que eu faça alguma coisa.

Faça alguma coisa.

Eu entro em estado de choque e não consigo me lembrar de como se puxa o ar, como se respira, me aproximo mais e então eu a beijo... Na bochecha.

Sinto meu coração bater mais pesado, não como antes, mas como se ele estivesse me chingando. Consigo entender suas palavras claramente:

Idiota! Não acredito que desperdiço minhas batidas bombeando o seu sangue.

Não consigo ver se Cat está decepcionada, pois logo me enterro em seus cabelos e a abraço. Apesar de toda confusão ela ainda cheira a sabonete de baunilha.

E fico assim, simplesmente enterrado em seu cabelo embaraçado enquanto meu órgão vital me ofende com suas batidas. Talvez seja só o arrependimento se mudando para dentro do meu peito de vez.

De qualquer forma sei que terei outra oportunidade afinal a química que senti entre nós, foi bem intensa para não ser real.

-Obrigada Sammy... Por salvar minha vida. Te devo uma.

Com muito pesar, me afasto de seus braços e encosto na parede. Percebo que ainda estou sem camisa então caminho até minha mochila, pego outra camiseta e a visto.

Um silêncio desconfortável preenche o cômodo. Cat está olhando para baixo perdida em seus próprios pensamentos. Começa anoitecer e o interior da árvore escurece. O que obriga Cat a levantar e acender outro lampião. Resolvo quebrar o silêncio.

-O que G3?

-É como classificamos os mutantes. Damos a eles Gerações. Vou explicar.

– Ela senta e me encara. – Quando um mutante nasce de pais “normais” por assim dizer, seus poderes aparecem só depois da fase adulta de sua vida e na maioria das vezes nem aparecem, mas eles ainda sim tem um DNA geneticamente modificado. Á esses damos o nome de Geração 1, mais conhecidos como G1. Quando esses mutantes tem um filho com uma pessoa normal, essa criança desenvolve super-habilidades já na infância, e depois de muito treino eles aprendem a controlar suas habilidades. Esse é o tipo mais comum. Os denominados Geração 2. Agora quando dois mutantes G2 tem um filho, essa criança já nasce com sua super-habilidade desenvolvida e tem mais controle sobre ela, o que os possibilita a ter uma habilidade mais abrangente assim como você; sua habilidade é se curar, mas se quiser você pode curar os outros. Esses são os raros G3. Alguns nascem com duas habilidades, mas apenas uma se desenvolve corretamente. Eu nunca conheci um, apesar de achar que Maria seja uma G3. Talvez você seja um Geração 3 também ou não, sei lá. – Ela faz uma de suas caretas engraçadas e uma onda de alívio percorre meu corpo. O clima tenso entre nós talvez tenha sido apenas fruto da minha imaginação. – E tem os Geração 4. Que são os filhos de dois mutantes Geração 3.. Nunca soubemos da existência de um G4. Por anos o Governo tentou fazer experiências em mutantes a fim de criar um G4, mas graças a Deus todas falharam. Os G4 podem desenvolver duas ou até mais super-habilidades e mais, exercer controle sobre elas assim. - Ela estala o dedo. – Fácil, fácil. Não consigo nem imaginar o estraga que não seria um G4 na mão do governo.

Estremeço diante da ideia. Não sei do que o governo é capaz, mas ele não me parece muito simpático depois de tudo que soube e que vi na Aldeia.

- Você sabe se eles têm mutantes ao seu lado?

-Sim e mais do que gostaríamos. Não sei o que eles fazem, mas vários de nós foram raptados. E sobre aquele pronunciamento do qual você falou... Tenho certeza de que nenhum mutante foi executado. Eles prenderam todos para fazer só deus sabe o que.

Começo a ligar alguns fatos.

-Você disse raptados? Como se estivessem desaparecendo?

-Sim... Eles saem em missões secretas e o engraçado é, que só os mutantes não voltam delas.

-Meu pai me disse algo sobre pessoas da Aldeia estarem desaparecendo. Até pensávamos que era coisa dos *Coisas*, mas isso não pode ser só coincidência certo?

-Com o governo não há coincidência e outra, eles alimentam os Coisas, eles não tem por que raptar ninguém.

-Como assim eles alimentam os Coisas?

Ela respira fundo indicando que o assunto não era muito legal para ser dito em voz alta.

-Em uma das minhas escapadas, eu acabei indo para uma cidade destruída com Will, e nós vimos soldados, colocando vários corpos de pessoas mortas na frente de um dos prédios como se não fossem mais nada do que bichos, digo eles eram pessoas certo? Mereciam algo mais digno que aquilo, mas o pior de tudo foi que apenas cinco minutos depois um monte de Coisas apareceram; alguns pegavam o que podiam e corriam para dentro dos prédios abandonados enquanto outros começavam a brigar por um pedaço de carne maior. Foi horrível.

Me lembro dos boatos sobre as Coisas serem canibais e sinto repulsa.

-Então eles são mesmo canibais. – Ela concorda com a cabeça. – Mas por que o governo não mata eles? Eles matam pessoas inocentes todo o tempo.

-Eu não sei... Talvez eles façam experimentos com eles ou sei lá, mas sei que existem muitos deles.

-Isso tudo é muito estranho. Ninguém no acampamento sabe sobre isso?

-Só o Steave, mas não há nada que ele possa fazer sobre.

-Por falar em acampamento, não que eu queira sair daqui... – e eu não quero. -... Mas agora que você está melhor podemos só puffar até o acampamento invés de andar.

-Ok você fica muito fofo quando fala puffar. – Eu coro e ela ri. – Mas já anoiteceu e eles jamais deixariam a gente entrar agora. Claro que poderíamos simplesmente puffar em meu quarto, só que aí eu levaria uma bronca danada por que Steave não te conhece e blá blá blá. Além disso, tenho uma surpresa para você. - Aquele mesmo olhar travesso se junta ao seu sorriso malicioso. Da última vez que vi esse olhar acabamos dentro de uma árvore, não sei se quero descobrir o que ele significa dessa vez – Prometo que você vai gostar, agora feche os olhos.

Percebo que não tenho escolha. Até mesmo por que se for para ficar mais um segundo que seja a sós com ela, eu faço qualquer coisa, inclusive fechar os

olhos.

-Não vale espiar.

Sinto sua seus dedos se entrelaçando nos meus e em menos de um segundo o silêncio do tronco é substituído por um leve barulho de água. Estamos na beira de um rio ou de um lago, longe o suficiente da quebra da cachoeira para ouvirmos o som da floresta ao redor, mas perto o suficiente para podermos ouvir o som da correnteza.

-Por que estamos de volta ao rio?

-Não estamos no mesmo lugar. Estamos em cima da cachoeira e fique quieto, você está os assustando.

-Assustando quem?

Ela me belisca, mas não dói.

-Shhhh.

Resolvo obedecer e fico em silêncio só ouvindo o som da natureza. Mesmo de olhos fechados consigo imaginar a margem do rio como se viesse aqui todas as noites. As árvores gigantes, iluminadas pela luz branca da lua. A janela de nossa casa era trancada assim que o sol se punha, então eu nunca vi a lua de verdade, mas sempre sonhei em como seria. Consigo ouvir o som de grilos do outro lado da margem. E o que parecem, zumbidos de mosquitos, se aproximando.

-Pode abrir os olhos agora. – Sussurra Cat.

Assim que abro os olhos vejo vagalumes voando bem perto do meu rosto. Eu não sabia que ainda existiam vagalumes e muito menos que eles eram tão extraordinários. Suas luzes são azul violeta e eles estão por todos os lados; na beira do rio, nas árvores, em todos os lugares. Olho para o rio e vejo que os peixes também estão brilhando. É inacreditável. Os peixes brilham. A água cristalina reflete perfeitamente a imagem da lua. Solto o ar e me dou conta de que o estava prendendo todo esse tempo. A lua é linda! Muito mais linda que nos livros. Ao seu redor estão várias estrelas que se espalham céu a fora. Nunca pensei que a noite pudesse ser tão clara. Inspiro fundo e sinto um cheiro forte de flor, não é dama da noite, é um cheiro mais fresco, como se o rio tivesse seu próprio aroma.

Olho para Cat que me observa. Seu rosto está meio iluminado pela lua e

meio iluminado pela luz ora azul, ora roxa dos vagalumes; Seu cabelo está solto e meio engomado devido a confusão de hoje; Ela está perfeitamente bagunçada. Na verdade está magnífica. Ela sorri e seu sorriso ilumina todos os cantos do meu ser. Me aproximo mais e ela tira o óculos para poder deitar a cabeça no meu ombro. Ficamos assim, em silêncio, observando a beleza da noite por muito tempo.

Ela desencosta e me encara. Há um brilho feliz em seus olhos e sem nenhuma palavra, eu sei que ela está dizendo que está feliz. Um vento frio bate e balança todo seu cabelo deixando-a mais descabelada e linda do que estava a segundos atrás.

-Precisamos ir, a temperatura vai cair em alguns minutos e tudo ao redor vai congelar.

Faço que sim e dou uma última olhada ao meu redor.

Eu sempre gostei da floresta, mas por que eu não conhecia essa parte dela, esse lado da natureza. Agora eu a amo. É como se tudo aqui fosse uma parte de mim que eu não conhecesse. Quando estou na floresta é como se eu tapasse o buraco do meu peito e apenas esquecesse ele e todos os problemas que envolviam o mundo. Como se a natureza me deixasse mais forte. E o fato de ter alguém que compartilha dos mesmos sentimentos que eu, me maravilha e me assusta ao mesmo tempo.

Estamos de volta ao tronco.

Olho no fundo dos olhos pretos de Cat e seguro suas mãos firmemente. Me esqueço de falar e continuamos apenas de mãos dadas por um momento. Há algo estranho no jeito que ela me encara, mas um estranho bom, mais confiante, mais seguro.

- Obrigada por está noite. Foi maravilhoso. Essa com certeza foi a melhor da noite da minha vida. Me prometa que sempre que vier para cá você vai me trazer.

-Prometo! – Ela levanta a mão direita e depois a leva ao peito. Não sei o que significa, mas dou risada. – Sabe, eu nunca tinha vindo aqui com ninguém. Nem no rio, nem na cachoeira. Esses lugares ficam dias um do outro, e antes ninguém aguentava meu puff, então eu acho que tenho que te agradecer também. É bom não fazer tudo sozinha de vez em quando.

Ela sorri e isso é o suficiente para despertar todo o tipo de sentimento dentro

de mim; sentimentos que eu nem sabia que tinha e que não faço a mínima ideia do que sejam, mas sei que são positivos. Uma onda de adrenalina me invade e eu não sei da onde vem tanta coragem, tanta vontade, digo eu a conheço há apenas dois dias, mas parecem anos. Não somos tão diferentes assim imagino, digo, como vou saber não á conheço por tempo suficiente nem para saber se confio nela; mas eu confio. Arriscaria minha vida por ela quantas vezes fosse preciso, assim como fiz mais cedo concordando com aquele plano idiota. Eu não aguento mais um minuto se quer ao seu lado, mas quero passar todos os minutos da minha vida preso nessa confusão de sentimentos. Eu não sei o que é isso, mas eu tenho todo o tempo do mundo para descobrir.

Meus olhos fitam os seus e vejo a mesma confusão de neles.

Me aproximo e acaricio seu queixo; sua pele é macia ao meu toque, aposto que seus lábios são mais. Beijo seu queixo bem delicadamente traçando uma linha com minha boca até o canto de seu lábio inferior. Ela estremece e fecha os olhos.

Examino cada centímetro de seus lábios antes de também fechar os meus olhos.

Respire. Me lembro.

Meu coração parece menos bravo agora.

Inspiro fundo e sinto o seu perfume de baunilha espalhar-se com o vento. Coloco minhas mãos atrás de sua nuca e a beijo.

Dessa vez a beijo na boca, e ela retribui o beijo.

Capítulo 07

Acordo suado, me sentindo febril. Eu sei que não posso estar doente por causa da minha super habilidade então provavelmente foi só um pesadelo.

Eu li em algum livro antigo de folhas amarelas que os sonhos são a junção do subconsciente com o consciente; são memórias misturadas com seus mais profundos desejos ou no caso dos pesadelos, temores; E o subconsciente funciona assim, quanto mais você luta para entender os seus frutos mais eles parecem confusos. É por isso que quanto mais tentamos nos lembrar de nossos sonhos, mais eles parecem distantes... Eu não faço a mínima ideia se isso é verdade ou não, mas eu realmente não me lembro de nada e quanto mais me esforço, mais o pesadelo se torna uma nuvem de fumaça se esvaecendo pelo ar.

Cat ainda está dormindo. Repasso mais uma vez os acontecimentos de ontem à noite em minha cabeça. Ela quase morreu, eu a salvei, eu a beijei, e depois silêncio. Não falamos nenhuma palavra depois do nosso beijo. Ela simplesmente deitou e dormiu.

Será que ela não gostou? Eu gostei. Estou nervoso. Não sei o que esperar. Esse foi meu primeiro beijo. Bem melhor do que eu imaginava para ser sincero. Não sei o que falar quando ela acordar. Por que estou tão ansioso. *Foi só um beijo. Digo a mim mesmo. Relaxa.*

Sinto um riso de histeria lutando para sair de minha garganta. O mundo parece estar em colapso: canibais soltos, mutantes, bichos gigantes e mesmo assim aqui estou eu, me preocupando com o que dizer para a garota que gosto após beija-la. Sinto como se pela primeira vez nesses dois últimos dias, eu estivesse me vingando da vida por tentar me tirar tudo o que importa para mim. De repente sinto uma vontade enorme de gritar e rir e gritar de novo. Eu estou debochando bem na sua cara.

Você está se ficando doido.

Cala a boca.

Acho que discutir comigo mesmo, meio que aponta o quanto a situação está feia para mim.

Deixo um riso escapar e tapo a boca para abafar o som.

Cat se meche, solta um grande suspiro e abre os olhos.

Ela me encara desconfiada enquanto eu a encaro ainda com a mão tampando a boca. Tiro a mão desajeitado e a encaro de volta.

-E aí?

É tudo o que eu consigo dizer.

-E aí? Serio? – Ela não está impressionada e nem desapontada. Ela já sabia que eu iria soltar uma dessas. Já me conhece tão bem. *Pare!* Simplesmente dou de ombros envergonhado. – Então você dormiu bem bela adormecida?

-Hoje a bela adormecida é você. O príncipe aqui... – Aponto para meu peito. - Acordou cedo hoje.

Ela tem um ataque de espasmos, ou seja, começa a dar risada e eu não consigo tirar os olhos dela. Quero tanto beijá-la de novo. E de novo. E de novo. Até minha boca cair. Mas não posso. Não quero apressar as coisas. Não quero que ela pense que sou mais estranho do aparento.

-Então... Cat... Qual lugar da floresta vamos explorar hoje?

-Hoje nós vamos para o acampamento. Você precisa conversar com Steave e se atualizar um pouco sobre a situação mundial.

E quanto a nós? É o que eu quero perguntar.

- E você?- É o que eu pergunto.

- Quanto a mim? Bom eu preciso dar as caras. Todos provavelmente devem pensar que estou morta. Já faz três dias que não apareço por lá. Nunca fiquei tanto tempo fora.

-Não vamos tomar banho antes?

Noto que ela ainda está com a mesma blusa manchada de sangue, que agora está com um aspecto amarronzado.

Diga sim, diga sim...

- Não... –*Droga.* – A experiência de ontem ainda está bem recente em minha memória, acho que não vou tomar banho de rio por um bom tempo.

Ela se levanta e prende o cabelo pegando sua mochila e a colocando em suas costas enquanto bocejá.

E eu simplesmente a observo enquanto assisto ao mesmo tempo minha esperança indo embora por água a baixo.

- Então o que estamos esperando? Vamos logo para esse tal acampamento.

Digo sem um pingó de entusiasmo.

- Seu pedido é uma ordem senhor.

Ela sorri e agarra minha mão. No segundo seguinte estamos no meio da floresta atrás de varias montanhas.

Eu costumava ver essas montanhas quando subia nas arvores que beiravam o rio da Aldeia. Mesmo distantes elas pareciam enormes, e agora... *Solte o ar.* Lembro a mim mesmo. Elas são tantas e tão grandes. Só de pensar de que um dia eu posso estar lá em cima me enche de adrenalina. É isso o que eu quero fazer agora. Quero pegar na mão de Cat e pedir, implorar para que me leve lá em cima, para que eu possa ver qualquer que seja a visão maravilhosa que as montanhas veem todo o dia; sentir o vento cortando minha pele como os pássaros que vivem lá sentem. Mas não posso. Me lembro do por que estamos aqui e procuro a porcaria do acampamento ao meu redor mas não vejo nada.

- Onde está? – Pergunto.

- Bem aqui na sua frente.

Antes que possa começar a duvidar do estado de sua sanidade mental, uma luz vermelha surge do nada e começa nos scanear. Logo uma porta que não estava ali um segundo atrás se abre, revelando outra porta. Entramos pela primeira porta que se fecha atrás de nós nos deixando em um pequeno cômodo branco. Abro a boca para falar, mas Cat se adianta.

- Nós também temos nossos brinquedinhos. A base dos Filhos da Natureza não é subterrânea como todos pensam. Ela é invisível. – Explica como se soubesse exatamente o que eu iria perguntar. Ela me olha. – Era isso o que queria saber?

Sim.

- Não... Na verdade queria saber se você tem planos para o jantar.

E de fato eu gostaria de saber isso também.

Nos dois rimos e logo a porta da frente é aberta. Dois homens vestidos com macacões pretos colados aparecem segurando armas, que nunca vi ou li sobre, aparecem apontando-as para mim.

-Catherine! - Um terceiro homem surge de trás deles e abraça Cat. Ela não retribui o abraço. O homem é loiro e usa um cabelo lambido para trás o que o deixa com cara de mais velho, porém ele deve ter minha idade. Seus olhos são verdes e ele tem cara de quem toca em nenhuma maçaneta com medo de pegar alguma bactéria indesejada. Ele exala narcisismo. Tenho vontade de socá-lo bem no nariz.

-Will... – Diz Cat revirando os olhos e olhando para mim.

Ele a solta e olha para minha direção me examinando de cima á baixo com uma sobrancelha ergida..

Agora que sei quem ele é, minha vontade de socá-lo aumenta.

-Quem é este?

-Alguém que precisa ver Steave imediatamente. – Responde Cat ríspidamente.

-Como podemos saber se ele é de confiança? – Ele pergunta para Cat sem tirar os olhos de mim.

-Ele salvou minha vida. Agora onde está Steave?

-Cathe... – Ele se vira para ela e cochicha. – Precisamos conversar.

A sala tem meio metro de comprimento, qualquer coisa que eles digam será claramente ouvida por isso Cat nem se da ao trabalho de cochichar também quando responde.

-Tem algo mais importante que eu e você acontecendo William. Então por favor, nos deixe entrar para que possamos falar com Steave.

-Ele está em reunião vocês vão ter que esperar. – Ele olha para os outros dois homens e faz sinal para que eles abaixem as armas.

-Pois bem, diga a ele que estamos esperando. – Ela agarra meu punho e me conduz para dentro de um corredor branco fortemente iluminado. Deixando

os três para trás.

Viramos a direita, depois à esquerda e a direita de novo e passamos por três portas até chegarmos a um grande salão branco. Não sei se me sinto tonto por causa de tanto vira vira, ou por causa da claridade.

O salão parece uma sala de jantar gigantes, com varias mesas, bancos e balcões verdes. Está cheio, mas ninguém nota nossa presença. Acredito que chegamos na hora do almoço. Invés de entrar apenas paramos na porta.

-Esse é o refeitório. Há horário para o café da manha, para o almoço e para a janta. Refeições adicionais são apenas para pessoas em treinamento, então nunca perca o horário de uma refeição se não terá que esperar até a próxima. - Ela se vira e volta por onde acabamos de passar.

Pelo visto meu almoço já era.

Seguimos reto pelo corredor da porta que entramos, passando por varias portas até virarmos a esquerda.

-Todas essas portas são quartos. Cada quarto tem duas camas, ou dois beliches e um banheiro. Os casais dividem o quarto com outros casais. Não há separação por raça, ou sexo, ou opção sexual. Você fica com o quarto que está disponível. Aquela sala maior que estava a nossa direita é a sala de reuniões. Normalmente apenas membros do conselho entram lá, mas claro que eu já dei uma espiadinha várias vezes. – Ela sorri e me lança aquele olhar travesso que significa problemas. Paramos entre quatro portas. Noto que as duas de trás pertencem á quartos, pois nelas estão gravadas A43 e A46. Em uma das portas da frente está escrito BIBLIOTECA, e na outra ACESSO RESTRITO. - Como você pode perceber aqui fica a biblioteca, você pode entrar e sair quando quiser. E aqui. – Aponta para a porta restrita. – Fica o laboratório. Só pessoas com uma chave magnética conseguem entrar.

-E você é claro.

Ela me fulmina com um olhar acusador e eu sorrio.

-Para sua informação, eu tenho uma chave magnética.

-De quem você roubou?

-De ninguém... – Ela olha para baixo e eu a encaro em silêncio. - Ta legal, ela perdeu tá. Eu ia devolver.. Algum dia.

-Aham com certeza.

Nós dois damos risada e continuamos a andar até escadas no fim do corredor. Enquanto subimos ela explica:

- Antes de subirmos as escadas, se você virar a direita vai dar de cara com o centro de treinamento/academia. Lá existem varias salas de simulação. Você pode tanto fazer uma caminhada, quanto treinar suas super-habilidades. O Andar de cima é composto por apenas quartos. As alas A e B são os quartos com beliche, sendo a Ala A no piso inferior e a Ala B aqui em cima à esquerda. A ala C, a sua direita é reservada apenas para os casais. Todos os quartos têm trancas e chaves magnéticas. Assim podemos garantir a segurança de nossos olhos e de nossos bens. Deu para entender?

Faço que sim com a cabeça e continuamos andando reto até darmos de cara com uma porta escrito B3. Cat tira algo parecido com um crachá da bolsa e passa em um negocio azul que está em cima da maçaneta da porta que imediatamente se abre.

As paredes e os lençóis das quatro camas são o mesmo tom de azul claro. Duas cômodas azuis escuras separam um beliche do outro. A porta do banheiro está fechada. Assim que entra Cat joga sua bolsa na cama de baixo a direita.

-Você pode ficar aqui comigo. Meus colegas de quarto casaram mês passado e estou só desde então. Will queria se mudar para cá, mas ele é muito... Alto. Se é que entende. - E eu entendia. Caras como o William, tendiam a transformar tudo e qualquer coisa sobre eles. – Vou tomar banho. Você pode colocar suas coisas na cômoda à esquerda. Fique a vontade, este agora também é seu quarto.

Ela se vira e entra no banheiro. Eu me jogo na cama de baixo a esquerda e sinto uma onda de esperança retornando a mim, pouco a pouco. Iriamos dormir no mesmo quarto de agora em diante. Talvez o beijo tenha significado algo para ela. Talvez não. Seja qual for a resposta eu vou descobrir está noite.

- Você tem certeza de que eu tenho que usar isso?

Pergunto pela quinta vez, antes de abrir a porta do banheiro.

Eu costumava ser uma criança magrela e cabeçuda. Tudo o que eu tinha de bonito eram meus olhos verdes. Conforme fui crescendo meu corpo se

ajustou; agora não sou mais magricelo devido aos meus treinos e também não mais cabeçudo; de certa forma me considero um cara bonito, digo, eu tenho um corpo digno de atenção, mas isso... Esse traje é demais. Ele é macacão tão colado que eu me sinto nu. Aposto que se eu tiver nem que seja uma vontade mínima de mijar todo mundo ao redor vai ficar sabendo. Como os homens desse lugar conseguem usar isso?

-Vai Sam, sai logo daí eu quero ver. – Grita Cat do outro lado da porta do banheiro.

O banheiro é pequeno. Tem uma pia, um potinho pregado na parede para colocarmos as escovas de dente e o shampoo; ao lado fica a privada e logo em seguida um Box com um chuveiro delicioso. Essa foi a primeira vez que tomei banho em um chuveiro e posso dizer que foi o melhor banho que já tomei. Ao lado da pia e da porta fica um enorme espelho que vai do teto até o chão.

Estou encarando meu reflexo nele à mais de dez minutos me sentindo completamente... Exposto. Apesar de ter mangas longas e ser de calça, essa roupa marca cada centímetro do meu corpo e quando digo cada centímetro eu falo serio.

- Uau. Que bela bunda você tem.

Cat está rindo atrás de mim. Não me assusto com sua presença. Sabia que mais cedo ou mais tarde ela iria aparecer aqui para me zoar, achei até que ela foi paciente.

Me viro para olhar para ela que está com a sua versão do meu macacão preto; A única diferença é a gola; a minha fecha um pouco embaixo do pescoço, já a dela deixa a mostra um pouco mais que clavícula. Seu macacão realça cada curva bem delineada de seu lindo corpo, que definitivamente é malhado.

Ela parece uma antiga topmodel, que uma vez eu vi em uma revista. A topmodel tinha um corpo escultural e usava apenas roupa íntima no anúncio. Me pego imaginando como seria Cat de roupa íntima, mas antes que ela note afasto o pensamento da minha mente.

-Eu pareço um bailarino musculoso usando um colã que é três números menores que o seu nessa coisa. – Digo com desanimado.

-De fato você parece musculoso.

Sorriso para ela e ela desvia o olhar mechendo embaraçosamente no

cabelo. Seu embaraço me faz rir.

Isso foi um elogio? Ela acabou de flertar comigo?

Deus espero que sim.

-Eu não vou sair desse banheiro vestindo essa coisa. – Falo.

Seu olhar retorna para mim e seus olhos examinam cada centímetro de meu corpo indiscretamente, todo o embaraço foi embora. Antes que seu olhar se abaixe eu viro de costas para ela ficando de frente ao espelho.

-Ah qual é Sammy, não está tão ruim assim. Tem sorte de ser todo definido. Alguns dos homens que chegaram aqui eram tão salientes que tiveram que fazer uma dieta rigorosa para caber em um desses.

-Tem certeza de que eu não posso por uma roupa normal?

-Não!- Ela grita um pouco alto demais e depois pigarreia. – Depois, nós vamos para a sala de treinamento para você ver como funciona e o traje realmente ajuda.- Solto um longo suspiro e me encaro no espelho de novo. Talvez não esteja assim tão ruim.- Agora vem, vamos para a cozinha ver se sobrou algo do almoço para comermos.

Ela toca em meu braço e antes que eu possa protestar já estamos sentados em uma pequena mesa de canto dentro do que parece ser a cozinha.

O cômodo é tão branco que chega a me dar dor nas vistas. Têm vários balcões, bancadas, pias, armários, geladeiras... Tudo é branco. Até os fogões. Me sinto perdendo a sanidade a cada segundo que se passa. A cozinha parece vazia, o que é estranho, pois tem pessoas almoçando lá fora.

Cat pega uma porção de coisas dentro dos armários e da geladeira, coloca tudo em uma sacola e assim que a porta da cozinha se abre, estamos de volta ao seu quarto. *Nosso* quarto.

Sinto um formigamento estranho só de pensar que compartilhamos algo. Mesmo sendo algo tão vago como um quarto. Talvez seja só fome.

-Essa foi por pouco. Se tivessem nos visto eu estaria na maior encrenca. É a terceira vez que sou descoberta pegando comida esse mês. Não que eu passe fome, eu só prefiro comer sozinha sabe, e se eu entrar no refeitório, Maria nunca me deixaria sair para comer sozinha.

Cat não parece o tipo de garota que gosta de ficar sozinha. Na verdade ela sempre me pareceu o oposto. Simpática, extrovertida, falante... Uma pessoa dessas deveria ser rodeada de amigos, não implorar a atenção de um canalha que se dizia seu namorado.

-Por que você come sozinha?

-Vamos dizer que eu meio que arrumo muita confusão...Digamos que por causa da minha habilidade eu sempre ouço coisas sobre as pessoas. Não sei se você percebeu, mas eu meio falo demais...

-Nem notei. – Falo rindo e ela me dá um soco no braço revirando os olhos.

-Como eu estava dizendo... Eu escuto muitas coisas constrangedoras por aí e muitas pessoas aqui não gostam que acidentalmente tudo mundo acabe sabendo... Então eu prefiro ficar sozinha para não deixar nada escapar.

Ela coloca um lençol no chão e despeja o conteúdo da sacola nele. Duas maçãs, duas latas de pudim e dois sacos de batatas chips. Eu nunca tinha visto um saco de chips antes.

Ok eu confesso nunca vi varias coisas na minha vida.

-Veja o que eu consegui. – Diz sorrindo enquanto balança o saco de chips. – Isso é uma relíquia. Eu nem sei onde eles conseguiram isso, digo, veja a validade, venceu ao que parece ser 30 anos atrás. Mas quem liga! Isso é tão bom que não me importo em ficar com diarreia depois.

Ela abre o saco e me oferece. Fico meio receoso em pegar, não sei se estou pronto para passar o resto do dia no banheiro, mas acabo pegando.

É a melhor coisa que já comi! Eu sei que também não comi muitas coisas, mas batata chips, definitivamente, sempre será a melhor. Pego um saco só para mim e começo a comer.

-Maria é sua melhor amiga?

Pergunto com a boca cheia respingando batata mastigada em sua cara. Cat faz sinal para que eu espere, e enche sua boca com batatas. Mastiga por um segundo e então começa a falar cuspidando farelos de chips para todo o lado, inclusive em mim.

-Sim, ela é. E o seu quarto é o do lado. Daqui a pouco ela aparece por aqui.Ela tem um chave do meu quarto. – Ela termina de mastigar e engole.

-Por que ela não dorme aqui se tem sua chave?

-Por que eu vivo saindo do acampamento e não quero que ela tenha que mentir por mim, então prefiro que ela também não saiba.

-Ela é mutante também?

-Sim.

-Todos aqui são mutantes?

-Não... A maioria é “normal”, mas estamos crescendo em números, mais mutantes estantes estão vindo para cá. Isso é bom , muito bom mas mesmo assim nós não podemos sair por aí exibindo nossas habilidades. Por isso aqui é considerado a base de operação dos filhos da natureza. Para que as pessoas pensem que tudo aqui se trata apenas de uma organização rebelde, que quer acabar com os governos.

-Quando na verdade, é um refugio para mutantes que estão fugindo do governo...

-Exatamente. Você aprende rápido Sammy Z.

-Pensei que você já tinha deixado essa historia de zumbi de lado.

Ela da de ombros e me entrega a lata de pudim que havia acabado de abrir. Começo a comê-lo. Depois de todo o sal daquela batata devoro a lata de pudim em questão de segundos.

-Talvez você ainda seja um zumbi que secretamente quer fazer coisas comigo... – Engulo em seco praguejando internamente por meus próprios, *ou impróprios*, pensamentos. – Como comer meu cérebro e beber meu sangue em um ritual satânico.

-Você não acha que anda lendo muitos livros antigos sobre vampiros?

Ela da de ombros novamente e eu coloco a lata vazia de pudim no chão.

-Talvez... – Ela coloca seu pudim de lado com uma falsa expressão de tristeza e depois sorri fazendo uma cara maligna. – Ou talvez eu seja uma zumbi-barra-vampira e quero comer seu sangue e beber seu cérebro.

Espera que?

Antes que eu possa se quer pensar em uma resposta, ela já está em cima de mim fazendo cosquinhas em minha barriga e tentando morder minha testa.

Isso é a coisa mais estranha que eu já vi alguém fazendo, e eu já vi muitas coisas estranhas, mas ao mesmo tempo é uma cena hilária. Cat balança a cabeça freneticamente fazendo sons que parecem mais risos do que rosnados. Meu rosto se contorce em caretas estranhas e eu começo a rir tanto que meu abdômen dói. Eu rolo para o lado de modo que fico em cima de Cat sem deixa-la sair. Recupero o fôlego enquanto a observo parar de rir. Seu óculos está torto e seu cabelo está metade engromonhado em o que era um rabo de cavalo, e metade no seu rosto. Ela está linda.

-Te peguei.

Falo tirando o cabelo de seu rosto e arrumando seu óculos. Ela sorri. Nossas bocas estão perto uma da outra, muito perto. Eu poderia beijá-la.

-Eu acho que não. – Ela sussurra.

Me assusto temendo que eu tenha dito meu último pensamento em voz alta, mas ai lembro que ela esta se referindo ao meu comentário. No segundo seguinte ela está em cima de minhas costas, com os lábios em meu ouvido. Sua respiração me faz arripiar e quando ela estava prestes a dizer algo, a porta se abre.

-Oh meu deus desculpem... - Nós dois olhamos ao mesmo tempo para a figura feminina parada na porta. – Não quero interromper e muito menos dizer as pessoas sobre como deve ser o coito, mas essas coisas não são feitas geralmente ao contrário?

-Nós gostamos de variar.

Assim que respondo ganho um tapa na cabeça. Cat sai de cima de minhas costas dando risada. A moça entra e eu me levanto.

Ela é jovem. Talvez um ou dois anos mais nova que Cat. Ela é loira, tem mechas roxas espalhadas por todo o cabelo; seus olhos são do mesmo tom que as mechas, um roxo espetacularmente vibrante. Estou impressionado.

-Antes que pergunte, sim, os olhos dela são realmente roxos. Ela nasceu assim. Sabe o que isso significa? – Pergunta Cat penteando os cabelos com os dedos. Faço que não com a cabeça ainda olhando a garota. – Isso significa que além de ser loira, linda e ter olhos roxos, minha irmãzinha aqui não menstrua. É

muita sorte para um ser só.

-Mas para seu azar eu tenho TPM mesmo assim. – Responde a moça abraçando Cat que ri de seu comentário. - Onde você estava? Por que ficou tanto tempo fora? E quem é o Sr. Inovação?

-Maria esse é Sam meu... –Ela olha para mim sorrindo com dúvida. - Meu amigo. – A resposta acaba soando mais como uma pergunta. - Sam essa é Maria minha irmãzinha.

-Apenas 11 meses mais nova.

Maria pisca estendendo a mão para mim, e eu aperto gentilmente.

-Prazer.

Ela sorri. Seu sorriso é bonito e ela tem covinhas, o que a deixa parecendo ainda mais jovem.

-E eu demorei por que encontrei alguns mortos vivos no caminho.

Cat aponta para mim e eu viro os olhos.

Capítulo 08

Demoro um pouco até achar a biblioteca. Maria disse que Steave estava nos esperando lá e Cat pediu que eu fosse à frente enquanto ela devolve o que não comemos na cozinha.

Maria é uma pessoa legal. Ela e Cat têm personalidades quase que idênticas, se eu não soubesse a verdade diria que são irmãs. Descobri que Cat, Will e Maria são os favoritos de Steave, por isso nunca são castigados, o que causa certa revolta nos moradores do acampamento. A maioria das pessoas que vivem aqui são refugiados, pessoas que tentaram se impor contra o governo por alguma razão e acabaram exilados; isso faz deles pessoas um pouco incompreensivas.

A biblioteca é enorme. Cheia de prateleiras numeradas de 1-100 lotadas de livros. Existem muito mais que 100 prateleiras, então em alguma os números se repete. Atrás da porta tem uma placa escrito o gênero que cada prateleira se refere. Do lado esquerdo encontram-se sofás e algumas mesas com pufs no lugar de cadeiras.

Em uma das mesas vejo Cat e um senhor de cabelos grisalhos conversando. Apesar dos cabelos grisalhos ele não aparenta ter mais que 40 anos de idade. Sua feição me lembra de meu pai. Ele tem os mesmos olhos fundos acompanhados com sobrancelhas grossas e o mesmo lábio magro.

Assim que me aproximo ele sorri para Cat, levantando da mesa junto com ela. Conforme ele se aproxima com seu sorriso de orelha a orelha, vejo Cat com um sorriso débil no rosto fazendo um sinal positivo antes de desaparecer. Contenho um riso.

- Oi Sam! Meu nome é Steave prazer em te conhecer. – Ele estende a mão e eu a aperto. Seu olhar é genuíno de um líder. Transmite coragem e confiança, porém por trás de toda a solidariedade que ele demonstra em seu sorriso consigo ver que ele esconde muitos segredos, e ele me olha como se compartilhássemos algum. Me sinto um pouco desconfortável mas sorrio de volta. – A srt. Catherine tomou a liberdade de me adiantar alguns fatos sobre você. Venha caminhar comigo e por favor corrija-me se eu estiver errado.

Ele começa a andar e eu o sigo. Caminhamos muito lentamente conforme ele repete algumas coisas básicas sobre minha vida. Cat contou a ele que cresci

na Aldeia e que após o pronunciamento tentei fugir dela com minha mãe que acabou morta. Ela contou que eu tenho o poder de me curar, porém deixou de fora o fato de que eu também posso curar os outros.

- Agora que já te conheço Sr. Shaw? – Concordo com a cabeça e ele prossegue. – Vou te contar um pouco sobre minha história. A 20 anos atrás, quando eu tinha mais ou menos a sua idade. Eu, meu irmão e uma amiga fomos capturados pelo governo por sermos especiais... Em uma de nossas tentativas de escapar, acabamos achando esse lugar. Uma antiga base militar que foi abandonada pouco antes da Devastação. Sabe, essa nossa amiga era uma mutante muito poderosa. Ela era o que chamamos de G4, você compreende o que isso significa Sam?

-Sim, Cat me explicou...

-Pois bem. Essa garota tinha duas grandes habilidades, ela exercia grande controle sobre elas... Além disso, ela era muito inteligente. Ela tinha um dom para tecnologia, apesar de nunca ter nem visto um computador na vida devido às condições em que nasceu.

Seu tom indicava que a garota ela mais que uma amiga para ele. Seus olhos se enchiam de orgulho e ao mesmo tempo de tristeza ao falar nela.

-Tinha?

-Sim. Tinha. Temo que agora ela esteja morta. - Seu tom muda e noto que ele seus sentimentos pela garota morta, são reais. Porém qualquer traço de luto desaparece de seu rosto dando lugar novamente ao sorriso solidário de quem espera algo em troca. Ele me assusta. – Como eu dizia... Uma de suas habilidades a permitia controlar plantas e afins, enquanto a outra a permitia ficar invisível. Ela era uma pessoa muito boa, tanto que só havia sido capturada para que pudesse nos ajudar a escapar. E foi o que ela fez. Para você ter uma noção do que ela era capaz, quando encontramos esse lugar ela o deixou invisível, sem nenhum esforço aparente, o tempo suficiente para que ela pudesse criar um objeto que imitava suas habilidades; E como pode notar esse dispositivo funciona até hoje. Apesar de ter apenas 16 anos quando viemos para cá, ela mudou tudo por aqui. Durante os cinco anos que ficou aqui, construiu o acampamento todo praticamente sozinha. Ela era uma visionária sabe... – Sua voz falha e ele pigarreia. -Seu sonho era que esse lugar se torna-se uma casa, um refúgio para outros como nós, não só mutantes, mas pessoas que não concordavam com o governo, ela que nós deu o nome Filhos da Natureza. – Ele sorri. - Eu e meu irmão ajudávamos claro, sempre que precisava de equipamentos novos iam

com ela até a cidade mais próxima. Infelizmente em uma dessas idas até a cidade Eve foi baleada. – Ele faz uma cara de quem deixou escapar algo que não devia, mas logo depois continua como se nada de errado tivesse acontecido. Eu não sei por que, mas o nome me soa familiar. Não sei onde o ouvi, porém tenho certeza de já ter escutado. - Nós cuidamos dela por vários meses e descobrimos que ela estava grávida. Quando ela acordou tinha perdido parte da memória. Ela não se lembrava mais de mim... – Seu tom de voz sugere que eles tiveram algo mais que amizade, e a lagrima que ameaça cair de seus olhos me leva acreditar que ele não só nutria sentimentos por aquela garota como também era correspondido, até ela se esquecer dele. -... Nem de seus sonhos com respeito a esse lugar. Ela sequer se lembrava de suas habilidades. Para sua própria proteção pedi à meu irmão que se mudasse com ela para Suvers e eu fiquei aqui. Eve morreu para mim naquele dia. Decidi então honrar seu sonho.

Sinto algum tipo empatia por Steave. Consigo imaginar o quanto ele não sofreu a final eu também perdi duas pessoas que amava no mesmo dia, então eu sei que não deve ter sido fácil. Esse é um tipo de dor que nunca se esquece. Minha compaixão por ele se esvai assim que aquele maldito sorriso toma conta de seu rosto novamente. Ele olha para mim e continua.

-Conheci dois membros do conselho escondidos na floresta. Eles me ajudaram a colocar as últimas coisas nos eixos. Assim que terminamos decidimos que seria melhor espalharmos o boato sobre um acampamento rebelde, já que o governo considera mutantes, rebeldes, do que revelar a existência de nossa espécie assim logo de cara. Acabamos atraindo mais refugiados do que mutantes. Mas não se preocupe seu segredo está a salvo conosco. Aqui agora é o seu lar.

Sorriso ainda intrigado com o nome da moça. Estava prestando tanta atenção na historia que nem percebi que agora estamos parados em frente à sala de reuniões.

-Poucas pessoas tem acesso a essa sala Sam, mas como você é um de *nós* acredito que mereça saber o que está realmente acontecendo.

Ele passa a chave sobre a fechadura e a porta se abre.

A sala é enorme. Do lado direito tem uma mesa redonda com 10 lugares. Vários mapas estão colados na parede atrás dela. Do lado esquerdo da sala vários monitores de computadores mostram a entrada da base, ou seja, a floresta; A sala branca de entrada; Os corredores; A biblioteca; O refeitório; A cozinha e pequenas salas que não me lembro de ter visto. Steave se aproxima da mesa

indicando para que eu faça o mesmo.

Em cima da mesa tem um mapa escrito CONTINENTE AMERICANO-NOVA AMERICA. Nele tem sete pontos pretos, com pequenos pontos marrons ao redor. Os pontos pretos são as cidades sobreviventes e os pontilhados ao redor são as Aldeias. O resto do mapa é verde, com alguns pontos azul indicando os rios. Ele aponta no mapa onde fica Suvers e em qual local da floresta estamos. Steave explica que em todo o continente apenas sete cidades foram formadas. Suvers foi a primeira de toda a Nova America, por isso os lideres das outras cidades moram nela, mas não é a maior. A maior cidade fica no litoral ao Oeste. Lá não tem diferença entre aldeia e cidade. Todos moram juntos. A ideia de todas as pessoas viverem juntas me trás uma sensação de paz e estabilidade, mas a sensação logo é substituída por descrença quando Steave conta que lá existe mais desigualdade do que na aldeia. O sistema de lá é mais rígido e racional. As pessoas que não trabalham não comem e ninguém ajuda ninguém; As cidades tem comunicação entre si. O que eu pensava ser impossível já que os satélites e torres de telefones foram destruídos na Devastação, mas como em todo o resto eles deram um jeito.

Ele explica que agora é considerado território brasileiro, é o lugar com mais sobreviventes. Ele não sabe como são as coisas para as pessoas que vivem lá, mas sabe que por a população de lá ser maior, os mutantes também são.

Em um ponto roxo do mapa, em território brasileiro, está uma área que pode ser considerada duas vezes o tamanho de Suvers e sua aldeia juntas. É lá que os mutantes que são capturados são levados e testados pelo governo. Steave não sabe o que eles fazem exatamente quando testam os mutantes, mas sabe que não pode ser boa coisa afinal nunca conheceu alguém que tivesse conseguido sair da ilha.

Meu cérebro está a beira de um colapso. Não aguento mais ouvir falar sobre nada disso. Essa historia de governos e perdas só me lembram de meus pais. Andei tão ocupado esses dias tentando ficar vivo que não tive tempo de aceitar meu próprio luto. Estou prestes a pedir um tempo quando uma moça de cabelo curto carregando uma pasta entra e cochicha algo no ouvido de Steave que assente e a dispensa.

-Parece que teremos uma reunião de emergência. Não se preocupe Sam está tudo bem, nos vemos no jantar.

Antes que ele possa mudar de ideia, disparo pela porta indo em direção as escadas que levam ao meu novo quarto.

Encontro Maria no corredor.

-Olá Sam, se está procurando sua parceira de coito perdeu a viagem. Ela está na biblioteca.

-Ela não é... minha parceira de coito.

Coro e Maria solta uma risada de deboche.

-Então... Me diga Sam você tem irmãos?

-Não... – Respondo andando em direção a biblioteca.- Por que a pergunta?

-Nada só curiosidade...

Ela me acompanha até as escadas quando a moça que estava na sala passa chamando Maria.

-O senhor O'Connell disse que quer te ver agora, antes da reunião começar.

Maria acena e diz alguma coisa que deve ter sido um tchau, e eu apenas o sorrio confuso.

O'Connell? Esse era o sobrenome de meu pai. Meu sobrenome.

Quando a moça faz menção de seguir Maria, eu a interrompo.

-Desculpe-me você pode tirar uma duvida minha?

-Claro. – Ela para e sorri. – Oi meu nome é Jesse no que posso ajudar?

-Quem é O'Connell? – Ela da risada.

-O'Connell é o sobrenome de um dos conselheiros. Você deve conhecê-lo como Steave.

As palavras me atingem como se fossem granadas jogadas dentro de minha cabeça, explodindo cada pedacinho de informação oculto no meu subconsciente e os trazendo a tona, todos juntos.

De repente tudo faz sentido.

Por que meu pai tinha tanta certeza de que esse lugar existia? Por que eu era um mutante? Por que meu Steave me lembrava tanto meu pai? Tudo, pelo simples fato de que meu pai é o irmão de Steave. Por que Steave na verdade era

meu pai.

Eve...Evelyn.

Minha mãe era a garota que ajudou a construir esse lugar. Minha mãe era uma G4. O que explica por que nosso jardim sempre florescia e o fato de ter estar deitada em uma cama de raízes quando faleceu. E meu pai sempre soube.

Será que eu o podia chamar assim? Pai? O homem que tanto amei, que tanto desejei orgulhar, não passava de uma fraude. Ele havia mentido para mim, e para minha mãe. Ele havia escondido tudo de nós, durante todos esses anos.

Talvez se tivesse sido sincero minha mãe estivesse viva, tudo é possível.

Meu coração espanca meu peito com suas batidas e meus pulmões se recusam a puxar o ar.

Sinto-me traído. Não sei se é certo culpar alguém que está morto por minhas dores, mas eu tenho que culpar alguém, e no momento tento me esquecer de que Steave faz tanto parte dessa mentira quanto ele.

Luto contra a vontade de voltar e socar a cara de Steave até ele admitir que tudo isso é culpa dele, por que eu realmente quero socar a cara de alguém, mas invés disso sigo para o corredor que da direto para a saída.

Trombo em alguém e não paro para pedir desculpas.

-Ei onde você está indo? Você não pode sair.

Parece a voz de Will, mas eu ignoro e continuo em direção a saída. Ele não me segue. Ainda bem não sei o que eu faria se ele tentasse me impedir de sair. Simplesmente não posso ficar aqui nem mais um minuto, me sinto encurralado, preciso de ar.

Chego na porta e ao lado dela tem um painel com vários botões. Aperto todos até as duas portas se abrirem, soando um alarme, piscando luzes vermelhas.

Não olho para trás para ver a confusão que causei. Ouço passos atrás de mim, mas apenas corro em direção à floresta. Corro até dar de frente para um rio que exala um vapor extremamente quente. Olho ao redor a procura de uma saída, mas não há, o rio é extenso dos dois lados. Não consigo me concentrar, o barulho de passos se aproximando agora está em toda parte.

Do lado direito da margem há o que parece uma árvore caída atravessando o rio, e apesar de estar submersa, ela me dá meio metro de vantagem quanto ao restante do rio. Decido que aquela parte serve para que possa atravessar. Algo no meu cérebro apita me avisando que o que estou prestes a fazer é loucura, mas ignoro o aviso.

Me preparo para pular, mas sou puxado para trás, não sei da onde o golpe veio mas sinto uma dor aguda no nariz e estou no chão. Em pé de frente para mim, está um jovem de no máximo 17 anos apontando uma arma para mim e gritando algo que estou muito confuso para entender.

Sem pensar em um por que chuto a arma de sua mão e me levanto correndo de volta para o rio. Sinto um forte impacto quebrando minha costela esquerda, derrubando tanto eu quanto o jovem no rio. Será que ele não sabe que o rio é quente?

Tarde demais já estamos afundando.

Não consigo abrir os olhos. Cada centímetro de meu corpo queima como se ao invés de sangue, meu coração estivesse pulsando combustível para meu corpo todo, enquanto meu cérebro permanece com o isqueiro ligado, incendiando tudo pela frente.

Tudo que eu consigo pensar é em tentar salvar a vida do jovem ignorante que colou ambos nessa situação. Agarro o corpo mole do jovem ao meu lado e tento reunir forças para subir a superfície. Sinto minhas células brigando com o rio que insiste em me deixar com queimaduras mortíferas.

O rio é mais fundo do que aparenta. Não consigo ver seu fundo por que não há como abrir os olhos nem de baixo da água nem a cima dela por causa do vapor. Me sinto como Dona Margarida procurando o banheiro lá de casa tarde da noite, cega e desesperada prestes a mijar nas calças.

O cheiro de carne queimada faz meu estomago embrulhar. Engulo minha bile e depois de muito esforço coloco o que restou do garoto na grama.

Ele está sem pele. Carne preta e sangue pegajoso é tudo o que vejo. Coloco minhas mãos agora parcialmente restauradas em seu rosto na esperança de cura-lo. Começo pelos olhos, depois o nariz e a boca. Vejo que agora ele volta a respirar. Minhas mãos são pequenas demais, seu corpo todo está queimado, não há mais carne ao redor dos ossos de sua perna; a parte de baixo já era. Coloco a mão em seu peito para que seus órgãos voltem ao normal. Meu tempo acabou. Mais passos se aproximam. O soldado abre os olhos.

-Desculpe. – Sussurro.

Seus olhos esbugalhados cheios de terror e dor, deixam lágrimas escorrerem pelo seu rosto e seu grito corta o ar.

Vou até o galho de árvore atravessado no rio e entro novamente na água. A dor me atinge como uma lembrança e logo me arrependo. Fico sem ar, tenho a impressão de estar me afogando novamente. O soldado grita outra vez e isso me desperta de meu transe. Minhas pernas inflamam, mas eu não paro. Não sei se meus olhos lacrimejam por causa da dor no peito ou nas pernas. Continuo atravessando o rio. Tento segurar os gritos, mas eles continuam vindo até que os solto. A cada passa um grito agonizante de dor. A cada grito uma lágrima. A cada lágrima um peso a menos nas minhas costas.

Subo o pequeno barranco da margem do rio e em questão de segundos a dor passa. Todo o terror da cena anterior se foi com as lágrimas, não me permito continuar chorando, me levanto e vejo algumas pessoas chegando ao redor do soldado; não dou tempo para que me vejam. Viro para a floresta e começo a correr novamente.

Não sei exatamente do que estou fugindo, mas tenho medo de que se eu parar de correr apenas um segundo, desabarei.

Passo por muitas árvores gigantes, arbustos densos, plantas com espinhos afiados, roedores estranhos e três montanhas menos gigantes que as próximas do acampamento. Diminuo o ritmo, mas continuando correndo.

Estou correndo pelo o que parece ser horas. Pessoas normais já teriam infartado, mas eu não sou normal. E infelizmente, pelo visto minha habilidade de cura não deixa meus pulmões explodirem.

O tempo todo penso no pobre garoto queimado. Ele já não deve estar mais lá, mesmo assim eu ainda ouço seus gritos em minha mente, como se eu ainda estivesse.

Será que tinha morrido? E estivesse morto, seria isso minha culpa?

Estou cansado. Vejo uma árvore com um tronco suficientemente grosso para que eu possa escalar e subo nela. Subo até o galho maior para que meu corpo todo caiba nele sem que eu corra o risco de cair. Deito virado de barriga para cima. Olho para baixo e assobio; não tinha notado que havia subido tão alto, tem no mínimo três ou quatro metros me separando do chão.

Assim que fecho os olhos às lembranças de toda minha vida invadem minha mente. Me permito ficar de luto não só pelo meus pais, mais pelo soldado, pelo garoto e por mim. Toda a felicidade que fui criado ao redor nunca passou de mentiras.

Exausto me entrego à dor e começo a chorar.

Capítulo 09

Uma coisa engraçada sobre os pesadelos é que, mesmo sendo frutos da nossa imaginação, eles parecem bem reais.

Estou caindo e alguém está caindo comigo também.

Olho para o lado e vejo Cat. Não, não é Cat, é minha mãe. E seu rosto está vermelho, assim como o resto do seu corpo. Ela está queimada, não sinto cheiro de carne queimada, mas sinto meu estômago embrulhar. Ela abre a boca e um grito sai de sua garganta, mas não é sua voz é a do garoto.

Estou no chão. De pé, ao lado de um corpo ensanguentado. É o soldado que matou minha mãe. Me aproximo para tirar seu capacete. Uma bala me atinge e eu caio, mas antes consigo dar uma olhada no rosto do soldado que matou minha mãe e atirou em mim varias vezes.

É meu pai.

Eu estaria suando se não estive com tanto frio.

Tento abrir os olhos, mas não consigo, eles estão... *colados*?

Levo minhas mãos até meus olhos então noto que eu não sinto minhas mãos, na verdade não sinto nenhum membro do meu corpo. Eu sinto frio.

Com muito esforço rolo para o lado e caio do galho da árvore até o chão. O chão está extremamente frio e macio. Acredito que esteja coberto de *neve*?

A queda quebra meu braço direito, o que me permite ter de volta a sensibilidade nele. Uso minha mão direita para tentar abrir os olhos. Uma dor torturante me atinge enquanto sinto meus dedos arrancarem a pele ao redor de meus olhos. Sinto uma linha fina quente escorrer pelas minhas pálpebras; deve ser sangue, mas ele para de escorrer assim que abro os olhos. Minha visão está embaçada pelo sangue congelado, mas pelo menos consigo ver por onde estou.

Provavelmente estou perto de algum lago, por que as plantas altas se encolheram como o resto da vegetação por causa do frio. As árvores e o chão estão brancos, repletos de neve. Quando Cat disse que a temperatura caia

drasticamente durante a noite ela não estava brincando.

O frio atrapalha meu raciocínio e depois de mais tempo do que eu gostaria me lembro da direção do rio quente. Logo a frente tem uma enorme pedra congelada ao chão, como perdi o movimento das pernas uso meu braço bom para me arrastar até ela. Todo meu corpo está dormente e diante da ideia que tenho, sinto que perdi o pingo de sanidade que me restava.

Pego meu braço esquerdo que está mole, e com o maximo de força que consigo fazer, o jogo contra a pedra e o sinto quebrar-se. Tento morder os lábios, mas descubro que eles estão grudados. A dor passa, dando lugar á um formigamento. Bom. Isso é bom, significa que os braços voltaram, agora faltam as pernas.

Sento-me empurrando a pedra com os braços e cavando em volta até meus dedos sangrarem, um tempo depois com os dedos quase insensíveis de novo, consigo tirar a pedra do chão; Ela é pesada, muito pesada. Se eu não tivesse pulado em um rio quente mais cedo diria que o que estou prestes a fazer é a coisa mais louca que já fiz, mas não é.

Inspiro fundo e com os dois braços ergo a pedra o mais alto que consigo, o que não é muito pois ela é pesada. A posiciono em cima do meu joelho esquerdo e a solto. Meus lábios se abrem em um grito e sinto gosto de sangue espalhando sobre minha língua. A dor passa e eu repito o processo na perna esquerda.

Demoro alguns segundos para me recurar e levanto em direção ao rio. Não vou conseguir andar muito sem precisar quebrar as pernas novamente e apesar do traje ajudar a manter minha temperatura, não há muito que ele consiga fazer no frio que estou submetido. Pela posição da Lua reparo que não faz muito tempo desde o por do sol.

Ótimo!

A noite esta apenas começando.

As três montanhas estão perto agora. O que é bom, pois me lembro de ter passado por elas mais cedo. Corri por mais tempo que imaginei.

Minha cabeça está latejando e está cada vez mais difícil respirar. Perdi a sensibilidade dos dedos da mão de novo. Por mais que seja doloroso e frio aqui fora. Prefiro estar aqui do que naquele maldito acampamento cheio de

mentirosos, mas, confesso que daria tudo para estar no tronco de Cat agora.

O que ela deve estar fazendo agora? Será pensa em mim? Na sua cama quentinha?

A ideia de uma cama quente me atrai mais do que qualquer outra coisa.

Por um tempo tentei bocejar meu bafo quente nos dedos das mãos, mais agora mal tenho ar para bocejar então estou com a boca bem fechada. Com certeza não era assim que eu imaginava passar a noite.

Um uivo rasga o ar. Eu paro. O uivo vem das montanhas bem à frente. O rio está logo atrás delas, se eu conseguir passar pelo meio estarei no rio em questão de minutos.

Decido não arriscar e resolvo dar a volta nas montanhas pela esquerda. Por mais que eu me cure rápido tenho certeza de que uma matilha de lobos pode fazer bastante estrago. Se é que são lobos. Os animais estão tão fodidos que duvido que sejam meros lobos.

Engulo em saco e afasto o pensamento. Aperto o passo. Outro uivo, mas dessa vez ele está mais próximo. Eles estão chegando posso sentir. Começo a correr. Não demora muito para que eu fique totalmente sem ar. O frio corta a pele de meu rosto e esmaga meus pulmões. Minha visão está embaçada.

Começo a cantar mentalmente.

Sempre que ficava ansioso demais quando era criança minha mãe cantava para mim. Era um rock muito antigo que falava sobre paciência. A letra dizia *All we need is Just a little patience* (tudo o que nós precisamos é de um pouco de paciência). Talvez esse não seja o momento certo para ter paciência, mas meus nervos estão a flor da pele e preciso me acalmar ou vou acabar enfartando.

Será que eu consigo ter um ataque cardíaco?

Não sei se quero saber a resposta nesse momento.

Olho para trás e vejo um grande... Cavalo peludo? Os olhos dele são vermelhos como sangue e não é só isso, seus olhos não são normais... Eles têm algum tipo de espinhos ao redor deles... Não, eu não acho que sejam espinhos. Engulo em seco.

Jesus Cristo!

São dentes... De 20 centímetros no mínimo! Se os seus olhos tem dentes tão grande não quero nem saber o tamanho dos que ficam dentro de sua boca. Infelizmente ele decide me mostrar seus dentes caninos de 30 centímetros dando um latido.

Definitivamente esse animal era um lobo em outra época menos estranha.

Acabo ficando tempo demais indignado com o tamanho dos dentes do animal, e me esqueço de olhar para frente. Trombo em um galho de árvore que acaba se quebrando e caio de cara no chão. Antes que possa me levantar o animal já esta babando em minhas costas. *Nojento.*

Agarro o galho quebrado e me viro atingindo o rosto do animal em cheio. Como a ponta do galho está congelada, a pancada tem mais efeito do que eu esperava, provocando tonturas no animal que balança a cabeça freneticamente, me dando tempo suficiente para levantar cambaleando e colocar uma boa distância entre nos dois.

Após alguns minutos consigo avistar um rio. Não tenho tempo de me animar por que com exceção de uma parte bem lá no meio, ele está todo congelado.

Vejo duas formas gigantes na margem do outro lado. Mais lobos.

Corro para dentro da floresta me distanciando ao maximo do rio. Ouço galhos quebrando, os lobos uivando, mas não paro.

Chego a uma parte da floresta que me lembra a área que rodeava a Aldeia. Mesmo congelado consigo ver o barro misturado com asfalto no chão. A alguns metros vejo uma árvore fundida com o que há muito tempo deve ter sido uma casa.

Estou próximo a uma das cidades destruídas. Não tenho tempo para pensar nos perigos que os escombros da cidade possam significar, simplesmente corro em direção ao prédio menos danificado mais próximo que vejo e entro nele subindo três lances de escada sem olhar para trás. Eu até subiria outro lance, mas o resto do prédio caiu deixando apenas esses três andares para contar a história.

O corredor do terceiro andar é grande. Acredito que este prédio deveria ser um hotel antes da Devastação. Tento a porta da direita, mas está trancada, assim como a da esquerda. *Estranho.* No final do corredor tem uma última porta. Corro até ela. Giro a maçaneta. Está aberta.

Entro e fecho a porta com o maior cuidado para não denunciar minha localização. A janela no meio do quarto está sem vidro. A luz da lua ilumina o quarto todo; a cama está preta de sujeira e cheia de bichos sobrevoando alguma saliência de baixo de um lençol imundo; o chão está repleto de cacos de vidro manchados, imagino que eles deveriam pertencer á algum tipo de aparelho eletrônico. Chego mais perto para ver o que são as manchas em alguns cacos. Sangue seco. *Assustador.*

Caminho lentamente até a janela e cada estralo de caco de vidro faz meu coração parar. Encosto na parede e espio pela janela. Tem seis lobos-dentes-nos-olhos na rua. Eles uivam e rosnam um para o outro como se estivessem tentando se comunicar. Por um momento descanso minha cabeça na parede e inspiro fundo.

Ouço um barulho vindo do corredor. Volto a olhar para a rua e nada dos lobos.

Eles me acharam.

Corro para uma porta que parece ser um banheiro e entro fechando a porta de vagar e trancando-a.

O banheiro fede a carniça; O vaso foi arrancado, e a pia é coberta por uma imundice que se parece sangue podre com poeira; cacos de vidro estão espalhados por todo o chão e a parede está rachada em vários lugares. Sento no chão de costas para a banheira. Ouço a porta abrir.

Lobos abrem portas? Mesmo nesse mundo maluco, eu duvido.

Estico o pescoço para a rachadura mais perto e vejo pernas... Pernas mancando. É uma pessoa. Alguém vive aqui.

Estou salvo.

Solto um suspiro de alívio, mas antes que eu possa me animar muito, moscas atingem meu rosto me fazendo virar para espanta-las; fico de frente para a banheira tendo uma visão perfeita de seu conteúdo.

Meu Deus.

A banheira esta repleta de moscas e sangue sujo por toda parte. Dentro dela, membros de animais e de pessoas se amontoam; Pés, braços, dedos por toda parte. Alguns pretos e podres e outros com sangue fresco. Meu estômago revira e eu engulo a ânsia de vômito que desce queimando minha garganta.

Tampo o nariz; Agora que eu sei o que está ali, o cheiro de carne morta é quase insuportável.

Me lembro de Cat contando sobre o governo alimentar as Coisas canibais e um arrepio percorre minha espinha.

Eu confesso que o acampamento não era não ruim afinal.

Olho pela rachadura e nada de pernas ou passos. Mas ele ainda está ali em algum lugar do quarto. Me levanto com cuidado para não fazer barulho.

Tenho que sair daqui.

Caminho lentamente até a porta. Prendo a respiração. Nenhum de nos dois faz nenhum som. Ouço um crack e percebo que pisei em um caco de vidro. *Droga!* Corro para atrás da porta e me encosto na parede puxando todo o ar que meus pulmões conseguem segurar no momento em que a porta se abre ficando apenas um centímetro de meus pés. Apesar do frio, suor corre pela minha testa. O Coisa não se meche, apenas observa o banheiro. Meu coração parece uma marreta dentro de meu peito, batendo tão forte que parece que quer quebra-lo e eu o chingo mentalmente para que ele pare de fazer tanto barulho.

Cala a boca coração idiota, cala a boca.

Estou sem fôlego. Preciso respirar, mas ele ainda está ali. *Não aguento mais.* Mordo o lábio para segurar o impulso de soltar o ar em busca de oxigênio e ouço o barulho no corredor junto com pequenos rosnados.

Graças a Deus, lobos.

O Coisa também ouve e manca para fora do banheiro sem se preocupar com a porta. Ele chinga em alguma língua que eu desconheço e pega algo afiado que sai arrastando pelo chão até o corredor. Expiro e inspiro. Repito. Mais uma vez. Sinto o oxigênio se espalhando pelo meu cérebro e meu coração se acalmar no peito.

Saio do banheiro sem olhar para a banheira. Vou direto para a porta que da para o corredor, mas antes de girar a maçaneta com um impulso olho pelo olho mágico.

Um lobo está morto. Ao seu lado está um ser horrendo que já foi humano segurando um machado ensanguentado. Seu rosto é cheio de bolhas e uma enorme cicatriz corta seu olho esquerdo; seu nariz é exageradamente pontudo e seu maxilar parece quebrado; ele não tem a parte inferior da boca, o que deixa

seus dentes podres e sua gengiva a mostra. *Nojento*. Sinto o vômito subir novamente e tapo a boca contendo um soluço. Ele olha para porta. Ele sabe que eu estou aqui. Tranco a porta e procuro por outras saídas.

Não há. Tento o banheiro, nada. Ouço a grande batida na porta. Ele nem tenta a maçaneta sabe que eu tranquei a porta, ele é inteligente. Estou encurrulado. Olho pela janela. Três andares. É um pouco só um pouco mais que a altura que eu cai da árvore, mas não tem neve para amortecer a queda.

Outra batida e a porta racha. Mais uma e ele estará aqui. Não tenho tempo.

Não tenho escolha.

Apenas fecho os olhos rezando para que não tenham lobos lá em baixo, e me jogo em posição fetal pela janela.

Tudo o que eu ouço é um zumbido e depois o barulho de ossos se quebrando. *Esconda-se*. É tudo que consigo pensar. Tento me levantar, mas eu caio. Sinto uma dor aguda na perda. Minha habilidade já devia ter curado qualquer fratura que a queda causou.

Olho para minha perna esquerda esta coberta de sangue; O osso está exposto. Minha visão embaça e eu fico tonto. Eu grito. Não consigo pensar em caras com machados, ou lobos. Eu só grito e vômito. Tudo começa a dançar como na floresta, o mundo entra e sai de foco enquanto eu vômito mais um ácido verde, até que não resta nada além de sangue para ser vomitado.

Lágrimas que eu nem percebi ter derramado estão escorrendo pelo meu rosto. Olho para minha perna, mas uma vez e tudo que consigo ver é sangue e uma pequena ponta rasgando a carne ensanguentada; posso sentir a pele se mexendo, lutando para se curar e sendo impedida pelo osso que está no caminho. Respiro. Tento me concentro ao meu redor.

Ainda estou no meio da rua. O cara do machado está na janela. Se as lágrimas não estiverem embaçando minha visão poderia dizer que ele está sorrindo. Fecho os olhos e deito a cabeça no chão frio. Meus lábios tremem e eu não sinto nada além de agonia.

Enquanto ouço passos se aproximarem, acabo me lembrando de toda minha vida e eu queria que não tivesse feito isso. A mágoa invade meu peito por me lembrar que tudo não passou de uma mentira.

Me preparo para morrer. Os passos estão mais pertos. Eles correm.

Será que minhas habilidades funcionaram quando eu for decapitado?
Provavelmente não.

Mais rápido.

Espere. O Coisa de machado não mancava?

-Sam?

Era a voz de Cat? Será que minha cabeça já estava sendo cortada e eu estava alucinando?

– Meu deus Sam sua perna está...

E então som de vômito. Eu não estou alucinando é Cat, ela está aqui. Ouço mais vômitos e nunca me senti tão feliz por ouvir alguém vomitar. Bom pelo menos eu não era o único com estômago fraco.

Outro passo, um irregular agora, com algo se arrastando Sim agora é ele.

-Cat... – Sussurro.

Levanto apontando para frente e ela olha para trás vendo o Coisa. Ele está babando.

Colocando uma mão na boca para evitar vomitar de novo e outra mão em minha perna boa, desaparecemos para a casa dentro da árvore.

O ar aqui é mais quente e por mais que minha perna doa, respiro aliviado.

Olho de relance para minha perna e um riso histérico escapa de minha garganta. Começo a rir como um louco rir e depois choro.

Cat para de vomitar e se aproxima limpando a boca.

Começo a ficar tonto; Estou perdendo muito sangue.

-Cat... - Ela pega uma garrafa de água e me encara em pânico. – Preciso que você me ajude a colocar o osso para dentro.

Ela cospe a água na minha cara. *Delicada como sempre.* Dou risada. Estava com saudade de Cat.

Agora a risada histérica vem da boca de Cat. Ela acha que o que lhe pedi é brincadeira, mas assim que percebe em minha expressão que não é, sua histeria

aumenta.

Eu fico ali parado esperando que ela pare de rir e comece a me ajudar. Ela me olha e se controla parando de rir. Não sei o que ela viu em meu rosto, mas eu espero que tenha visto o quanto estou desesperado. A dor está sumindo e meus sentidos também; vou desmaiar a qualquer momento.

Ela engole seco, já que cuspiu toda água em mim, e joga água por cima do meu ferimento. Grito. Todo sinal de perda de sentidos somem e de repente a dor fica bem clara para mim. Arde e queima como o rio de água quente.

- Por que você fez isso? – Grito novamente.

-O que? Você pediu para ajudar e eu não enxergo nada com esse monte de sangue. – Ela tem razão. Faço que sim com a cabeça mordendo a língua para tentar amenizar a dor, mas não funciona. Ela continua e joga mais um pouco de água. Fecho meus olhos e tudo fica preto por um momento.

Acorde você não pode desmaiar agora.

Abro os olhos. Cat está pálida, parece a ponto de vomitar a qualquer momento.

-O que eu faço agora? – Pergunta sem querer mesmo saber a resposta.

Penso em todas as vezes que vi minha mãe trabalhando em casa. Quando homens caíam de árvores ou escombros desmoronavam sobre eles, todos procuravam minha mãe por que ela sempre sabia o que fazer; e de algum modo eu também sei.

-Ok, Cat, você precisa me ajudar a sentar primeiro. – Ela se aproxima e me ergue me encostando na parede; esse simples gesto envia uma dor aguda ao meu cérebro me deixando em transe. Respiro fundo e o chão para de se mexer. – Agora não importe o que aconteça ou quanto eu grite não pare ta bom? – Não espero por resposta. – Você precisa puxar minha perna para seu lado, esticar o máximo que conseguir. Ai então eu vou tentar empurrar o osso para dentro.

-Como você vai fazer isso?

Engulo em seco. Não tinha pensado nisso

-Vamos começar. – Digo tentando mascarar o medo em minha voz

Cat fecha os olhos agarra minha perna e a puxa de repente. A dor me

atinge como um soco no saco e eu sinto como se estivesse sendo fatiado em milhares de pedaços e tudo que eu consigo fazer é gritar; Eu não penso, minha visão é resumida em preto e colorido e eu imploro, choro, e imploro mais um pouco para que ela pare mas ela não para.

Consigo ouvi-la gritando e chorando, ela também está assustada, mas continua e eu não sei por que ela continua se eu disse para parar. Tento conectar os pontos para ver se algo faz sentido, mas agora não me lembro nem de que estávamos falando só de... *Meu deus isso doi!*

Ela para de puxar e eu me permito puxar o ar, ela ainda segura minha perna com umas das mãos.

-Desculpe. – Ela sussurra em meio a lágrimas.

Desculpa pelo o que?

E então ela fecha a mão em um punho e mundo fica preto

Capítulo 10

Abro os olhos e vejo tudo através de remelas. Meus olhos, minha cabeça, tudo lateja. Estou tão cansado.

Eu não estava dormindo?

Tento me lembrar do que aconteceu e dor... Levanto em um pulo. Sorrio. Não sinto mais dor. Cat! Uma tontura me atinge e me apoio na parede.

-Cat?

-Sam, sente-se aí.

Tudo entra em foco novamente. Estamos no tronco. O ar está pesado, com um cheiro forte. Cat está sentada do meu lado com rosto inchado e olhos vermelhos.

Ela estava chorando?

-Você está bem? – Pergunto. – O que houve?

-Você apagou á tipo uns cinco minutos atrás. Estava preocupada.

Só cinco minutos? Pareciam dias.

-Minha perna... – Olho para minha perna e está tudo perfeito. Se não fosse pelo buraco ensanguentado de baixo do joelho em meu traje, diria que nada nunca aconteceu. – Você conseguiu. Obrigada.

Ela sorri e parece prestes a começar a chorar. Sorrio e a abraço.

-Oh Sammy, você sumiu. Pensei que nunca mais ia vê-lo. O que aconteceu?

Mesmo não querendo reviver tudo o que passei, sinto que devo a ela isso. Afinal, só estou vivo por que ela me salvou.

Começo a contar. Conto a historia que Steave me contou; como conectei os pontos e descobri que ele na verdade é meu pai; sobre o rio; sobre o soldado que tentei ajudar; de como escapei do frio, mas acabei nas ruínas da cidade e ela me ouviu atentamente, passando a mão em meus cabelos, que estão maiores do que

eu costume deixar. Mesmo vendo em seu rosto que ela presta atenção, seu olhar está distraído. Quando acabo ela não diz nada. Ficamos por um momento em silêncio.

-Estou feliz de que esteja bem. – Diz por fim.

-Estou feliz que você esteja bem. – Seguro seu queixo com a mão e olho em seus olhos. Dessa vez eles estão atentos a mim, ao meu próximo passo. – Eu senti sua falta.

-Mentiroso! Você sentiu falta de minha árvore isso sim. – Dou risada e ela sorri, me dando o sorriso triste mais lindo do mundo.

Molenga.

- Confesso que senti muitas saudades de sua árvore. E dessas cobertas, Deus como eu mataria por elas naquela horas, mas...

-Mas?

Qualquer traço de tristeza já sumiu de suas feições, ou de seu olhar. Meus olhos se prendem nos dela e eu não consigo desviar, não consigo parar de encara-los. Ela é tão linda. Seu coração agora bate rápido como o meu.

-Eu senti mais saudades disso...

Me aproximo e a beijo suavemente. Afasto meus lábios só um pouco, sua boca abre pedindo por mais, mas eu não dou. Invés disso eu sorrio e ela também. Percebo que gosto de provoca-la. Ela coloca a mão na minha nuca e me puxa para ela, me beijando ferozmente e eu deixo. Meu estômago se revira, e dessa vez eu tenho certeza que é de felicidade. De repente tudo o que eu passei vale a pena por causa desse pequeno momento.

Tento identificar exatamente o que há nela que consome completamente minha mente, mas não consigo pensar; uma série de arrepios se espalha pelo meu corpo, me enchendo de uma excitação até então por mim desconhecida.

Entrelaço meus dedos por de baixo de seu cabelo solto e eu a beijo; a beijo intensamente como se o mundo fosse acabar a qualquer minuto por que eu não sei o que vai acontecer no próximo minuto e honestamente, quem liga? Nós temos o agora e agora... Tudo o que eu quero é ela.

Cat está deitada em meu colo tagarelando sobre como foi seu dia sem mim, enquanto faço mecho no seu cabelo.

Ela diz que passou a maior parte explorando a floresta e achando novas espécies incríveis de animais. Quando voltou a primeira coisa que fez foi me procurar, mas ninguém sabia de mim; Ela até perguntou ao Will, que estava de guarda na porta, se tinha me visto, mas ele disse que não então ela decidiu perguntar a Steave, foi quando ouviu que algum espião havia jogado um dos soldados no rio quente. Assim que ela viu o soldado meio “consertado”, soube no mesmo momento que eu havia tentado salvá-lo, o que não adiantou nada, pois ele acabou morrendo de qualquer forma.

Ótimo mais um cadáver para entrar na coleção.

Ela disse que passou o resto da tarde me procurando fora do acampamento. Quando não achou voltou para o quarto e viu o meu bilhete.

-Que bilhete?

-O bilhete que você deixou em minha cama antes de sair.

-Eu não deixei nenhum bilhete.

Ela se vira para me encarar.

-Deixou sim, você disse que precisava ficar sozinho, mas que queria me encontrar na antiga biblioteca da cidade morta.

-Primeiro, eu nem sabia que existiam escombros de cidades por ai, muito menos que vocês a chamam de cidade morta e muito menos qual prédio era a biblioteca.

Eu não sabia nem quem eu era realmente, agora que minha árvore genealógica esta ferrada.

-Faz sentido, mas... Se você não deixou quem deixou?

-Talvez fosse uma armadilha. Como você me achou afinal?

-Eu estava indo para a biblioteca. Não lembrava muito bem, eu só havia estado naquela cidade uma vez com Will, procurando por algo útil para Steave foi quando vi os cadáveres lembra? – Faço que sim e ela continua. – Então eu puffei no último lugar que eu lembrava, na estrada e decidi ir a pé. Foi quando ouvi seus gritos.

Então gritar funcionava. Mas espere... Ela disse que estava com Will..

Um sentimento surge em mim, algo estranho, intenso. Não é ciúme é mais que isso... É certeza! Sempre soube que não podia confiar naqueles cabelos loiros lambidos, afinal *quem penteia tanto o cabelo assim?*

-Você disse que Will não sabia onde eu estava?

-Sim, por que?

-Por que ele me viu saindo. Ele ligou o alarme para que os soldados fossem atrás de mim. E quanto ao bilhete, Will pode ter escrito certo?

-Sim, mas como ele o colocaria no meu quarto? Ele não tem a chave... – Antes que eu possa pensar em outra solução ela leva a mão à testa dando um tapa nela mesma. – Will dormia às vezes naquele quarto antes de terminarmos, eu nunca peguei a chave de volta.

Tá legal agora eu estava com um pouco de ciúmes. Imagino os dois dormindo na mesma cama e afasto o pensamento, não querendo fazer uma pergunta muito pessoal para ela.

-Mas o que ele queria? Por que ele queria que você fosse a biblioteca?

-Não sei, mas vou descobrir...

Abro minha boca para protestar, mas ela já se foi.

Droga de puff.

Os poucos minutos que se passam são aterrorizantes. Estou capotando de sono, porém toda vez que fecho os olhos para tentar dormir, vejo dedos, e cabeças decapitadas, pernas sem carne, pessoas queimadas e mais dedos.

Cat aparece pálida, com alguns fios de cabelo brancos, cobertos por poeira.

-O que aconteceu? – Pergunto

-A biblioteca explodiu.

-Isso é normal. A maioria dos prédios parece ter sido explodido devido à força dos tornados.

-Não... Ela explodiu. CABUM! – Ela usa as mãos para dar mais ênfase na

explosão. - Eu fui lá e o prédio estava quase inteiro. Então eu joguei uma pedra na porta antes de pisar lá e tudo continuou normal, mas depois quando atirei outra pedra dessa vez no chão do prédio, pela janela. Explodiu. Todo o resto do prédio simplesmente caiu. Se eu tivesse puffado lá eu estaria morta.

O horror está estampado no seu rosto. Eu a abraço e ela começa a se balançar.

-Era mesmo uma armadilha. – Digo baixinho.

-Mas por que ele iria querer me matar?

-Vai ver ele não aceitou o fim do namoro muito bem.

-Não acho que seria isso tenho certeza.

-Talvez fosse uma distração.

-Uma distração pra que? Não entendo.

-Nem eu. Vai ver ele é louco. Aposto que sua obseção por cabelos lambidos tomou conta dos poucos neurônios que lhe restavam.

Ela ri baixinho e me repreende.

-Sam é serio!

-Ta bom parei, mas ele com certeza queria você fora do acampamento.

-Isso pode ser verdade. Ok..Ele me queria fora do acampamento. Mas por quê?

Tento pensar em alguma coisa que seja útil, mas tudo que vejo são dedos, e cabeças decapitadas e pessoas queimadas.

É, perdi o pouco de sanidade que me restava.

Ela se levanta e vira de frente para mim, me encarando preocupada.

-Nós precisamos voltar! Precisamos avisar Steave. – Balanço a cabeça. Não quero voltar ainda. – Olha Sam, você não pode se esconder para sempre. - *Sim eu posso!*- Você é homem agora, um dia terá que enfrentar isso, e eu sei que você está bravo com seu pai, mas veja pelo lado bom pelo menos você tem um. Conheço gente que mataria para conhecer seus pais. – Por dizer *gente*, ela queria

dizer *ela*. - Se não quer falar com Steave pelo menos volte comigo até o quarto.

Cat tinha razão, eu acho, mas eu não ia admitir isso, afinal eu não passei tudo àquilo só para voltar correndo ao acampamento.

-Ta bom, eu volto com você se nós ficarmos só por hoje aqui. Eu realmente preciso descansar e não vou conseguir fazer isso lá. Não hoje. Promete que fica comigo aqui, hoje?

Ela parece ponderar. Depois de um minuto balança a cabeça e se deita. Vou até seu lado e me deito junto com ela, que me abraça. Estamos bem. Mas ela esta quieta, talvez esteja só cansada, talvez não.

Ela fecha os olhos e eu a observo dormir até que faço o mesmo.

Acordo suando. Sei que tive um pesadelo, mas não me lembro dele. Isso é bom, não estou a fim de pensar em dedos agora. Cat ainda está dormindo.

Por quanto tempo eu consegui dormir?

Não deve ter sido muito. Tento ver algo pelo buraco no tronco: está sol, mas não muito; Provavelmente dormi por umas três horas. Não é o suficiente; estou mais cansado do que antes. Tento dormir de novo, mas não consigo. Preciso de um banho, mas será impossível até que Cat acorde. Sem querer (*aham*) faço barulho ao me sentar e Cat acorda.

Ela sorri sonolenta e esfrega o olho igual um gato. Dou risada.

-O que foi? – Pergunta seria.

-Nada... É só que você às vezes parece mesmo um gatinho fofo e lindo.

-Ta me chamando de gorda?

-Não, da onde você tirou isso?

-Você disse fofo.

-Sim, fofo e não gorda.

-Mesmo assim fofo é sinônimo de gordo.

-Desde quando?

-Desde sempre.

Reviro os olhos e a puxo para um abraço. É tão bom abraça-la e te-la por perto que eu ficaria assim o dia todo, se não estivesse mesmo precisando de um banho.

-Preciso de um banho.

-Tudo bem, espere aqui vou pegar toalhas e um traje novo para você e vamos para o rio.

E ela some.

Mesmo amando o rio o que eu quero é uma longa e quente e longa ducha.

Os minutos se passam os mesmos. Dedos, cabeças, lobos e pernas com ossos. Dessa vez apenas deixo que tudo venha em minha mente. No começo sinto náuseas mas depois me obrigo a ficar indiferente.

Já passou supere.

Cat volta limpa e com o cabelo molhado. Ela sorri.

-Desculpa precisava de uma ducha. Suas coisas estão aqui. Enquanto você toma banho vou limpar a sujeira que fiz ontem.

Assim que me lembro dela vomitando começo a rir e ela me olha feio. Pega minha mão e estamos no rio. Antes que eu possa perguntar alguma coisa ela some.

Odeio quando ela faz isso.

O sol brilha alto no céu, esquentando tudo ao redor. Dessa vez o som da cachoeira está um pouco mais longe, mas ainda alto o suficiente para que eu me sinta bem. Penduro minha toalha em um galho de árvore e observo minha volta à procura de algum animal, mas nem sinal deles. Os pássaros estão em todo o canto, o que me alivia. Nada de hienas hoje.

Tiro a roupa e entro no rio. Tomo banho lentamente deixando os problemas irem junto com a sujeira... E que sujeira. A água ao meu redor fica preta conforme me esfrego com o sabonete doce, mas logo se torna limpa novamente. Vou mais para o fundo do rio e mergulho ficando o máximo que meus pulmões parecem aguentar, o que não é muito, ainda estou muito desgastado mentalmente para me concentrar em prender o ar.

Assim que visto o novo traje, igualmente indecente, sento na grama e fico olhando as nuvens mudando de forma. O ar aqui é limpo e relaxante. Pego no sono.

-Bom dia bela adormecida. – Cat está sorrindo sentada ao meu lado.

Ainda estamos na beira do rio. O som está quase se pondo. Imagino que tenha dormido o dia todo.

-Há quanto tempo está aqui?

-Meia hora, talvez menos. Depois de limpar o tronco, o que me pareceu uma eternidade, acabei pegando no sono também. Acho que estávamos muito cansados. Venha você não vai querer perder isso.

Ela agarra minha mão e antes que eu possa de fato acordar, estamos no alto de uma colina. Uma colina bem alta. Me levanto e olho para baixo. Bem depois da nevoa consigo ver um rio. Daqui de cima ele parece vermelho. *O rio quente!* Estamos em cima de uma das montanhas eu acho, apesar de não conseguir ver nenhuma das outras duas ao lado. Elas parecem tão grandes de lá de baixo e daqui tudo parece muito pequeno. Se eu apertar os olhos na direção correta consigo ver algumas luzes de Suvers; se apertar os olhos para o oeste vejo mais luzes. *Outra cidade.* É de tirar o fôlego.

-Venha sente-se aqui.

Sento-me ao seu lado e ficamos olhando o horizonte. Entendo por que ela me trouxe aqui. Para ver o por do sol. Cat começa a tagarelar sobre algum tipo de tecido que eles estão testando ou algo do tipo; paro de prestar atenção assim que uma luz laranja vai deixando o céu azul para se tornar vermelha; é como se alguém tivesse pintado as nuvens de rosa e a luz que banhava a grama ainda não havia decidido que cor queria ser, ela era laranja, vermelha, dourada e todas as cores e ao mesmo tempo nenhum cor que eu conhecia. É tudo tão lento, mas é tudo rápido demais, fico com medo de piscar e perder algum detalhe, porem acabou, já se foi, não para sempre só por hora. O sol se pôs para que a lua, não menos digna de elogios, tomasse seu lugar.

Só percebo que Cat parou de falar, quando noto que os pássaros cantam. Ficamos em silencio enquanto os pássaros noturnos voam sobre nós, conversando entre si.

Tem poucas árvores ao redor, aqui no topo da montanha. Mas as poucas que nasceram são diferentes de todas da floresta abaixo. Ela são gigantes e com

flores que começam a se abrir assim que a luz da lua as toca. Uma rajada de vento bate nas folhagens e um enxame de vagalumes o segue.

-Sabe... - solto um suspiro ainda olhando para frente. – Desde pequeno eu sonhava em vir aqui, ser parte dessas montanhas, ver o por do sol bem daqui de cima. E eu consegui! Aqui estou eu. Mas sabe qual é a melhor parte?

Viro o rosto para observar Cat, que está me olhando atentamente, prestando atenção a cada palavra.

-Qual?

-Você. – Respondo me aproximando.

Ela sorri e eu a beijo suavemente. Ela me olha e eu sinto que está feliz, assim como eu, mas seu pensamento está longe daqui.

-O que foi?

Ela suspira e deita na grama. Eu faço o mesmo.

O céu não está preto, mas não está tão claro como perto do rio. As coisas aqui brilham com menos intensidade como se não quisessem perder a escuridão que a noite trás, mas ao mesmo tempo todos os frutos estão virados na direção da lua, implorando pela sua luz.

-Sam... - Chama Cat com uma voz mais triste do que preocupada. Olho para ela, mas ela ainda está olhando para o céu.- Você acha que ainda podemos desenvolver poderes? Quero dizer além dos nossos?

Ela olha para mim e algo me diz que ela já sabe a resposta para essa pergunta.

-Eu não sei... Não conheço muitas coisas sobre mutantes ou sobre nossas habilidades, mas de uma coisa eu sei...

-O que? – Ela se vira, apoiando o rosto na mão, e me encara. Eu olho para os lados como se estivesse procurando alguém, me aproximo ficando na mesma posição e digo em um tom baixo:

-Se azar for um superpoder, eu definitivamente o tenho. – Ela revira os olhos e me dá um soco no braço.- To falando serio, veja tudo o que me aconteceu ontem, aquilo é um azar danado.

-O que aconteceu ontem não foi culpa do azar, e sim da sua burrice. Por que você não se trancou no quarto já que queria sofrer em silêncio, invés de sair correndo por aí em cidades com canibais.

-Por que não seria a mesma coisa. Quando você quer ficar sozinha se tranca no seu quarto?

Ela abre a boca e depois fecha.

Aha! Peguei ela.

-Mas é diferente... Eu tenho lugar para ir, você não.

Aha! Ela pegou você

De que lado você está?

-Você tem sorte.

-Não, eu tenho um cérebro.

Aha!

Reviro os olhos e ela faz uma careta de desdém.

-Mas por que a pergunta? O que você descobriu?

-Nada... Eu só...

Ela deita a cabeça novamente olhando para o céu.

-Cat? Você sabe que pode confiar em mim certo?

-Eu sei é só que...

-Cat olhe para mim. – Chego mais perto e coloco a mão ao lado do seu rosto, virando sua cabeça suavemente até que seus olhos encontrem os meus. – Conte.

-Eu acho que posso falar com animais... Eu sempre ouvi certas vozes, quando estava na floresta. Foi assim que achei o tronco, eu ouvi os esquilos conversando. Não era bem uma conversa, eles têm sua própria língua, mas as vezes eu entendo. Na verdade eu achava que estava ficando louca, e que eu achei aquele tronco por coincidência, mas ontem antes de descobrir o bilhete, eu fui te procurar aos redores do acampamento, atrás das montanhas. Eu não estava

indo ali, mas alguma coisa me chamou. Eu achava que era só uma intuição boba, mas não era, era uma voz. Dentro da minha cabeça. E quando eu cheguei a um pequeno lago, com algumas cavernas não tão pequenas ao redor, eu tive flashes da minha infância e então eu os vi.

Espero que ela continue, mas ela não continua, ela morde o lábio ainda olhando para mim e eu continuo olhando para ela que se perde em seus próprios pensamentos. Um grilo canta.

Conveniente.

-Então...

-Então o que?

-Deus Cat, quem você viu?

-Ah. Os gatos morcegos. Na verdade eles são Leões, leões bem grandes com assas bem grandes.

Minha boca abre. Então é verdade. Eles realmente existem.

Será que aquele que rosnou para mim em cima daquela arvore ainda está vivo?

Acho que acabo fazendo a pergunta em voz alta pois Cat responde.

-Eu não sei, podemos ver amanhã bem cedo, antes de falar com Steave.

-Isso significa que vamos ficar mais hoje fora?

Ela faz que sim com a cabeça e eu a abraço praticamente subindo em cima dela. Ela congela mas eu não me importo com sua rigidez por que as peças estão se encaixando dentro de minha cabeça.

Se Cat desenvolveu uma nova habilidade isso significa que ela não é uma G2 como pensava. Isso significa que qualquer um possa desenvolver outra habilidade e não ser mais um G2, incluindo eu.

Não que eu não gostasse de me curar, isso me salvou varias vezes, mas atirar fogo dos olhos seria bem legal. Mas talvez ela não tenha desenvolvido. Me afasto um pouco, segurando seus ombros sem esconder minha animação.

Decido que quero saber tudo sobre as habilidades de Cat e de outros

também, não sei por que, mas quero. Estou cansado de sentar e chorar por minhas perdas, está na hora de ocupar a cabeça com alguma coisa e não existe nada melhor para ocupar a cabeça do Cat. Ela já ocupa meu coração mesmo.

Espera, eu realmente pensei em algo tão clichê assim?

- Cat e se você sempre teve essa habilidade, mas nunca notou ela? – Ela me olha confusa, e posso dizer que ela está me perguntando a onde eu quero chegar.
- Pense. Como você sobreviveria cinco anos na floresta sozinha, sem ajuda de algum animal? Talvez os leões voadores tentaram te devorar mas aí sua super habilidade de se comunicar com eles a salvou. Ou eles decidiram te salvar por que queriam alguém para conversar sei lá.

Ela balança a cabeça em descrença.

-Para isso eu teria que ter nascido com habilidades e isso significa que eu seria uma...

-G3... – Ela sorri e praticamente se joga em cima de mim. Eu caio assutado mas ela apenas ri. Seus cabelos fazem cócegas em meu nariz, mas eu não ligo por que ela ainda está sorrindo. Seu sorriso é contagiante. Hipnotizante. Tenho vontade de agarra-la e beija-la, ma temo que se começar não vou conseguir parar. *Foco*. – Ou uma G4. – Seu sorriso some, dando lugar a olhos preocupados.

- Não Sam, eu não sou uma G4.

Ela se senta olhando para frente.

-Por quê? Qual é o problema? Ser uma G4 deve ser tipo superlegal.

Me sento ao seu lado.

-Não. Você não entende? G4 é a mais poderosa Geração de mutantes que existe. Não se trata de quantas habilidades eles têm Sam, e sim do poder e do controle que exercem sobre elas. Um G4 com minha habilidade, por exemplo. Poderia teletransportar a terra para outra galáxia, outra dimensão, eu não sei. Imagine o caos que seria se um poder como esse caísse nas mãos do governo.

G4: Nada legal entendi.

-Mas e quanto a G3? Você poderia ser uma sem problemas não?

Ela relaxa um pouco e parece pensar sobre o assunto.

- Eu acho Steve saberia se eu fosse uma G3, afinal eles fazem vários exames no seu DNA quando você chega ao acampamento. Todos os seus dados são arquivados e depois você é chamado para ver. Foi assim que descobri minha habilidade de teletransporte.

-Você acha que eles conseguem ver a qual Geração você pertence?

-Sim com certeza.

-Então amanhã, entraremos no laboratório e veremos o seu arquivo.

-Não é tão simples assim, os computadores tem senhas e somente pessoas autorizadas entram lá.

Lanço-lhe um olhar fuzilante.

-Você sempre entra em qualquer lugar.

-É eu sei, mas lá tem câmeras.

-Você disse que eles fazem sua ficha assim que chegamos ao acampamento certo?

-Certo...

-Então amanhã digamos que eu esteja lá, fazendo meus exames...

-Sim...

Ela me olha confusa e eu dou um sorriso malicioso. Ela retribui o sorriso e me diz com os olhos que entendeu.

-Não acredito nisso. – Diz sorrindo.

-O que? Pode dar certo! Você só tem que descobrir a senha.

-Nunca pensei que você fosse do tipo conspirador.

-Há muitas coisas que você não sabe ao meu respeito srta.

-Como o que?

Como meus diálogos internos e meu quadro grave de insanidade mental.

-Como minha queda por você.

-Todo mundo sabe que você tem uma queda por mim Sammy.

Fico serio.

-O que? O que você quer dizer com todo mundo?

Ela dá de ombros e sorri.

-Digamos que você não sabe disfarçar.

-Sim eu sei.

Não sabe não.

-Não se preocupe, eu talvez também tenha uma queda por você.

Sua face está contra a luz então não consigo ver se ela ficou vermelha, mas pelo seu tom de voz sei que está envergonhada.

-Talvez? - Me aproximo e tiro o cabelo de seu ombro, sinto sua pele arrepiar com meu toque. – Você tem certeza? - Sussurro dando leves beijos em seu ombro, subindo para seu pescoço, até chegar a seu ouvido. Ela estremece e suspira.

-Ok.. Eu me rendo. – Sua voz parece mais um suspiro do que um sussurro.
- Eu tenho uma queda por você S.O.S.

Capítulo 11

-Por que o topo da montanha não estava frio?

Pergunto sentando em cima das cobertas enquanto Cat coloca as nossas latas de pudim vazias em um canto do tronco.

-Por que estávamos em cima de um vulcão. – Ela sorri.

-Um vulcão?

-Sim, é por isso que o rio que você caiu estava fervendo. Por que ele passa debaixo da onde estávamos.

-O vulcão.

Sorriso feito bobo. Não sabia que vulcões ainda existiam.

Quanto mais tempo eu vivo, mais me dou conta de que os governos nos escondem as coisas. Mas por quê? O que há de errado em saber que existem vulcões e o que eles são.

-Sim criança de três anos de idade.

-Falar em idade, eu não me lembro de quantos anos você disse que tem.

-É por que eu não disse.

-Então quantos anos você não disse que tinha mesmo?

Ela ri.

-Eu não sei quantos anos eu tenho. Steave disse que me achou em 21 setembro do ano 0037, então eu provavelmente tenho 18. Mas não há como ter certeza.

A nossa contagem de anos é meio complicada. A Devastação ocorreu no dia 15 de outubro de 2114. Os governos decidiram não mudar os nomes dos meses, mas mudaram suas ordens. O ano 01 começou um ano após a Devastação. Deixando assim, outubro como o primeiro mês do ano. As pessoas que nasceram antes da Devastação, tiveram um pouco de problema com suas idades, já que os anos pré Devastação não eram mais contados. Eu nasci no dia

12 de outubro de 0031. Meu aniversário de 20 anos está um pouco longe. Apesar de não lembrar muito bem que dia estamos, tenho certeza de que já é maio; fica um pouco difícil saber já que não temos mais as estações para diferenciar os meses, o clima é uma bagunça.

Nós não temos mais nenhum tipo de feriado, além do dia do Renascimento, 15 de outubro, mas de acordo com o governo contar os dias é necessário por que só assim lembraríamos a data que a nova America nasceu.

-Eu sou mais velho que você, portanto você tem que me respeitar.

Ela revira os olhos.

-Você pode ser mais velho, mas você é mais burro.

-Não sou não. Eu só não sei de muitas coisas, por que vivia em uma aldeia.

-Isso não é desculpa, eu vivi cinco anos no meio da floresta.

-Mas você foi achada por uma superorganização que não te escondia nada.

Ela me fuzila com os olhos e eu sei que essa discussão vai durar a noite toda. A não ser que...

-É, mas você...

Antes que ela termine sua frase eu a agarro e a beijo. Não um beijo, só um selinho. Ela se afasta bruscamente e me encara.

Pelo visto o fato de ter admitido sua queda por mim não significa que eu posso beija-la sempre que me der vontade, o que é o tempo todo.

Me preparo emocionalmente para um tapa, mas ele não vem. Invés disso, ela me beija. Um beijo de verdade. E nele eu posso sentir que ela sentiu minha falta; posso sentir todas suas preocupações sumindo. Não há mais mutantes, ou segredos, ou governos. Agora somos só eu e ela de novo como na primeira vez que nos beijamos.

O nosso beijo se torna intenso; uma de suas mãos encontram meus cabelos enquanto a outra passeia pelos músculos de meus braços; minhas mãos a puxam para mais perto de mim, tenho certeza de que nem ar pode passar por nós agora, mas não me parece o suficiente; desço minha boca até seu pescoço e o beijo lentamente enquanto sinto sua pele arrepiar e seu coração me contar com fortes batidas todos os segredos que ela tenta esconder sobre seus sentimentos. *Ela te*

deseja tanto quanto você a deseja, ele me diz com seus tum tum tum 's.

Traço uma linha até sua boca com meus lábios, passando por sua orelha; ela ofega e me puxa mais para perto, não que isso seja possível por que estamos colados, e eu a beijo novamente, mas mais suave dessa vez, para que ambos possamos recuperar o fôlego e esfriar nossa mente.

Apesar de estar implorando por mais, sei que não podemos atravessar essa linha agora, não com tanta coisa acontecendo. Não seria justo com nenhum dos dois.

Me afasto apenas o suficiente para olhar seus olhos. O fogo que me atrai a ela é mais que intenso, é como se fôssemos feitos um para o outro, como se algum tipo de imã me puxasse para ela. Eu vejo isso nos seus olhos e em seu sorriso.

A abraço e acabamos deitados. Cat com a cabeça em meu colo e eu fazendo cafuné nela. Ficamos assim por um bom tempo. O sono não me vem de jeito nenhum, começo a cantarolar uma antiga canção de ninar, que minha mãe costumava cantar para mim, algo sobre patos que sumiam não me lembro da letra só da melodia;

Me lembrar de algo que compartilhava com minha mãe faz com ela esteja viva, dentro de mim. Eu consigo ouvir sua voz cantar para mim e então pego no sono.

-Está pronto?

Faço que sim com a cabeça.

-Estou.

Na verdade não estou.

Cat me mostrou a distância do acampamento até o lago de cima da montanha. Sei que a distância é maior do que parece, mas o que me assusta mesmo são os leões. Tá na cara que eles não gostam de mim desde criança. Estou nervoso e ao mesmo tempo animado afinal não todo dia que se pode virar comida de leões né.

Não sei o que dizer, agora que sei que eles entendem o que eu digo, e sei que eles provavelmente criaram a Cat. É como conhecer os sogros, só que no

meu caso, sogros com asas e dentes enormes prontos para me devorar.

-Ei. – Cat pega minha mão. – Fica calmo, eles não vão te devorar... Eu acho.

-Você acha?

Muito reconfortante.

-Olha vai ficar tudo bem, confia em mim. – Ela se aproxima e me beija. O gesto não melhora meu nervosismo, só acrescenta mais borboletas no meu estômago. *Ou melhor: leões voadores.*

A puxo mais para perto e retribuo o beijo. Ela sorri e se afasta, mas ainda de mãos dadas comigo.

Saímos de trás das árvores e estamos de frente à um lago. É realmente um lago pequeno, imagino que não tenha muitos peixes ali, se eu fosse um peixe com certeza não estaria ali.

As cavernas ao redor do lago são gigantes. Tem no mínimo dez cavernas a vista. Todas são camufladas por árvores tanto grandes quanto as próprias cavernas.

Engulo seco.

-Deve haver centenas deles. – Penso alto.

-E há.

Cat assobia como se estivesse chamando um cachorro. Não que algum dia eu já tenha visto alguém chamar um cachorro, mas tenho certeza de que é assim que se chama um.

Olho ao redor e nada acontece.

Alguns segundos depois ouço um bater de asas se aproximar de nós. Coloco a mão contra a luz do sol e vejo uma sombra se aproximando. Parece um pássaro com juba, mas conforme ele se aproxima sua forma de leão fica clara. Ele pousa e o bater de suas asas provocam um vento tão forte que quase caio.

O animal é gigante. Ele tem dois metros brincando; suas asas são o dobro do seu tamanho; seu pelo é uma mistura maravilhosa de laranja com amarelo enquanto sua juba e asas são mais puxadas para o vermelho; seus olhos são

castanhos, quase tão escuros quanto os olhos de Cat. Fora seu tamanho incomum e suas asas, o animal parece um leão em todos os sentidos, até nos dentes assustadores.

O leão rosna e eu dou um pulo para trás. Cat da risada.

-Sam, esse é Bob. E ele disse Oi.

Esse era o Oi dele? Não quero sabe como ele se despede.

-Bob? – Pergunto. Que nome fofo para um leão-ao-tão-fofo-assim.

-É o nome que eu dei a ele. Eu sei que ele é meio o filho do mandachuva por aqui, e que ele devia ter um nome que causasse mais efeito por que um dia será rei, mas eu sempre quis ter um cachorrinho. – Isso não fez muito sentido. A encaro confuso. – Eu sempre quis um cachorrinho chamado Bob.

Dou de ombros e sorrio para o leão que me encara. Posso jurar que ele estava sorrindo. Cat e ele trocam olhares e parecem conversar. Decido deixar os dois sozinhos por um momento, para não atrapalhar, e me viro respirando fundo. Ouço outro bater de asas e quando viro na direção do som, sou atingido por um borrão preto e caio no chão de olhos fechados.

É isso fui pego. Me preparo para a mordida mas invés de dor, sinto meu rosto se molhar. *Será que estou sangrando?* Abro um dos olhos e vejo o que parece ser uma língua gigante passando pelo meu rosto. *Eca.* Parece que os leões gostam de provar a comida antes de manda-la direto para a guela.

O leão maior rosna e o animal preto sai de cima de mim. Talvez eu não seja tão apetitoso assim.

Levanto e observo meu agressor. É uma fêmea. Sua juba é definitivamente menor, quase imperceptível, assim como a diferença no tamanho entre ela e o macho; o preto de seu pelo e de suas asas, brilha contra a luz o que a torna magnífica; seus olhos são de um azul tão claro quase transparente. Eu conheço esses olhos.

-Gato-morcego. – Sussurro.

-Essa é a Baby. – *Outro nome maduro, fruto de muita criatividade.* - Ela se lembra de você e diz que sente muito por ter feito você cair aquele dia, mas ela diz que se você não tivesse subido naquela árvore ela teria sido atacada por uma cobra que acabou caindo junto com você. Ela será eternamente grata a você.

A leoa faz uma reverencia e meu queixo cai. Eles entendem mesmo o que falamos.

-Você já perguntou o que eles acham desses nomes?

-Não...

-Foi o que eu pensei.

Chego perto da leoa, respiro fundo e ergo minha mão para o alto. Ela deita e eu faço carinho na sua cabeça. Só sua cabeça tem mais ou menos 2 metros. Imagino o tamanho de seu pai.

-Isso é... –Começo a rir histericamente. Posso parecer um louco agora, mas eu simplesmente não consigo achar palavras suficientes para descrever esse momento. – É...

-Maravilhoso?

Insano?

-Incrível.

-Essa nem é a melhor parte.

Cat sorri com aquele sorriso travesso que sempre significa confusão.

Ela olha para a leoa que parece entender e sorrir com o olhar. Segundos depois sou agarrado por Cat e colocado em cima da Leoa, em seu pescoço. O medo não tem tempo de tomar conta de mim, pois sou invadido por uma onda de adrenalina só de imaginar o que vem a seguir. Agarro dois montes de pêlos macios e olho para o lado. Cat está sorrindo em cima do leão que começa a bater as asas. Sou atingido por uma rajada de vento que me joga para trás me fazendo segurar mais firme. Baby está batendo as asas agora. Fecho os olhos e pelo impulso sinto que já deixamos o chão.

A curiosidade fala mais alto e eu me obrigo a abrir os olhos. O vento ricocheteia meus cabelos em meu rosto; passamos entre nuvens que se desfazem assim que tocamos nela; o céu está azul claro e o sol brilha deixando os pelos das asas de Baby quase verdes. É tudo tão lindo e tão surreal aqui em cima que parece um sonho.

Tento olhar para baixo mais não consigo ver nada além de nuvens. Baby gira e eu cravo minhas pernas em seu pescoço para não cair. Um grito escapa de

minha garganta e continuamos mergulhando, girando em rumo ao solo; quando estamos prestes a bater ela abre as asas e plana passando com um raspão entre árvores.

Estamos tão rápidos que tudo que eu vejo são borrões verdes e marrons.

Saimos da floresta e damos de cara com o mar. É muito mais bonito que nos livros. É uma imensidão maravilhosa de azul onde o céu se funde com a água e de repente você não sabe mais qual é qual, é tudo tão lindo e tão grande que da vontade de gritar e é isso que eu faço. Eu grito e grito até cansar.

Baby diminuí a velocidade e voa bem próxima a água; meu coração bate forte conforme as gotículas espirram em meu rosto e em sua asa. Isso é tudo que eu sempre sonhei e muito mais. Acaricio sua cabeça, mas algo me diz que não acabou. Ouço o som de uma cachoeira e começo a ver árvores e montanhas ao redor. Ela voa mais alguns metros e para bem no topo da cachoeira. Não sei se é a mesma que estive antes, mas sei que é tão alta quanto, não consigo imaginar a altura dessa distância.

Baby vira, ficando de frente para onde viemos me deixando de costas para a queda. Meu estômago revira e antes que eu possa perguntar o que ela vai fazer, ela se joga de costas me deixando centímetros separado da queda d'água. Grito varias e varias vezes, não paramos de cair nunca. Me atrevo a tocar na cachoeira e sua força é tão grande que meu braço quase é arrancado fora. Ela gira e estamos no ar novamente. Ela voa baixo agora de modo que consigo ver algumas ruínas, a prefeitura de Suvers, as três montanhas próximas ao acampamento e logo depois o chão.

Finalmente pousamos.

Não sei se fico feliz por estar em terra firme ou se fico triste por tudo ter acabado tão rápido. Só sei que me sinto enjoado e maravilhado.

Tento descer mais minhas pernas estão bambas, então eu praticamente me jogo no chão e fico deitado, olhando para o Sol que castiga meus olhos. Respiro fundo e fecho os olhos.

Sem precisar me esforçar, eu ainda consigo sentir como é estar lá em cima, toda a adrenalina e o medo que embrulharam meu estômago.

Sinto alguém se aproximar e deitar ao meu lado. Cat. Até tinha me esquecido dela.

-Obrigado. – Ela diz.

-Obrigado por quê?

-Por acreditar em mim, quando eu disse que ouvia coisas sabe...

-Você não ouve coisas, você ouve os pensamentos dos animais sei lá. Só sei que isso é muito legal. – Viro de lado abrindo os olhos e vejo Cat me observando.

-Eu sei é só que, no começo nem eu acreditei em mim mesmo, por isso não contei para ninguém... – Ela se aproxima mais um pouco e agora estamos a poucos centímetros um do outro. - Estava com medo da historia dos gatos-com-
assas se repetisse. - Ela faz uma careta. Estava com saudade de suas caretas. - Mas de alguma forma eu confiei em você, e eu não sei, apenas quis contar e acabou que você acreditou mais em mim do que eu mesma e agora estamos aqui, então... Obrigado.

- Eu sempre vou acreditar em você Cat, você não precisa me agradecer. Tudo o que eu faço é por que... Eu realmente gosto muito de você.

Nos olhamos em silêncio e vejo algo passar rapidamente por seus olhos, como se ela quisesse falar o mesmo, mas então ela fica seria; Se aproxima e me beija suavemente; depois se afasta e deita virada para cima deixando um silêncio constrangedor no ar. Eu olho para a leoa Baby, que está deitada do meu outro lado bufando como se estivesse esperando mais que um simples beijo.

Constrangedor: Pigarreio.

-Mas me diz que historia?

-Ah, aquela que contei sobre minhas primeiras palavras. As pessoas pensavam que eu era louca, muitas crianças nem chegavam perto de mim. Só Maria falava comigo e é assim até hoje.

-Você tem uma vida social muito complicada.

-Pelo menos eu tenho uma.

-Até o gato que mora lá em casa tem mais vida social que você Cat.

-Isso não é verdade... Eu vou a muitas festas de pijamas lá no acampamento.

Olho para ela com descrença.

-No quarto de quem?

-De muitas garotas...- Cerro os olhos e levanto uma sobrancelha. – Ta legal! Só vou nas festas de pijama da Maria, onde as convidadas são apenas eu e a Maria, eu não tenho nenhum amigo além da Maria. Satisfeito?

Ela suspira e parece chateada. Sinto um pouco de remorso por ter tocado no assunto.

-Você tem a mim.

Sorriso envergonhado e ela sorri de volta.

-Você não é muita coisa, mas serve.

Ambos damos risada e um silêncio confortável paira no ar.

-E quanto ao Will? – Pergunto.

-O que tem ele?

-Você disse que só a Maria falava com você quando vocês eram crianças, mas você disse que ele tinha crescido com vocês.

-Cresceu de certa forma, mas Will foi para o acampamento um pouco mais velho, ele tinha uns 10 anos e por incrível que pareça já tinha total controle de suas habilidades.

-O que ele faz?

-Eu não sei, é meio confuso. Tipo ele controla a energia sabe, mas é mais que isso, ele meio que se conecta com os computadores é estranho. Às vezes acho que ele tem algum tipo de chip implantado por baixo de toda aquela cabeleira loira.

Um arrepio percorre minha espinha. Será que Will poderia ser algum tipo de experimentos do governo? Por isso ele estava tentando matar Cat?

-Cat, você disse que o governo tentou fazer G4's, tem alguma chance de algum ter sobrevivido?

-Não, como eu te disse, G4 se trata de quantidade de poder e não de habilidades. Quando alguém tenta tornar um mutante comum em um G4, o corpo simplesmente não aguenta, não está acostumado com a intensidade do

poder entendeu?

-E quanto a um G3? Poderia ser criado certo?

-Talvez... Com a tecnologia correta e o mutante correto. Mas por que você quer saber de tudo isso Sam?

-É só uma teoria, mas pense. E se Will estivesse todo esse tempo no acampamento a mando do governo? E se ele tiver mesmo um chip na cabeça? Você mesma disse que o namoro de vocês não era lá essas coisas, então talvez ele tenha a usado para ganhar a confiança de Steave. - Fico com receio de que a palavra “usado” a tenha magoado, mas se magoou ela não demonstra e então continuo. -E agora que ele tem, ele tira a única pessoa que pode atrapalhar seus planos, sejam quais forem, do caminho.

-Ou seja, eu! – Ela se senta tampando o sol de meu rosto, abro os olhos e ela os encara. A luz deixa seu cabelo com um tom avermelhado. *Linda!* Tento me focar em suas palavras, enquanto ela conta alguma coisa sobre o passado dela, mas só pego o final. —... e isso explica por que ele tentou me matar. Qual será seu plano?

-Eu não sei, mas pode ter algo a ver com Steave, já que ele tentou tirar você da cola dele.

-Talvez. Mas por que eu e não Maria? Ela é mais apegada a Steave do que eu. – Seu olhar entristece e ela pensa a mesma coisa que eu.

Maria corre perigo

Capítulo 12

- Precisamos avisa-la. – Diz Cat.- Vamos para o acampamento agora.

Faço que sim com a cabeça e olho para Baby, a leoa, ela parece bem magoada. Me levanto para acarícia-la.

-Talvez na próxima amiga. Prometo que volto para vê-la.

Faço carinho em seu nariz e em uma tentativa de lamber minha mão ela acaba lambendo meu corpo inteiro.

–Obrigado. – Sussurro.

Cat me olha dando risadas e a abraço compartilhando a baba.

-Que nojo Sam.

Apenas dou de ombros e dou risada. Ela limpa o que pode e agarra meu braço.

Ela acena para Bob que responde com um rugido nada meigo e logo estamos no que parece ser um quarto. Está tudo escuro, mas tem alguém dormindo na cama de baixo.

Cat acende a luz e antes mesmo de ver eu ouço um zunido e pego uma faca no ar, *minha faca*, prestes a acertar minha orelha. Uma pontaria desejável, mas mesmo assim machucaria. Acho que todos esses anos desviando de gatos endemoniados fizeram bem aos meus reflexos.

-Mas que diabos Cat?

Maria pergunta pulando de cima do beliche. A parte de baixo está cheia de travesseiro. Menina esperta.

-Maria. – Elas se abraçam.

-Pensei que estivesse morta. Will disse que ele a matou. – Ela aponta para mim com uma cara que grita hostilidade

-O que? Não. Will tentou me matar, mas não conseguiu. O que mais ele disse?

-Só. Ele disse que achou um bilhete de Sam dizendo para você a encontrar em uma biblioteca, Steave foi lá com Will hoje mais cedo e os dois voltaram falando que o prédio tinha desabado e que você provavelmente estava morta.

-Como eles foram até lá tão rápido? – pergunto.

-Com motos supersônicas dão. – Responde Maria virando os olhos. – Desculpe esqueci que você vem da roça. – Dou um sorriso falso. Não sei o que significa roça mais não parece ser bom.

-E quanto a você? O que está fazendo no meu quarto? – Pergunta Cat.

-Era para eu viajar com Steave, mas achei que esse aí voltaria para pegar seus brinquedos e decidi montar guarda para me vingar.

-Acho que você precisa praticar um pouco mais. – Digo balançando a faca que ela me jogou.

-Se você me emprestar sua cabeça como alvo eu terei o prazer de praticar. – Grita Maria com uma cara feroz.

Não sei por que, mas ela parece um pouco irritada comigo.

-Eu só tava brincando.- Digo.

Cat lança a Maria um olhar furioso, enquanto Maria me fuzila e eu apenas sorrio.

-E onde está Steave?- Pergunta Cat.

-Eu não sei, ele e mais um dos conselheiros foram até Suvers em algum tipo de missão de resgate sei lá. Eles deixaram Will no comando.

-Deixou Will no comando? – Pergunto.

-Foi o que acabei de dizer por acaso você é surdo?

-Maria!- Repreende Cat.

-Desculpe. – Maria me da um meio sorriso. – É TPM.

.-Ah...

Agora tudo faz sentido.

-Droga. Então era isso que Will estava esperando Steave viajar.

-Por que? O que está acontecendo?- pergunta Maria assustada.

Eu olho para Cat e ela conta para Maria nossa teoria sobre Will estar aqui apenas para pegar informações para o governo.

-Então Steave provavelmente está indo para uma armadilha. Cat você precisa ajuda-lo.

Cat consente e olha para mim.

-Maria você e Sam não deixem Will escapar, assim que encontrar Steave eu volto para ajuda-los. Tudo bem? – Pergunta desviado o olhar para Maria.

Maria consente e antes que Cat desapareça eu agarro seu braço e a beijo.

–Tome cuidado. –Digo.

-Você também.

Ela sorri e se vai.

--Vocês não conseguem ficar tipo cinco segundos no mesmo cômodo sem trocarem saliva?- Pergunta Maria. Simplesmente ignoro-a.

Quando finalmente olho para ela, ela enfia do dedo indicador na boca fingindo forçar vômito e por trás de toda essa encenação, vejo que ela na verdade está com ciúmes. Reviro os olhos.

-Antes de irmos preciso de meu estojo.

-Ainda bem que esse é seu quarto. – Ela força um sorriso.

Olho em volta e tento me lembrar de onde as deixei na última vez. Após procurar praticamente no quarto todo resolvo olhar debaixo da cama.

Ai está você. Todas as facas estão lá com exceção da que está em minha mão. A coloco no lugar e prendo o estojo em meu peito.

-Achou capitão? Afinal para que você precisa das facas? Você não faz parte do fã clube também?

-Eu só me curo.

Habilidades, caso vocês tenham sentimentos me desculpem pelo “só”.

-Ah. – Ela não me parece desapontada.

-E você, o que faz?

-Cat não te contou? – A pergunta soa mais como uma frase de vitória, mas eu sorrio sem me importar. – Eu sou uma sereia.

-Você é metade peixe?

-Não.

-Você respira em baixo da água?

-Não.

-Você...

-Não. – Me interrompe bruscamente. Fico serio. – Eu hipnotizo.

-Certo... –Comento confuso.- Tipo com um relógio que balança?

Me lembro de mostrar a meu pai o livro sobre hipnose que eu estava lendo. Eu não tinha um relógio, então minha mãe colocou uma pedra e amarrou com raízes de modo que eu podia balançar. Meu pai ficou a noite toda fingindo que eu realmente o tinha hipnotizado, claro que eu sabia que ele estava fingindo, mas mesmo assim eu e minha mãe nos divertimos bastante aquela noite. Lembrar de meus pai me atinge com uma mistura de saudade e dor. Ainda não superei o fato de meu pai não ser meu pai, porem mesmo assim é difícil não sentir sua falta,

-A pessoa fica fora do ar por alguns segundos, tempo suficiente para eu fazê-la dormir ou esfaquea-la. Quer ver?

Ela tira uma adaga da parte de trás de seu traje e aponta para mim. Engulo em seco e faço que não com a cabeça.

-Acho melhor nós irmos procurar o Will.

Vejo um sorriso de satisfação surgir pelo seu rosto, enquanto andamos pelo corredor até a escada.

Procuramos ele em todo o acampamento. Começamos pelo refeitório, depois a cozinha, a sala de treino a saída e a sala do Steave. Nada tudo limpo.

Quando saímos da sala de reunião, me vem à lembrança de Cat falando que ele se conecta com os computadores.

O laboratório.

-O laboratório. Lá estão todos os dados de todos os mutantes daqui não estão?

-Sim. – Ela bate a mão na testa para se punir de saber sobre isso o tempo todo e não lembrar. – Vamos rápido.

Assim que viramos o corredor, damos de cara com soldados do governo. 30 no mínimo. Todos vestidos de pretos e com armas apontadas para nós.

-Eles são muitos, vou conseguir segura-los por apenas um segundo. Distraia o maximo de soldados que puder até eu conseguir colocar todos para dormir. – Sussurra Maria.

-Tudo bem no três.

-Três. – Grita Maria avançando.

E então ela abre a boca e uma nuvem roxa sai de dentro dela junto com um som, que não se parece com nada que eu já tenha ouvido, e entra nos olhos de todos os soldados. Eles não se mechem, não piscam e nem eu.

-Vai Sam.- Grita ela.

Pego três facas e lanço nos dois soldados mais próximos; corro dando nos primeiros soldados pancadas atrás da cabeça com o cabo da outra faca que pego; derrubo cinco antes de todos acordarem.

Dou o maximo de cobertura que posso. Alguns soldados atiram em mim, e quando percebem que é inútil todos partem para a luta corpo a corpo. Não sou bom de soco, mas sou bom com as facas. Corto todas as pernas e braços que vejo, com cuidado para não matar só incapacita-los por hora. Mesmo assim há sangue por todo lado. A confusão de preto e vermelho me deixa tonto.

Sou atingido na costela por uma arma, jogo minha última faca que acerta bem no peito do atirador, sinto a dor nas costelas passar e parto novamente para o ataque. Chuto costelas e pego as facas que estavam enfiadas nas pernas ou braços de soldados caídos. Vejo Maria no canto do olho, cortando gargantas enquanto agarra algumas cabeças e olha nos olhos dos soldados os fazendo tirar uma soneca. Ela não se importa em mata-los.

De repente a imagem do soldado morto na floresta e do jovem queimado invade minha cabeça me tirando a concentração; Vejo ele nas mãos de Maria pedindo socorro enquanto ela o degola sem piedade. Sei que estou alucinando, pois logo em seguida o grito de Maria me tira do transe.

Uma bala atingiu seu braço.

O atirador está atrás de mim com o braço sangrado. Lanço uma faca em sua testa e ele cai no chão com olhos vazios. Lanço mais duas facas que acertam os alvos e todos os soldados estão no chão. Alguns mortos, outros inconscientes.

Maria está no chão segurando seu braço ensanguentado. Sem falar nada o agarro e coloco minha mão sobre o ferimento; alguns segundos depois uma bala amassada pula para fora, não deixando nem rastros de que em algum momento esteve ali.

-Como?-Pergunta abismada.

Apenas olho para ela e não respondo. As imagens de gargantas sangrando e testas com facas ainda estão frescas em minha mente me impedindo de sorrir ou raciocinar.

Respire já acabou, não é o fim do mundo, são só alguns cadáveres.

Solto o braço de Maria e sorrio. Assim que abro a boca para lhe explicar, alguém aciona o alarme; As luzes ficam vermelhas e um mar de pessoas começa a surgir. Todas saindo de seus quartos. As que passam por esse corredor ou que saem dos quartos ao lado gritam e correm para algum lugar.

Lutando contra a direção das pessoas acabo perdendo Maria, que entra no laboratório primeiro. Quando alcanço a porta, ela está trancada. Ouço Maria gritar.

Chuto a porta com toda minhas forças várias vezes, mas ela não abre; me preparo para chutar novamente, mas a porta voa com raios elétricos ao seu redor, caindo em cima de cima. Debaixo da porta consigo ver passos se dirigindo a saída. Tento empurrar a porta, mas ela é muito pesada.

Acabo por tendo que me arrastar para fora. Seja de quem fosse aquelas pernas, a pessoa já estaria longe agora.

O laboratório está escuro, apenas duas luzes de emergência e alguns raios que pulam de computadores queimados iluminam o caminho. Tem pessoas

mortas por todo canto; no chão, em cadeiras, ou até mesmo em cima das mesas. Todos estão vestidos iguais e sangram apenas no nariz, alguns na orelha.

Foram eletrocutados. Deduzo.

No final do corredor existem várias salas de vidro transparente onde eles provavelmente faziam os testes. O resto da sala está cheia de computadores com suas pessoas mortas. Procuro em todos os corpos o rosto de Maria, e acabo a achando está caída perto do ultimo computador em convulsões.

Eu me jogo ao seu lado e passo a mão por sua cabeça procurando ferimento, mas não há nenhum corte. Sem saber onde curar eu a abraço e espero que ela pare de convulsionar. Assim que ela para de tremer, ela começa a soluçar. Não a solto, continuo envolvendo ela em um abraço enquanto ela balança para frente e para trás. Eu não sei por que diabos ela faz isso, mas parece funcionar.

Os minutos se alongam por uma eternidade e Maria acaba dormindo em meus braços. Aliviado por poder sair desse mar de corpos, a pego no colo e subo as escadas com ela. Abro a porta com o cartão que estava em seu pescoço e a coloco na cama. Saio do quarto de fininho para não acorda-la e vago pelo acampamento.

A energia voltou ao normal e as pessoas estão retornando para seus quartos. Trombo em algumas delas pelo caminho, mas não me importo, minha mente está longe dali; na verdade minha mente está no corredor de baixo, em todos os corpos que ajudei a derrubar.

Desço as escadas, e sem notar acabo indo em direção ao corredor do laboratório. Acho que meus pés gostam da morte, mesmo minha mente não se costumando com ela.

Cat está olhando os corpos dos soldados inconscientes. Quando me vê ela solta um som de alívio e eu apenas sorrio timidamente.

-Sam. – Ela corre e me abraça. Eu me deixo cair em seus braços esquecendo do mar de sangue ao meu redor, só sentindo seu perfume de baunilha. - Você está bem?

-Sim...- Forço um sorriso para parecer convincente.- Eu me curo se lembra?

-Ah. Não era nesse sentido que eu estava perguntando.

Apenas solto um suspiro e continuo abraçado a ela sem nem me incomodar em responder. Ela sabe que eu não estou bem, qualquer um não estaria.

Me pergunto quantas vezes precisarei matar alguém para me acostumar e espero que eu isso nunca aconteça. Por mais que doa ter uma consciência, é melhor sentir dor do que não sentir nada certo?

Ela se afasta e sorri para mim. Não consigo sorrir de volta, algo atrás dela me chama atenção.

Steve está parado no fim do corredor, e ao seu lado está um homem parecido com ele.

Não acredito nisso.

Meu estômago se prende em um nó apertado e todas as lembranças de alguns dias atrás me assombram de uma vez só.

Não consigo decidir se corro para seus braços e choro, ou se o chingo e o culpo por todas as coisas de ruim que aconteceram comigo esses dias.

-Oi Sam. – Ele diz.

-Oi Adam. – É o que eu respondo ao homem que costumava chamar de pai.

Capítulo 13

-Então esse é seu pai? – Sussurra Cat ao meu ouvido.

Estamos sentados atrás de Steave e de meu... Adam, a mais ou menos meia hora. Eles estão verificando o sistema para tentar acessar os mesmos dados que Will roubou.

-Não, esse é o homem que me criou dizendo que era meu pai.

Falo um pouco mais alto do que devia e sinto o corpo de Adam se enrijecer.

Os corpos estão sendo amontoados por pessoas que moram aqui, sinto pelo modo que eles carregam os cadáveres que não queriam estar fazendo isso, mas alguém tem que fazer.

-Vocês são um pouco parecidos.

-Deve ser por que ele é meu tio? –Fuzilo Cat com o olhar e ela se encolhe no banco.

Me sinto mal por brigar com Cat, mas são tantas emoções juntas que eu não sei exatamente como agir.

Estou feliz por vê-lo vivo, mas ao mesmo tempo sinto raiva por ele ter enganado eu e minha mãe todo esse tempo. Ainda sim é difícil não querer abraça-lo. Depois de todos esses anos juntos, sinto que uma parte de mim de fato morreu quando pensei que ele havia morrido e mesmo vendo ele aqui agora, não sinto aquela parte voltando à vida. Ela continua morta. Assim como meu pai.

-Será que podemos conversar por um minuto lá fora? – Me pergunta Adam. – As coisas aqui podem demorar um pouco.

Ele me olha nos olhos e encaminha para a porta.

Fico em dúvida por um momento, não quero ouvir suas desculpas mas acabo decidindo que também tenho coisas para dizer.

Olho para Cat que me ainda está olhando para baixo mechendo na unha como se não estivesse ali.

-Eu já volto ta.

Ela pisca para mim e sorri. Eu beijo sua testa e vou para fora da sala de reuniões. Fecho a porta.

Adam está encostado na parede. Ele veste o mesmo traje que eu e agora sem a barba, aparenta não ter mais que 28 anos.

Então como você acabou vivo e minha mãe morta? É o que eu quero perguntar.

-Então como funciona suas habilidades? - É o que eu pergunto.

-Eu sei que não é isso que você quer me perguntar Sam.

-Eu sei que foi exatamente isso que te perguntei.

Acabo soando mais frio do que pretendia, mas não me arrependo. Não quero magoa-lo, mas ele e suas mentiras acabaram me magoando e isso é algo que nem minha super-habilidade pode curar.

-Eu... Posso ler mentes.

Merda.

E agora estou bravo. Muito bravo.

Me sinto exposto, como se essa fosse outra traição. Mesmo que nunca tivesse precisado esconder nada dele sinto que isso não é certo.

-Então era assim que você sabia exatamente o que eu estava pensando todos esses anos? Você brincava com minha mente também? Me fazia pensar como você queria?

-Não filho, claro que não. Eu nunca usei meus poderes em você ou em sua mãe. Eu nunca precisei deles para saber o que você pensava, nós éramos amigos... - Ele se aproxima e eu me afasto. Posso ver lágrimas se acumulando em seus olhos e eu pisco varias vezes para afastar as minhas próprias. Não posso chorar. Não agora. Não aqui. -Sam filho, por favor, me deixe explicar..

-Não me chame de filho, você não é meu pai.

Pronunciar as palavras em voz alta faz com que elas se tornem mais reais, assim como a dor por trás delas.

O vazio no meu peito fica mais fundo, como se eu tivesse acabado de

colocar o dedo sujo em uma ferida aberta; ele arde, ele dói e sei que só vai piorar.

-Eu te criei, eu te eduquei e acima eu te amei e ainda amo. Eu sou seu pai não importa o que um maldito DNA em uma tela de computador diga.

Um nó aperta de novo minha garganta e mais uma vez não consigo dizer nada diante daqueles olhos pretos. Tantas coisas passam por eles que não consigo definir o que querem dizer. Ele está com dor? Raiva? Arrependido?

Ainda sim ele está certo como sempre; todos os momentos que tivemos não podem simplesmente significar nada, eu não posso deixar de ser seu filho só por que não temos o mesmo sangue, tecnicamente temos o mesmo sangue afinal ele é meu tio. O pensamento me deixa enjoado e tudo o que eu faço é negar com a cabeça.

Me apoio na parede e o encaro. Seu olhar passa de abatido para magoado. Eu sinto como se tivesse seis anos: basta deixar meu herói orgulhoso que todo o resto vai melhorar. Mas eu não tenho mais seis anos e ele não é mais meu herói.

Então por que ainda dói saber que eu o decepcionei?

-Preciso pensar, preciso de um tempo.

Ele parece entender. Me viro para entrar mas antes ele segura meu ombro.

-Me diga como ela morreu.

Sua voz falha e o nó se aperta mais me deixando praticamente sem ar. A morte de minha mãe é uma ferida aberta, e falar nela é exatamente como colocar o dedo nela.

-Ela morreu tentando me salvar.

Digo sem virar o rosto. Sei que não sou capaz de encarar o seu olhar sem começar a chorar ou implorar por um abraço. Isso me lembra das vezes que minha mãe me abraçava quando eu chorava por causa de alguma criança malcriada. Eu daria tudo por um abraço dela agora.

Deus, eu sinto tanto sua falta.

Respiro fundo e jogo todos meus sentimentos e as lembranças no buraco de meu peito. Lido com eles mais tarde; existem coisas mais importantes para se preocupar agora.

Entro na sala e Cat se levanta assim que me vê. Ela sorri e eu seguro sua mão.

-Alguma novidade?

-Sim, Steave descobriu que Will abriu todos os arquivos sobre os mutantes daqui. São vinte no total. Incluindo eu, Maria, e todas as crianças.

-Ele não copiou nenhum arquivo? – Pergunta Adam entrando logo em seguida.

Ele parece normal, como se nada tivesse acontecido.

-Não, Will tem memória fotográfica ele não precisa copiar. – Cat responde e olha para mim. – Você está mesmo bem? – Sussurra. Eu faço que sim com a cabeça e tento sorrir, mas acabo fazendo cara de dor de barriga. – Eu acho que precisamos de um banho. – Diz Cat virando para Steave.- Qualquer coisa nos avise, por favor.

Cat sai pela porta e eu peço para ela ir na frente avisando que Maria está dormindo.

Ando pelo corredor onde os corpos dos soldados estão amontoados em um canto. Alguém limpou o corredor, não há mais sangue apenas corpos. Os soldados que estavam vivos acabaram se matando para reter informações do governo, um pouco exagerado acredito. Pego duas facas que havia esquecido em um dos corpos e as lembranças de todas as mortes incluindo a da minha mãe me atingem com tudo. Eu havia matado a maioria desses soldados também. Isso me tornava igual a eles?

Eles matam inocentes.

Mas no fim não estamos todos matando do mesmo jeito?

Sinto vontade de vomitar.

Corro direto para o quarto, subo as escadas sem parar se quer para respirar e quando chego ao quarto estou sem fôlego. Ou será que eu já estava sem fôlego antes mesmo de subir as escadas? Eu não sei, está tudo confuso mais uma vez.

Bato na porta e Cat a abre rapidamente.

-O que aconteceu Sammy? Você está pálido.

-Estou bem. – Minto.

Vou direto para o banheiro e deixo o chuveiro lavar o sangue de minhas mãos. Por mais que eu as esfregue ele continua lá. Esfrego mais forte, mais rápido. Olho novamente.

Sangue de inocentes.

Não. Me recuso a pensar que sou como eles. Eu sou diferente. “*Nós somos especiais Sam.*” Ouço minha mãe dizer e me agarro a memória de sua igual uma criança se agarra ao seu ursinho de pelúcia favorito.

Cansado de ver sangue desligo o chuveiro e pego a toalha; enrolo a toalha em minha cintura, suspiro fundo e jogo tudo no buraco novamente.

Quando saio do Box vejo que Cat está me olhando encostada no espelho da parede. Ela está de pijama sem o traje, é a primeira vez que eu a vejo com pouca roupa, e posso afirmar que ela é tão bonita de short curto e blusa larga, quanto é quando está em seu traje apertado.

-Eu posso afirmar com toda certeza que esfregar as mãos varias vezes até elas sangrarem não é sinônimo de estar bem. - Olho para minhas mãos e elas já estão curadas, mas com um pequeno rastro de sangue. Eu ralei as mãos enquanto as esfregava, sem perceber. *Estou ficando louco?* Tenho medo da resposta. – Venha cá.

Caminho até ela lutando contra o choro.

-Eu os matei Cat!

-Você fez o que tinha que fazer Sam.

-Não eu não...

Mas ela tinha razão. Que escolha eu tinha? Ou eu os matava ou eles matariam a outros.

Cat me abraça e eu me deixo afundar em seus cabelos.

Me sinto fraco e egoísta. Saber que meu pai está vivo e que eu não estou dando valor a isso me corroí por dentro; ao mesmo tempo saber que minhas mãos estão tão sujas de sangue quanto as mãos de Will me enjoa; a perda de minha mãe me quebra em vários pedaços a cada segundo, todos meus sentimentos estão em colapso. Sinto que tem uma âncora presa em minha perna,

me puxando cada vez mais para o fundo do poço.

Só tenho certeza sobre uma coisa: Cat e o que eu sinto por ela.

Não seriam duas coisas?

Cala a boca.

Me afasto para olhar em seus olhos e nele encontro respostas para perguntas que eu ainda nem fiz. A âncora ainda está amarrada em meus pés, mas quando estou com ela pelo menos tenho um motivo para continuar nadando.

Ela sorri e seu sorriso me leva para outra realidade, uma só nossa. Seguro seu queixo e puxo seu rosto em direção ao meu, a beijo. Coloco a mão na parte de trás de sua cabeça e movimentamos nossos lábios em sincronia. Ela leva as mãos ao meu pescoço, fazendo meu corpo se arrepiar por inteiro. A suavidade vai desaparecendo de nosso beijo conforme ele se intensifica, suas mãos agora passeiam pelas minhas costas nuas; passo minhas mãos por de baixo de sua camisa e agarro sua cintura a puxando para tão perto que fica difícil respirar. Estamos ofegantes. Quando me dou por conta que tudo que nos separa é um short curto e uma toalha, estremeço. Minhas mãos passeiam por sua coxa enquanto ela beija meu pescoço enviando faíscas de prazer pela minha corrente sanguínea. Perco o controle sobre meu corpo e sobre minhas ações. Eu não sei o que é isso que estou sentindo mas sei que é bom e que eu quero mais e mais. Tiro sua blusa e antes de voltar a beijá-la admiro seu corpo. Ela é linda, tão linda. Eu a beijo novamente. Quero beijar cada centímetro de seu corpo, quero tê-la para mim, só para mim, para sempre. Estou suando, seu fôlego, mas mantenho nossos lábios juntos. Nunca me pareceu tão bom perder o controle.

Uma batida forte na porta nos trás de volta à realidade. Solto um gemido de frustração.

-Preciso usar o banheiro, arrumem um quarto só para vocês dois.

-Esse é o nosso quarto. – Grito;

-Eu não ligo! Saiam logo daí.

Coloco minha testa na de Cat que continua imóvel.

-Parece que Maria acordou. – Sussurra.

-Pois é. – Passo meus lábios nos seus sem beijá-la.

-Precisamos ir. – continua sussurrando.

-Eu sei. – Lhe dou um beijo suave.

-Você precisa se trocar.

-Eu sei. – Ela me beija dessa vez. Devagar, aproveitando cada segundo como se fosse o último. – Você precisa sair do banheiro para que eu possa me trocar.

-Eu sei. – Beijo seu pescoço e ela desaparece antes que eu possa sentir sua pele arrepiar, me deixando encarando meu reflexo no espelho.

Odeio quando ela faz isso.

Olho meu reflexo e percebo que meu cabelo cresceu, meus olhos verdes estão ofuscados por pequenas olheiras. Pareço mais velho e mais cansado do que me lembrava. Visto o traje rapidamente e saio do banheiro dando de cara com uma Maria muito verde, e mal-humorada. Ela me lança um olhar fuzilante e me empurra para fora do banheiro trancando a porta.

Cat está deitada em minha cama virada para a parede, de novo com sua blusa. Sem falar nada deito do seu lado e simplesmente durmo ouvindo o som de sua respiração.

A semana passou voando; Não consegui dormir direito a semana toda, muito menos dormir. Não tive nenhum momento a sós com Cat graças a Maria e seu trauma de ficar sozinha. Eu não importo. Tirando seu mau humor, ela até que era legal às vezes. Adam e eu trocamos algumas palavras como “oi” e “tudo bem?” e “tudo” praticamente nessa mesma ordem. Steave passou o tempo todo tentando descobrir as novas senhas que Will propositalmente colocou no histórico do computador. O laboratório está fechado até segunda ordem, os computadores e luzes de lá continuam queimados.

Eu e Cat e sua sombra Maria, estamos fazendo hora na biblioteca esperando notícias de Steave.

Estou me sentindo entediado. Normalmente ler distrai minha mente, porém, devido aos últimos acontecimentos ficar confinado nesse acampamento está me dando nos nervos. Estou ficando claustrofóbico.

-Preciso sair daqui. – Digo levantando.

-Aonde você vai? – Pergunta Maria.

-Não sei dar uma volta lá fora.

-Você vem? – Pergunta Cat a Maria.

Maria dá de ombros como se não tivesse escolha e nos segue até a saída.

Eu não sei o que faremos, já que Maria está vamos ter que andar o caminho todo e depois do ataque não vamos muito longe; mas só de respirar ar puro eu já me senti eu mesmo outra vez.

Entramos na floresta e seguimos sem rumo, em silêncio, fazendo pequenas observações de vez em quando como “*olha que esquilo feio*” ou “*aquilo ali é uma minhoca ou uma cobra?*”.

Não demora muito para que meu estômago ronque.

Cat me lança um olhar furioso.

-Você não comeu o que eu deixei na cabeceira hoje não foi? – Nego com a cabeça e ela revira os olhos. – Vocês esperem aqui. Eu já volto.

-Trás alguma coisa para mim também. – grita Maria.

E Cat desaparece deixando-nos desconfortavelmente a sós.

Maria está com seu cabelo preso em um alto rabo de cavalo; suas mechas roxas mesmo presas caem sobre seus ombros.

-Então... O que você faz além de se agarrar com Cat, quando está na floresta?

Reviro os olhos com o comentário.

-Eu treino.

-Com as facas? – Ela parece se interessar de verdade sobre o assunto e esquecer toda aquela hostilidade de irmã mais nova com TPM.

-Sim. Você tem boa pontaria, mas poderia ser melhor.

Ela me olha com frieza e balança a cabeça incrédula. Decido mostrar o que quero dizer.

Caminho até uma árvore gigante, com alguns passos de distancia certos para que possamos mirar. Depois do incidente no acampamento, estou sempre com meu estojo, assim tiro uma faca e desenho um círculo pequeno no que acredito ser o meio do tronco e volto. Entrego uma faca à Maria e ela a joga na árvore depois de mirar com cuidado. A faca pega metade da pequena bola, mas mesmo assim a acerta. Maria faz uma reverência e recolhe a faca.

Durante praticamente minha vida toda, tudo o que eu podia fazer era ficar treinando com as facas horas e horas na floresta, eu consigo acertar aquele alvo até de olhos vendados, então não me impressiono.

-Nada mal... - Aplaudo sorrindo. – Para uma iniciante.

Seu sorriso vacila e eu tomo seu lugar. Tiro três facas do meu estojo e miro na árvore. Atiro à primeira. Um lançamento rápido e em linha reta, acerta bem o centro da pequena bola.

-Sorte de principiante. – Diz Maria sorrindo.

Seu comentário soa mais como uma piada de amigo do que como uma alfinetada.

Olho para ela sem me dar o trabalho de responder e lanço as outras duas facas em minha mão. As lanço com se estivesse estralando o dedo, girando levemente o pulso para a direção desejada. Uma para a direita e a outra para esquerda. As duas param bem rente à primeira faca lançada; todas no centro da pequena bola.

Olho para Maria e ela está boquiaberta.

-Ta legal, você tem que ensinar fazer isso.

Ela pega as três facas da árvore e volta. Ela mira e eu levanto seu braço.

-Relaxe mais um pouco. – Digo. – Se trata de precisão, não rigidez.

Ela atira a faca e ela para á centímetros da minha marca de faca no centro.

-Quase.- Diz rangendo os dentes.

-Venha cá deixe eu te mostrar.

Ela para em minha frente e segura a faca e eu passo meu braço por trás do

dela. Seu braço é miúdo em comparação com o meu; sua pele é um tom mais claro que a minha. Seu cheiro me lembra de minha mãe; às vezes quando eu chegava em casa depois do trabalho, mamãe tinha acabado de sair do seu pequeno jardim e a casa toda estava empesteadada com seu cheiro de rosas. Era uma delícia. Definitivamente Maria usa sabonete de rosas.

Maria pigarreia tirando-me da nostalgia. Coloco o rosto bem perto de sua orelha, o que a incomoda no princípio, mas depois ela finge não se importar.

-Deixe o braço firme, mas o pulso relaxado. – Quase sussurro, por estar perto de seu ouvido. Pego sua mão e imito o movimento correto. – Viu?

Ela balança a cabeça e eu me afasto para que faça sozinha. A faca para exatamente onde a minha estava á minutos atrás. Ela pula de alegria e me abraça sem pensar e alguns segundos depois se afasta sem graça.

Eu particularmente acho ela uma gracinha envergonhada. Assim que penso no *g* de *gracinha* lembro que essa era uma expressão de minha mãe. Não importa o que estava acontecendo ela sempre conseguia colocar *gracinha* na frase. “*Olha minha gracinha de flor*”, “*Amor nosso filho não é uma gracinha decapitando gatos? Pera que?*”.

Às vezes lembrar-se de minha mãe não é mais tão doloroso. Sinto saudades definitivamente, mas agora a dor parece não me incomodar tanto.

-Agora, me ensine a virá-las.

E eu ensino.

Seja o que for que Maria tenha contra mim, ou melhor, o que sua TPM tem contra mim, não está presente enquanto laçamos facas. Isso é algo que ambos amamos então acredito que seja nossa trêgua. Cat demora mais do que imaginamos, então acabamos sentando para esperá-la.

- Então, me conte sua historia Maria.

Ela parece um pouco hesitante, mas acaba falando.

-Não tem o que contar. Meu pai foi morto pelo governo antes de eu nascer. Minha mãe fugiu e acabou sendo encontrada por Steave. Ela estava muito fraca por isso morreu no parto. Fui criada hora por mulheres da cozinha, hora por Steave. Amo Steave e sou grata a ele de todo meu coração, mas ele sempre esteve ocupado demais para ser pai, por mais que se esforçasse. E cai entre nós?

As mulheres da cozinha nunca foram muito simpáticas. – Ela da risada e suas covinhas me induzem a fazer o mesmo. - A coisa mais próxima de família que tenho é Cat, que apareceu quando eu tinha quatro anos. Passei a maior parte de minha vida trancada, lendo. E é isso.

-Sinto muito por seus pais.

-Ah tudo bem. Eu não os conhecia então, por mais errada que tenha sido a morte deles, eu não sinto luto. Invés disso eu... – Ela faz uma pausa e me olha. – Deixa pra lá.

Me aproximo e seguro sua mão.

-Não. Continue por favor.

Ela engole em seco e suspira.

-Eu sinto um vazio sabe. Eu dou muito valor em tudo o que eu tenho, mas não consigo parar de me perguntar como seria se eles estivessem vivos. – Em seus olhos roxos vejo toda a mágoa que ela guarda se transformando em lágrimas. Eu a entendo, por isso aperto sua mão. Não lhe dou um olhar de pena, mas sim de compreensão; o que a faz continuar. - Eu não lembro nada sobre eles. Me pergunto: *Minha mãe era loira? Será que puxei o cabelo de pai?* São perguntas banais que me corroem todo santo dia. E tudo o que eu posso fazer é culpar o governo e esperar uma chance de me vingar.

-Sinto muito lhe dizer, mas a vingança não vai lhe fazer sentir melhor.

-Acho que vale a pena tentar.

- Eu não acho que valha.

-Como assim?

-Quando minha mãe morreu, eu fiquei com muita raiva e acabei matando o soldado que eu acredito ter matado-a. Eu não me sinto melhor. Na verdade tenho pesadelos e vejo o sangue dele em minhas mãos toda hora.

-Mas ele mereceu.

Balanço a cabeça em negação.

Ela está errada. Ninguém merece morrer, muito menos daquele jeito.

-Não Maria, você não entende? Se começarmos matar todo mundo que achamos que merece morrer, não seremos melhores que eles.

-Mas eles precisam pagar Sam. Olhe o que fizeram com sua mãe, com os meus pais. E os pais da Cat eih? Você acha que eles mereciam morrer do jeito que morreram?

-Você sabe o que aconteceu com eles?

Ela olha para os lados com medo de que alguém pudesse escutar e se aproxima mais.

-Steave achou o corpo deles na floresta, a alguns quilômetros de onde ele achou Cat. Eles foram baleados, pelas costas! Os desgraçados não tiveram nem coragem olha-los nos olhos. Steave acha que os pais de Cat a esconderam na floresta para que eles não a achassem, ninguém sabe como ela sobreviveu. Sam, os cadáveres tinham mais de cinco anos de decomposição. Cat era praticamente um bebê.

-Vocês tem certeza de eram os pais dela.

Ela faz que sim com a cabeça.

- Steave coleu tecidos e fez teste de DNA.

-Cat sabe?

-O que eu deveria saber? – Diz Cat nos dando um susto.

Assim que me vê de mãos dadas com Maria, algo passa por seu rosto tão rápido que é quase imperceptível.

Curiosidade? Ciúme?

Maria puxa sua mão bruscamente e cora.

-Deixa para lá, Steave tem novidades. –Diz Cat parecendo o mais normal possível.

Seguimos todos de volta ao acampamento em um silêncio desconfortável.

Vamos direto para a sala de reuniões. Assim que entramos Steave nos olha como se estivesse vendo três fantasmas.

-Você está bem?- Pergunta Maria indo á seu encontro. Ele sorri e faz que sim com a cabeça voltando seu olhar para Cat.

-Eu descobri o que Will queria aquele dia. – Esperamos ele continuar, mas ele não fala nada.

– Steave? O que você descobriu? – Pergunta Cat.

-Ele copiou os arquivos de todos os mutantes não foi? – Pergunta Maria mais afirmando do que de fato perguntando.

-Na verdade ele só copiou um arquivo. – Responde Steave ainda olhando para Cat.

-A ficha de quem? – pergunta Maria.

Steave engole em seco olhando para mim e não fala nada como se as palavras fossem muito perigosas para serem ditas. Cat solta minha mão e caminha até o computador que Steave estava sentado e volta com a mesma aparência pálida.

-Por que ele copiou minha ficha Steave?

Ele continua em silêncio olhando para o nada.

-O que tinha lá Steave? – Pergunto agarrando seus ombros.

-Provavelmente todos os seus testes de sangue, o código do seu DNA, fotos e os anos que ela passou pela psicóloga daqui, mas eu não entendo por que isso é ruim? – Pergunta Maria.

Steave continua sem dizer nada. Cat está preocupada olhando fixamente para ele.

-A garota... – Diz Adam e todos olham para ele, percebendo só agora que ele estava no fim da sala o tempo todo. – Ela é uma G4.

Capítulo 14

Os últimos minutos foram de gritaria.

Na verdade só Cat gritava enquanto apontava o dedo para Steave, que continuava imóvel. Ninguém entendia nada do que ela dizia, mas sabíamos que não era boa coisa.

-Cat acalmasse. – Diz Maria pela quinta vez.

Eu tento encaixar os detalhes da notícia com a reação exagerada de Cat, mas não chego a um consenso. É só uma classificação não sei por que ela estava tão brava. Talvez não fosse a notícia em si e na verdade o fato dele ter mentido para ela esse tempo todo. Eu entendo isso também. Não é fácil acreditar ser uma coisa sua vida toda, mesmo que tenham sido apenas 19 anos, e descobrir que tudo não passa de uma mentira.

Mesmo assim já me cansei de ouvi-la gritar palavras sem sentidos.

-Cat! – Grito. Todos congelam e olham para mim, inclusive ela. – Acalmese. Agora Steave explique-se.

-Sinto muito... – É tudo o que ele diz antes de se jogar na cadeira com a mão no rosto.

-Você sabia o tempo todo? – Cat praticamente resmunga. – Desde quando você sabe?

-Desde que te achei na floresta. Sabia que para ter sobrevivido tanto tempo sozinha você seria uma G4, mas não quis acreditar. Só tive coragem de olhar para os resultados dos exames meses depois. E tava na cara que mostrariam que você era uma G4, você sempre foi tão inteligente. Pensei que você nunca falaria por causa do trauma que passou, mas assim que aprendeu a formar uma frase atou-se a tagarelar. – Steave olha para Cat sorrindo, mas ela desvia o olhar. - Desculpe não ter te contado, mas era para seu próprio bem. – Cat o encara incrédula.

-Você esconde segredos de todo mundo dizendo que para nosso bem quando na verdade o único que se beneficia deles é você. – Cat cospe as palavras com tanta rispidez que faz Steave levantar.

-Você não entende? – Cat desvia o olhar novamente e ela pega em seu braço. - Se eu não tivesse escondido isso de você e dos outros, eles a teriam levado para longe de mim há muito tempo. Eu estou cansado de perder tudo Catherine, eu não podia arriscar perdê-la também.

Os olhos de Cat se enchem de lágrimas, ela abaixa a guarda e eles se abraçam.

Não sei se sinto ciúmes de Cat, ou do simples fato de duas pessoas estarem se abraçando enquanto eu não mal consigo olhar nos olhos de meu pai sem querer chorar feito um bebê.

-Eu sinto muito. – Diz Steave.

Passam-se longos minutos antes que Cat diga alguma coisa.

-Eu sei... Você só estava tentando me proteger.

Os dois sorriem e se soltam. Cat volta e pega minha mão. Um silêncio reconfortante preenche a sala.

-Eu não entendo por que isso é tão ruim... – Fala Maria – Digo, você tem duas habilidades e pode aproveitar de ambas. Viva!

-Não é ruim. Ruim é essa informação estar indo parar nas mãos do governo. – Explica Adam.

-Isso é verdade. Cat me disse uma vez que por anos eles faziam experiências para tentar criar um G4 e agora, tudo o que eles precisam fazer é vir atrás de você. Você corre perigo temos que tira-la daqui. – Digo olhando para Cat.

Cat abre a boca para responder, mas um estrondo a impede.

O chão todo chacoalha e os alarmes soam. Steave corre para os monitores das câmeras e vê Will mostrando o dedo do meio para ele logo na entrada; atrás dele uma fila de soldados armados, com armas que brilham na ponta, se forma.

Outro estrondo e a energia acaba, deixando apenas as luzes de emergência piscando.

-Vocês vão direto para o refeitório e levem o maximo de pessoas que conseguirem para lá. – Grita Steave por cima do barulho das sirenes.

-De jeito nenhum. - Rebate Cat - Nós vamos ajudar.

Antes que discussão começasse, surgem gritos vindo do corredor. Lá fora soldados atiram em todas as pessoas que veem pela frente, enquanto um deles passa o dedo indicador de cada pessoa caída por uma maquina.

-Steve, precisamos te tirar daqui. – Grita Maria.– Sam me da cobertura?

Faço que sim com a cabeça e Maria parte para o corredor deixando sua nuvem roxa pelo ar.

Sem demora eu começo a atirar as facas nos primeiros soldados que vejo. Eles estão de colete dessa vez, o que torna um pouco mais difícil derruba-los.

A luta começa. Cat rouba uma arma de um dos soldados e atira conforme vai desaparecendo e aparecendo de novo. Um raio de choque acerta minha perna a deixando dormente por um segundo, mas logo meu corpo se acostuma e cura os tiros com mais rapidez.

Estou mais ágil do que na luta anterior. Desligo minha mente de tal modo que paro de pensar sobre mortes, sobre quem é inocente ou culpado; e começo a lançar as facas nos espaços que vejo entre colete e membros. Dou golpes rápidos e certeiros enquanto desvio de socos e tiros. Evito ao maximo olhar para o sangue que jorra das feridas dos soldados.

Uma confusão segue no fim do corredor. Pessoas tentam correr, enquanto outras não desistem sem brigar.

Não demora muito para que Maria volte para nos ajudar. Estamos bem próximos à entrada, então todos os soldados que passam pela porta, também passam por nós. Juntos, nós três derrubamos todos os soldados que encontramos, mas mesmo assim mais e mais acabam chegando.

Após o que parecem ter sido no mínimo 15 minutos de luta, já estou sentindo o efeito do cansaço. Tirar e pôr as facas dos corpos já está se tornando doloroso para mim, mesmo meus músculos se curando.

-Maria! – Ouço Cat gritar.

Um tiro acerta bem a cabeça de Maria e ela cai no chão inconsciente. Lanço uma faca no peito do atirador, mas já é tarde e outro soldado está carregando Maria para fora. Cat corre atrás dela enquanto eu tento me livrar de outros dois soldados que estão na minha cola. Com três golpes derrubo os dois e

corro na direção das meninas. Mais soldados chegam e eu as perco de vista.

Corro e chuto e lanço todas minhas facas de uma vez. Avisto Cat quase que perto da porta, ela luta com o soldado que arrastava Maria e mais um. Mais soldados entram. Luto com o maximo que posso, busco minhas forças em todos os cantos do meu corpo mas acabo levando uma pancada na cabeça e caio no chão.

Minhas mãos e meu rosto estão cheios de sangue, mas não são meus; não sei se é a visão avermelhada ou a pancada, mas estou zozzo. Levanto o olhar e vejo Maria sendo arrastada para fora da porta que está toda queimada. Cat continua lutando. Tento me levantar mais sou atingido novamente. Me viro e chuto meu agressor que deixa a arma cair. Me levanto e vejo que mais três soldados se aproximam.

Olho para Cat bem na hora que um soldado chega por trás e lhe dá uma coronhada na cabeça; ela cai no chão inconsciente.

-Não! – Grito.

Olho para os lados a procura de ajuda, mas não há nada além de um mar de corpos caídos e três soldados em minha frente. Um soldado entra e começa a arrastar Cat para fora.

Corro em sua direção distribuindo o maximo de golpes que consigo. Estou sem facas e mais deles estão chegando.

Estou a poucos metros da porta quando minhas pernas vacilam. Meus dois braços são puxados para minhas costas e outro tiro atinge em cheio minhas pernas, me obrigando a cair de joelhos. Os soldados começam a sair, como se seu objetivo aqui já tivesse sido cumprido.

Meus olhos estão se enchendo de lágrimas, enquanto eu assisto a um estranho caminhar com Cat nos braços rumo a porta.

É isso. Vou perdê-la também.

Um grito ecoa do fundo de minha garganta e as paredes começam a tremer.

No momento que o soldado pisa com Cat na porta, galhos e raízes gigantes surgem do chão, quebrando o concreto e atravessam o corpo do soldado. Cat cai mole no chão e eu sinto minhas mãos sendo soltas, olho para trás e vejo o corpo

de três soldados balançando no ar com várias raízes grossas ao seu redor. Todos os outros soldados estão imóveis grudados na parede por raízes.

Olho em volta a procura de alguém que possa ter feito os galhos crescerem, mas não encontro ninguém. Corro até Cat que continua desacordada.

A porta foi bloqueada por um ninho de galhos e folhas e raízes. Adam está no fim do corredor remexendo em alguns corpos.

Agora ele aparece.

Abraço Cat que ainda respira. Procuo ao redor algo que eu possa usar para estimula-la a acordar, mas não encontro nada.

Não posso bater nela.

Então eu cuspo em sua cara, e ela acorda. Ela tenta abrir os olhos, mas um deles está incapacitado pela minha saliva.

-O que é isso? – Diz ela tirando baba de cima de seu olho esquerdo.

-Baba – Sorrio.

-Você cuspiu em mim? . – Ela faz uma careta indicando nojo.

Dou de ombros.

-Era isso ou um tapa.

-Acho que prefiro um tapa.

–Posso da-lo agora se você insiste.

-Agora eu já estou acordada! - Ela se levanta e eu a abraço.

-Por um momento pensei que ia te perder. – Coloco minha mão ao redor de seu rosto e a faço olhar em meus olhos.

-O que aconteceu? – Ela pergunta.

-Você foi atingida e eles estavam te levando, eu não conseguia me soltar e então... – Movo a cabeça para o lado, apontando a porta. – Os galhos surgiram e salvaram todos nós.

-Quem mais estava aqui na hora dos galhos Sam? – Pergunta Adam.

Mais uma vez tinha me esquecido de sua presença. Me pergunto se ele é sempre silencioso assim ou só quando quer causar impressão.

Solto o rosto de Cat e seguro sua mão me virando para olhá-lo no rosto. Sua roupa está cheia de sangue, e Steave está do seu lado do mesmo modo. Acredito que eles também tiveram sua própria batalha.

-Só nós dois e os soldados.

-Você sabe o que isso significa não sabe? – Pergunta Steave olhando para mim.

Eu realmente não faço ideia do que ele está insinuando. Continuo a encará-lo como se essa fosse uma pergunta retórica. Ele suspira e Adam acaba respondendo.

-Isso significa que ou você ou Cat controlaram os galhos.

-Nem olhe para mim eu estava desmaiada. – Cat diz rapidamente.

Todos olham para mim.

-Não. – Digo balançando a cabeça. – Eu não mecho com plantas, esse aí era o negócio de minha mãe.

-Parece que você herdou mais do que só os olhos verdes de sua mãe Sam. – Diz Adam com uma mistura de orgulho e tristeza na voz.

-Eu não sei... Talvez tenha sido outra pessoa.

Cat revira os olhos.

-Arrumem logo um vasinho de flor e taquem na cabeça dele pra ver se ele entende que pode sim mover plantas.

-E como ser acertado por um vaso me ajudaria a entender?

-Sei lá. Pelo menos essa cabeça oca se encherá de terra.

A fuzilo com o olhar e ela começa a rir. Noto que Steave e Adam também estão rindo. Sem achar nada disso engraçado reviro os olhos. Como eles poderiam achar graça nessa situação? Estamos rodeados de corpos e eles fazendo piadas sobre meu QI.

Dou as costas para eles e começo a andar.

-Qual é Sam, foi só uma brincadeira volte aqui. – Grita Cat.

Percebo que ela ainda está rindo, então apenas finjo que não a ouvi e continuo andando.

Os corredores estão todos sujos; poças de sangue se espalham pelo chão e vários respingos deixam suas marcas nas paredes. Tem facas de cozinha caídas no chão, aparentemente algumas pessoas improvisaram suas próprias armas. Alguns corpos caídos não estavam feridos, talvez estivessem vivos ou talvez o choque os tenha matado, não fiquei para descobrir. Assim que viro o corredor vejo um objeto cravado na testa de um soldado. A cena me enoja e o cheiro de sangue embrulha meu estomago, se eu tivesse comido alguma coisa com certeza teria posto tudo para fora.

Por mais que tente não consigo me acostumar com o sangue, acho que nunca ter sangrando na infância contribuiu para a repulsa que tenho desse tal líquido vermelho.

Minha curiosidade ganha do meu bom senso e eu abaixo para observar o objeto familiar. Os olhos mortos do soldado me encaram e eu acabo puxando a adaga de sua testa de uma só vez. Uma adaga. A adaga de Maria.

Maria!

Corro para a entrada onde os três continuam parados conversando sobre possíveis lugares para se mudar.

-Maria. – Digo recuperando o fôlego. – Eles a levaram, nós temos que ajuda-la.

Capítulo 15

-Sam tem razão não podemos deixar Maria e os outros a mercê do governo. – Diz Cat.

-Nós precisamos montar um plano de resgate para tira-los de lá. – Diz Adam.

-Mas nós não temos tempo. Vocês precisam é melhorar essa segurança e manter todos a salvo até Steave encontrar outro lugar para morarmos. Enquanto isso eu vou buscar Maria.

-Nem pensar. Eu vou junto. - Diz Steave.

- Olha, mesmo que você fosse comigo em sua moto, levaria mais ou menos um dia inteiro para chegarmos a Suvers. Eles já devem estar no meio do caminho agora. Se eu sair agora posso interceptá-los.

-Ou você pode acabar presa como Maria! – Digo.

-Cat me escuta. Eles têm armas e maneiras de mantê-la presa. Deixe-me falar com meus contatos na cidade. Se você quer tanto ir eu arrumo disfarces para você entrar em segurança no laboratório do governo. – Argumenta Steave.

-Ela não vai sozinha. – Digo.- Eu vou com ela.

Vendo que não tem nenhuma outra opção Steave concorda.

Steave diz para irmos descansar enquanto ele procura alguns comunicadores e prepara uma mala para nós. Vamos pegar a identidade de dois cientistas do governo em um quarto de hotel de um amigo de Steave.

A fim de descobrir se eu posso mesmo controlar plantas etc, caminho rumo a sala de treinamento, quando lembro que tudo ainda continua sem energia. Steave conseguiu ligar um gerador de emergência, mas ele só funciona para as luzes então os computadores e aparelhos de simulação são inúteis. Decido testar minhas novas habilidades na floresta.

Quando chego à porta, vejo que os galhos ainda estão nela, impedindo a passagem.

Uma boa maneira de começar.

Me aproximo e coloco as duas mãos na parede de galhos. Fecho os olhos com força e espero alguma coisa acontecer. Nada. Abro os olhos e encaro os galhos. Nada. Me afasto e tento me concentrar. *Mas concentrar no que?* Isso é diferente. Minha habilidade de cura não exige nada de mim, eu apenas me machuco e automaticamente ela fica feliz em me curar, eu não preciso desejar isso. Talvez seja isso. Talvez eu tenha que desejar alguma coisa. De olhos abertos encaro a parede de galhos desejando que ela suma. Nada acontece. Me irritado.

-Deixe-me sair.

Grito para a parede fazendo um movimento com as mãos, de dentro para fora. Os galhos começam a se mexer e eu dou um pulo para trás.

Funcionou.

Mas como? Penso em como estava desesperado quando vi Cat sendo carregada pela porta e como me irritei facilmente agora e chego a conclusão de que essa minha habilidade é ligada as minhas emoções. Será que é assim com todos os mutantes?

Corro para fora, mas fico próximo ao acampamento para não me perder. Minha vontade é de correr o mais rápido o possível para perto de Baby. Sinto falta da liberdade que voar em suas costas me trás.

Sento-me perto na margem do rio quente com cuidado para não escorregar e começo a imaginar flores nascendo ao redor de onde estou sentado. Nada acontece. Sou mais específico. Imagino lírios brancos nascendo ao meu redor. Sei que lírios provavelmente não nascem na beira de um rio fervente, na verdade nada nasce ao redor de um rio fervente, mas minha mãe sempre amou lírios e essa é a única flor que eu consigo pensar agora. Funciona. Vários lírios brancos começam a nascer e a brotar aos meus pés. São incríveis. Pego um deles na mão para ver se é real e logo outro nasce no lugar do qual eu havia tirado. Estou maravilhado.

Não vejo a hora de contar para Cat. Qual será sua flor favorita? Será que consigo fazer qualquer coisa nascer em um pouco de terra? Eu tento. Pego um pouco de terra quente na margem do rio e a seguro com as duas mãos. Imagino um pequeno pé de batata doce nascendo. A terra em minha mão começa a se mexer e eu dou risada. As raízes da batata doce fazem cócegas e se mechem como minhocas, conforme a pequena batata sai da terra em minha mão. Não consigo parar de sorrir.

Pensar que minha mãe compartilhava da mesma emoção me deixa mais

animado ainda, e sinto um calor familiar em saber que tenho algo bem mais significativo que seu par de olhos verdes.

Faço uma pequena tigela de raízes e começo a enchê-la de terra morna. Quando termino de cavar um pequeno objeto vermelho chama minha atenção no fundo do buraco. É uma pedra, mas não se parece com nenhuma pedra que eu já tenha visto; ela é um cilindro preto de três centímetros no máximo e seu interior brilha com uma luz vermelha. A pedra está quente, mas nada que não de para suportar.

Entro no acampamento e fecho a porta de raízes novamente. Me sinto ótimo por conseguir dominar tão rápido minha nova habilidade. Sempre me senti mais vivo dentro da floresta e agora que eu a natureza estamos sincronizados ninguém pode nos deter.

Dou risada diante da expressão que me faz lembrar minha infância, a época em que eu vestia o lençol da cama de minha e saía correndo com meu pai dizendo que ninguém podia nos deter. Bons tempos... minha família ainda estava viva em todos os sentidos.

Entro no quarto e Cat está andando de um lado para o outro.

-Onde você estava? – Me pergunta brava.

-Fui dar uma volta e você não vai acreditar.

-Foi dar uma volta? E não me avisou? Eu te procurei igual louca por esses corredores. Sabe como me senti quando não te achei? – Ela se aproxima de mim quase cuspidando saliva na minha cara conforme pronuncia as palavras.

-Sei. – Digo rapidamente antes que ela possa continuar o sermão.

-Sabe? – Pergunta surpresa.

Seguro a tigela em uma mão e com a outra acaricio sua bochecha.

-Eu senti a mesma coisa quando pensei que aqueles homens a levariam para longe de mim.

Ela sorri e me abraça. Sinto todas as tensões que dominavam seu corpo segundos antes se aliviarem.

-E então o que você descobriu? – Pergunta se afastando.

-Qual sua flor favorita?

-Que? Por quê?

Ela não tenta esconder a suspeita em seu rosto. Acho que ninguém costuma perguntar qual sua flor preferida.

-Só responda a pergunta mulher.

Com certeza ela está desconfiada, mas acaba cedendo e pensando na resposta.

-Rosas azuis. Do topo da montanha vulcânica. Elas só abrem a noite.

Essa era fácil. Eu já havia visto essas flores, na noite que ela me levou na montanha e elas são mesmo dignas de favoritismo.

Entrego a ela a tigela cheia de terra e antes que ela possa me chamar de louco, uma rosa azul começa nascer e broto se abre em questão de segundos.

Ela sorri e seu olhar viaja freneticamente de meus olhos para a flor e da flor para meus olhos. Ela toca a flor, para ter certeza de que é real e depois me abraça com cuidado para não amassar a rosa. Ela joga algumas roupas que estavam em cima de sua cabeceira no chão, e coloca o vasilhinho em cima.

-Obrigada Sam. Esse é o melhor presente que já recebi. Sinto muito por não poder te dar nada.

-Você pode me dar alguns beijos ai ficamos quites.

-*Alguns* beijos? – Ela se aproxima me dando a mão, mas eu a puxo para mais perto, concordando com a cabeça. – Por que não só *um* beijo?

-Veja... Aquela flor ali é muito rara. E foi preciso muito esforço psicológico da minha parte para fazê-la.

Ela ergue uma sobrancelha e eu faço bico para concretizar minha atuação. Ela sorri e eu a beijo. Depois de um longo segundo ela se afasta.

-Acho que só esse beijo não será suficiente não é?

Apenas balanço a cabeça para dizer não a puxando para mim mais uma vez; Nos beijamos de novo, e de novo, e de novo, até que Cat pega a pedra que estava em minha mão o tempo todo. Seus olhos observam a pedra com certa

reverência e ela sorri.

-Onde você conseguiu isso? – Pergunta.

-A pedra? Na beira do rio quente por quê?

-É uma pedra vulcânica. Veja... - Ela me entrega a pedra de novo e eu percebo que ela ainda está quente.- Ela nunca esfria.

-Tem certeza?- Pergunto descrente. Parece impossível que uma pequena pedra como aquela possa ficar quente para sempre, mas o que é que eu sei?

-Tenho. Eu já muitas dessas brilhando, enquanto tudo ao redor estava congelado.

-Então fique com ela. – Digo lhe entregando a pedra. – Considere um presente mais simbólico. Enquanto essa pedra continuar quente, o que eu sinceramente espero que seja para sempre como você disse, eu estarei pensando em você.

Ela sorri e pega a pedra, beijando minha mão.

-Obrigada novamente. Vou carrega-la sempre, eu prometo.

Olho para a flor e uma ideia passa pela minha cabeça.

-Venha cá. Me dê a pedra.

-Pensei que ela era minha. – Diz ela me entregando a pedra novamente com a cara fechada.

-Ela é.

Caminho até a flor, e conforme meu pensamento se solidifica, as raízes começam a se trançar, formando um pequeno colar, agarrando a pedra para deixa-lo no centro. Pego o pequeno colar e coloco em Cat. Ele passa rente em sua cabeça sem muita dificuldade, e cai um pouco acima de seus seios. Ela apenas sorri e pela primeira vez em muito tempo, ela está sem fala.

-Nunca pensei que algum dia veria você sem fala. – Brinco.

-Idiota. – Ela me dá um tapa e eu dou risada. - É lindo Sam. Obrigada.

-Acho que mereço mais um beijo depois disso.

-Sim merece.

A abraço e nos beijamos novamente. Por mais suave e gostoso que seja nosso beijo, sinto que alguma coisa está errada. A afasto, apenas o suficiente para olhar em seus olhos, que escondem um pequeno traço de tristeza, que seu sorriso tenta disfarçar.

-O que foi?- Pergunto.

-Nada.

Me sento na cama e a puxo para perto Ela senta em meu colo e olha para baixo evitando meu olhar.

-Me conta... Você ainda não superou aquela historia de G4 não é?

-Não... Eu meio que me sinto culpada por tudo que aconteceu, pelo sequestro da Maria e do outros.- Ela me olha com os óculos tortos e suspira.- Sam, nos dois fomos os únicos mutantes que restaram. Eles levaram todos.

-Oh Cat eu sinto muito. Nós vamos dar um jeito de ajuda-los não se preocupe, agora você precisa saber que nada disso é sua culpa.

-Mas é de mim que eles estão atrás. Eu sou a G4. Tudo o que eles sempre quiseram está no meu DNA.

-Então não vamos dar isso a eles. Vamos entrar lá, resgatar nossos colegas e voltar sã e salvos.

-E vamos viver felizes para sempre?

-Quanto a isso eu não sei, mas posso te garantir que teremos muita batata doce daqui para frente.

Ela pressiona os lábios segurando o riso e eu a repreendo.

-Não faça isso.

-Isso o que?

-Isso... – Aponto para seus lábios. – Fechar a boca para não sorrir. Seu sorriso é maravilhoso você não devia privar o mundo dele.

Ela abre um sorriso enorme com os dentes cerrados.

-Assim está melhor? – Pergunta sem desgrudar os dentes, o que deixa sua voz engraçada.

-Bem melhor.

Ela se aproxima e eu a beijo.

Ficamos um longo momento apenas de testas coladas, sem abrir os olhos ou dizer nada.

Por mais que aprecie nosso momento juntos, uma dúvida me corroí. Com tudo o que aconteceu acabei me esquecendo de perguntar sobre seus pais. Será que ela sabe que eles foram assassinados?

Seguro seus braços com delicadeza e a encaro. Ela sorri.

-O que foi? – Pergunta.

-Você tem curiosidade em saber o que aconteceu com seus pais?

-Por que essa pergunta agora? – Ela começa a ficar sem graça.

-Você tem?

-Tenho, mas...

-Eu sei o que aconteceu com seus pais.

Ela engole em seco e se levanta.

Capítulo 16

Uma coisa estranha sobre descobertas é que, você nunca sabe qual o efeito que elas terão em você, até você descobri-las. É simples, por exemplo: Quando eu era criança eu tinha uma ratazana, que eu peguei no jardim da mamãe; eu prendi a ratazana em uma caixa e deixei no meu quarto e cuidei dela por muito tempo; um dia quando cheguei em casa e ela havia sumido. Fiquei feliz á principio por que pensei que ela tinha fugido para encontrar seu amor ratazana macho e eu tinha certeza de que um dia ela voltaria com sua rempa ratazanica, mas a verdade é que eu sentia falta dela, então eu não sabia como me sentir até que eu descobri que minha mãe tinha matado a ratazana “sem querer”, enquanto limpava meu quarto. Nunca pensei que ficaria triste com aquela descoberta, mas eu fiquei, até fiz um enterro para ela com flores, um caixão e... *E o ponto é?* O ponto é que você só sabe como se sente de verdade a respeito de alguma coisa, quando descobre.

Isso não faz sentido.

Faz sim, não estraga o momento.

Eu fiquei agradecido por descobrir a verdade sobre a ratazana, mas será que ela ficaria em paz ao saber a verdade sobre seus pais? Eu não sei, mas preciso tentar.

-Maria te contou? – Cat pergunta depois de um longo, longo, longo silêncio.

-Você sabe? O que aconteceu com eles? -Ela se vira encarando a porta e nega com a cabeça. – Por quê?

-Eu não... – Sua voz falha. - Eu não quero saber.

-Mas por quê?- Me levanto e tento me aproximar.

-Por que eu prefiro pensar que um dia eles vão entrar pela porta e dizer que sentem muito por todos esses anos. – Ela funga. - Eles vão voltar eu sei disso...

-Eles não vão Cat...

-Pare! – Ela grita virando para me encarar com os olhos cheios de lágrimas.

Seguro seus braços e a faço me encarar.

-Cat... – sussurro.

-Não...

-Eu sinto muito.

Ela vira a cabeça desviando seus olhos dos meus e começa a balançar a cabeça em negação freneticamente.

-Eles vão voltar, não importa o que você diga.

-Cat pare! Olhe para mim. – Uma lágrima escorre de seus olhos e ela vira bem devagar, com medo de me olhar nos olhos.

-Não! – Ela grita.

-Eles foram assassinados Cat.

-Cala a boca! Cala a boca. Cala a boca. – Ela grita de novo e de novo, esmurrando meu peito com toda força. As lágrimas jorram de seus olhos e eu a abraço. – Droga Sam! - Ela cai no chão e eu caio junto ainda abraçando-a.

-Eles tentaram te salvar Cat... –Ela está soluçando. –O mínimo que você pode fazer é se importar com a morte deles e parar de fingir que nada aconteceu.

Lágrimas se acumulam nos meus olhos e eu me pergunto se fui muito duro, afinal essa não era minha escolha. Imagino que tipo de perguntas passam pela sua cabeça agora. Seriam as mesmas perguntas banais que Maria tem, mas que nunca serão respondidas? Lembro da mágoa que vi em seus olhos e me sinto pior ainda.

Se Cat não queria saber eu devia ter respeitado.

Tarde demais.

Faço carinho em seu cabelo e entre os beijos que dou em sua testa eu sussurro.

-Me desculpa... Eu sinto muito.

Ficamos balançando em silêncio por algum tempo. Cat está imóvel de olhos

fechados. Acredito que ela tenha adormecido então a pego no colo e a coloco na cama.

-Como você sabe? – Pergunta assim que me deito ao seu lado. Ela está virada para a parede então não consigo ver seu rosto. – Como você sabe que eles tentaram me salvar?

-Bom você era um bebê então, você não poderia fugir sozinha. E você está aqui. Isso significa que eles conseguiram.

Cat suspira como se fosse argumentar, mas desiste.

-Obrigada. – É tudo o que ela diz, sua voz carrega uma ponta de mágoa.

-Acho melhor descansarmos. Hoje foi um dia longo. Tente dormir Cat.

Me viro ficando de costas para ela também e repasso todos acontecimentos de hoje em minha mente: Cat é uma G4 e eu nem sei direito o que isso significa; tenho novas habilidades que ou surgiram do nada, ou sempre estiveram escondidas; varias pessoas morreram hoje e ninguém parece se importar com isso, e eu sinto falta da minha ratazana.

Que tipo de pessoa problemática você é?

Ignoro minhas provocações e em apenas um minuto de descuido, todos os corpos tomam conta de minha mente. Não estou mais desesperado para fazê-los irem embora. Acho que me acostumei com eles, me acostumei com a morte. Não a aceitei de fato, mas de um jeito ou de outro me acostumei.

Tento decidir como me sinto sobre isso. Não estou feliz, mas não estou exatamente triste. Mais uma descoberta a se fazer.

É, hoje foi um dia longo.

Estamos prontos para sair. Steave nos deu uma grande bolsa com mapas da cidade e do laboratório subterrâneo do governo. O laboratório fica embaixo do prédio mais alto da cidade, a prefeitura. Cat e eu vamos entrar com identidades falsas, e roupas que vamos pegar com um contato em um apartamento ao lado da prefeitura. Na bolsa também há armas de fogo e munição, que não pretendo usar. Ganhamos dois comunicadores que já estão em nossas orelhas; os ouviremos a qualquer momento, porém para que eles possam nos ouvir, temos que passar o dedo pela orelha; o aparelho tem sensor de movimento desse modo

um simples mexer no cabelo o liga.

O clima entre mim e Cat não é um dos melhores. Ela não parece magoada comigo por ter lhe contado sobre seus pais, mas ela também não está feliz. Só conversamos o necessário essa manhã.

Cat está se despedindo de Steave. E aproveitando o clima de descobertas, decido pressionar Adam, para saber de uma vez por todas, as últimas pontas soltas da historia de minha mãe. Apesar de ter mentido para mim, acredito que ele realmente se importava com a gente.

-Adam podemos conversar?

-Claro.

E estamos de volta ao corredor.

-Posso te perguntar uma coisa?

-Claro. – Ele diz novamente.

-Minha mãe... Ela sabia que eu não era o filho dela?

Eu já sabia a resposta para essa pergunta. Se minha mãe havia se lembrado de Steave, com certeza ela se lembrava de que eu era na verdade seu filho e não de Adam.

-No começo não... Entenda Sam. Quando sua mãe acordou, depois de ter sido baleada, ela não se lembrava de muitas coisas. E eu não sei por que diabos, mas ela se lembrava de mim. Ficamos mais próximos do eu gostaria devido a isso. Nós tentamos fazê-la se lembrar, ser a antiga Evelyn, mas não conseguimos. Quando Steave descobriu que ela estava grávida insistiu para que eu a levasse para a Aldeia. Meu plano era só deixa-la lá e depois voltar, mas eu não consegui. Nós nos apaixonamos e você nasceu. Ela recuperou parte da memória com o tempo, mas coisas como suas habilidades e esse lugar continuaram perdidas. Ela sabia que você era filho de outro e sabia que eu não me importava, então ela passou a não se importar também. Eu o amo Sam, sempre o amei.

Engulo em seco. É difícil escutar alguém falar sobre minha mãe sem sentir saudades. Acabo acreditando que Adam está sendo sincero e resolvo dar uma chance a ele, e me desculpar por ser tão idiota.

-Eu queria me desculpar, eu sei que não é sua culpa. Nada do que

aconteceu. Sinto muito.

-Eu sei filho, e sei que você também passou por muita coisa e descobriu muita coisa sozinho, coisas que eu deveria ter te contado quando tive a chance e sinto muito por isso. Eu também a amava muito sabe, sempre tive medo de que ela um dia se lembrasse de tudo e me deixasse, mas mesmo quando começou a se lembrar, ela continuou do meu lado. Ela me amava, e o amava também. Não se esqueça disso.

A sinceridade em suas palavras acabam me tocando e eu o abraço. Sei que não é como nos velhos tempos, mas sinto que podemos recomeçar. Sorrio para ele e uma lembrança me atinge. Lembrar-se. Mamãe se lembrava de Steave. Ela me pediu para desculpar-se, eu esqueci.

-Preciso falar com Steave agora. Isso não é um adeus Pai.

O sorriso toma conta de seu rosto e um calor familiar me percorre todo o corpo. Ele esta orgulhoso novamente.

-Sam espere.

-Sim pai?

-Me diga uma coisa filho... O que existe entre em você a aquela garota?

-Quem? Cat?

-Essa mesmo.

Abro a boca para responder, mas a fecho novamente. Não sei o que dizer. Na verdade nem eu sabia o que existia entre mim e Cat. Química, muita química isso é verdade, mas tinha lago mais também. *Eu gosto dela e ela gosta de mim, mas mal nos falamos hoje por eu fui um idiota ontem*, me parece uma resposta razoável.

-Eu não sei... Eu gosto dela. – Acabo dizendo.

-Eu acho melhor você esquecê-la.

O que?

-Como? – Dou risada me perguntando se ouvi direito.

-Você me ouviu Sam. – O tom de voz amigável sumiu de sua voz. Agora

ele falava com autoridade. - Você tem que esquecê-la.

-Por que está dizendo isso?

Estou indignado. Meu pai nunca mostrou que não gostava de Cat. Na verdade ele nunca demonstrou nada desde que chegou aqui está sempre escondido aparecendo no último minuto, não duvidaria se ele fosse igual Will. Balanço a cabeça para afastar esse pensamento afinal de contas ele ainda é meu pai. Certo?

-Escute o meu conselho. Não se envolva com aquela garota. Vocês nunca ficaram juntos. -Nego com a cabeça de novo e de novo. Como ele podia estar dizendo isso? Ele mal a conhecia como poderia saber? – Sam eu sei que você não vai acreditar em mim agora, mas, por favor, me ouça. Você também é um G4, vocês são poderosos demais para ficar juntos.

-Eu sou o que?

As palavras me atingem feito um soco. Eu também sou um G4. Isso explica por que eu consegui controlar tudo tão rápido. Ainda sim é confuso e parece mentira. Tem que ser.

-Isso nunca vai dar certo e o pior de tudo é que vocês vão fazer outros pagarem pelos seus erros. Me diz Sam, as pessoas já não sofreram demais?

Por mais que eu não queira aceitar ele pode ter razão. Será que é verdade? Somos poderosos demais para ficar juntos?

Imagino nossa primeira briga de casal: meia aldeia sendo destruída e pessoas correndo para todos os lados tentando se salvar. Seria engraçado se não fosse tão terrivelmente possível. Cat é cabeça quente e eu também, isso por si só seria ruim em um casal normal, mas nós não somos normais. Somos G4's.

Agora eu entendo por que ser um G4 não é bom. Muito poder. Eu não o quero.

Entro na sala negando cada palavra que ouvi e jogando todas no buraco. Pelo visto ele está lotado por que elas continuam voltando e se repetindo: “*Isso nunca vai dar certo*”. Estaria mesmo à vida me tirando uma das poucas, se não a única, coisa estável em toda essa confusão? Não posso acreditar.

Avisto Steave e Cat conversando no final da sala, e sem pensar que podia estar interrompendo algo importante conto logo a Steave o que minha mãe pediu

e parece um pouco abalado. Permaneço neutro com sua reação. Acho que eu deveria me sentir feliz por ele, ou talvez emocionado mas eu não sinto nada. Na verdade ainda não sei como me sentir em relação ao Steave em si, mas sei que logo descobrirei. Não agora, não hoje. Tudo o que eu quero é sair desse lugar.

Cat e eu nos preparamos para sair e assim que vejo o rosto de meu pai, suas se tornam claras em minha mente.

Não se envolva com essa garota. Vocês nunca ficaram juntos.

Capítulo 17

Não tive muito tempo para conhecer a cidade. Assim que chegamos ao quarto do contato de Steve ele nos entregou nossos disfarces e fomos até uma passagem secreta que dava direto ao laboratório do governo.

Cat usa seus óculos pretos e o cabelo preso em um rabo de cavalo alto. Ela ficava mais velha, mas não menos bonita assim. Eu também estou de óculos, porém um óculos menos estiloso que o seu, e uma barba falsa que me causa uma coceira insuportável.

Entramos no laboratório separados para não levantar suspeitas. Cat foi primeiro e me espera no bebedouro próximo a entrada, que analisamos em um dos mapas que Steve forneceu.

Entrar no laboratório não foi difícil já que eu tinha identidade falsa. O laboratório parecia comum para mim. A entrada era guardada por dois seguranças que scaneavam a sua identidade sem nem mesmo olhar para sua cara; eu poderia ser uma mulher chamada Larry que eles nem notariam. Achei isso estranho afinal esse é um dos laboratórios do governo, eles devem fazer experiências genéticas aqui, a segurança devia ser reforçada. Isso não me parece certo.

Avisto Cat no bebedouro bem perto da entrada. Ela nem me olha nos olhos e já sai andando. Não entendo todo esse drama por causa de ontem, já pedi desculpas umas trezentas vezes desde o ocorrido, portanto não sei mais o que fazer. Estou cansado de tentar melhorar as coisas então simplesmente deixo para lá.

Eu a sigo por um corredor que dá em uma sala gigante cheia de pessoas de óculos e jaleco branco. Tentamos nos enturmar, fazer perguntas discretas, mas todos os cientistas parecem concentrados demais em seus afazeres para nos dar atenção. A ideia de serem robôs me passa pela cabeça, mas assim que vejo Cat tropeçar e cair em um dos cientistas mudo de ideia na hora. Ele parece bem real e interessado demais pra meu gosto.

Fuzilo Cat com o olhar que me retribui com desdém e um sorriso falso. Continuo a passear pelos cientistas e acabo descobrindo que a maioria deles está trabalhando para filtrar a água contaminada. Estranho. Eles já tem produtos que tratam a água.

Eles estão escondendo alguma coisa.

Continuamos a explorar o lugar nos escondendo sempre que ouvimos passos se aproximando. O laboratório tem quartos, onde os cientistas provavelmente dormem, mas não conseguimos entrar em nenhum deles. Um dos cientistas passa por nos e abre um dos quartos com uma pulseira de prata no braço. Cat também tem uma, apesar de não ser exatamente igual a dele..

-Onde você conseguiu isso? – Pergunto me referindo à pulseira com número em seu braço.

-Eles perguntaram onde estava o meu bracelete de identificação e eu falei que tinha perdido, ai os guardas da entrada me deram esse. Você não recebeu um?

-Não. Eles nem verificaram minha identidade direito.

Ela franze a testa e da de ombros. O papo acaba por ai. O clima entre nós está um pouco pior do que antes. Tento puxa assunto para discutir o quanto esse lugar parece estranho, mas ela me ignora, e acabo me irritando.

Continuamos procurando por portas abertas e nada. Tentamos passar a pulseira de Cat nas portas, mas nenhuma se abriu. Não fazemos ideia de onde Maria pode estar e se ela pode mesmo estar aqui. Passamos o dia todo praticamente andando pelos corredores. Esse lugar parece um labirinto.

-Sam, acho que teremos que ligar para o Steave, ele deve saber o que fazer.

Dou de ombros, sem me importar muito. Cat faz menção de mexer no cabelo, mas eu a impeço e mostro que tem alguém vindo em nossa direção.

A mulher está com o cabelo preso em um coque; apesar de também ter uma pulseira, sua roupa é diferente; é branca, mas não parece ser um jaleco, parece mais uma camisola. Ela parece perdida, olha de porta em porta como se estivesse decidindo qual entrar. A mulher se aproxima e eu reconheço seus olhos roxos. Maria.

-Maria? – Pergunta Cat.

Ela se aproxima e sorri.

-Olá! - Diz com um sorriso exageradamente alegre.

Algo está errado.

-Maria é você? – Pergunto.

-Desculpe, quem é Maria? – Diz ainda sorrindo.

-Você! – Cat parece mais sem paciência do que surpresa.

- Não, eu sinto muito, mas vocês devem ter se enganado eu não me chamo Maria eu me chamo... – Seu sorriso vacila por um momento, mas depois volta, tão grande quanto o anterior. – Eu não me lembro! – Ela coloca as mãos no rosto e da risada.

Cat revira os olhos e resmunga.

-Ótimo eles apagaram sua memória.

-Ela deve se lembrar de alguma coisa, caso contrario não estaria andando e falando.

-Você nunca ouviu falar amnésia? - Diz Cat ríspidamente para mim.

-Qual o seu problema? – Pergunto finalmente.

-Meu problema? Nenhum.

-Você está estranha desde quando acordamos.

-Me desculpe se não lidei com a bomba que me jogaram ontem muito bem, com as duas afinal.

Suspiro fundo. Ela tem razão. Eu exagerei. Não posso querer que tudo fique bem assim de um dia para o outro, ela precisa de tempo.

-Tem razão. Me desculpe.

-Tudo bem, eu... Droga! – Olho para o lado para descobrir por que ela chingou e vejo que Maria sumiu.

-Droga. – Chingo baixinho.- Ela não deve ter ido longe. Você vai por aquele lado e eu vou por esse.

Ela consente e nos separamos. Cat volta por onde Maria tinha vindo e eu sigo em frente. Não demora muito até que eu a ache. Ela continua andando devagar observando as portas.

-Oi! – Digo me aproximando. – Venha comigo, por favor.

-Quem é você? – Pergunta se afastando.

-Eu sou seu amigo.

-Então por que não me lembro de você? – Seu sorriso some de seu rosto.

-Eu não sei, mas precisamos ir.

-Eu não vou há lugar nenhum com você.

Agarro seu braço e ela grita.

-Pare Maria. Nós temos que ir vamos.

-Eu não sei quem você é me solta. – Ela grita de novo. – Socorro! Me solta.

-Pare Maria, por favor.

Eu a solto e ela sai correndo. Eu corro atrás. Ela vira o corredor e quando a alcanço ela está caída no chão, com o nariz sangrando e Cat está em pé balançando o pulso.

-O que você fez? – Pergunto colocando a mão em cima do nariz machucado de Maria.

-Ela estava me irritando. Eu ouvi seus gritos lá do outro lado. Vamos não vai demorar muito para os seguranças virem para cá.

-E como você espera que passemos despercebidos carregando uma pessoa desmaiada conosco me diz.

-Droga! Ta bom me ajude a leva-la para o banheiro. Passei por um no outro corredor.

Pego Maria e a deixo na porta do banheiro. Cat entra junto com ela e elas só saem de lá minutos depois.

Maria está sorrindo e seu cabelo agora está solto, todo encaracolado por causa do coque.

-Oi amor! – Ela diz passando os braços nos meus. *Oi?* Olho para Cat que me da um sorriso falso. – Esperem um segundo esqueci meu prendedor na pia.

Ela entra no banheiro e Cat já se adianta.

-Eu tive que falar para ela que vocês eram namorados, que ela perdeu a memória e nós a deixamos vir aqui sozinha em seu local de trabalho para ver se ela se lembrava de algo, mas não deu certo e que agora estamos indo para casa.

Antes que eu pudesse perguntar se ela caiu em uma história tão ridícula Maria volta sorrindo. Parece que ela caiu.

-Vamos? – Pergunta.

Eu e Cat assentimos e procuramos a saída.

Maria pega minha mão e eu assusto com seu toque. Acabo reparando que ela não está mais com a pulseira.

-Cadê sua pulseira Maria?

-Ah. Uma senhora simpática a retirou quando eu estava procurando o banheiro, antes de você me encontrar.

-Por quê?

-Ela disse que eu não precisava mais.

Olho para Cat e parece tão confusa quanto eu. De uma coisa eu tenho certeza: Eles sabem que estamos aqui. Mas por que eles tirariam a pulseira de Maria?

-Vamos nos apressar. – Posso notar que Cat compartilha das mesmas preocupações.

Demoramos mais do que pensávamos, mas acabamos achando a saída. Não tem nenhum guarda na porta. Saímos e encontramos a passagem da prefeitura para nosso quarto.

Apesar de estar feliz por termos conseguido tirar Maria de lá, não consigo afastar a sensação de que alguma coisa está errada. Foi fácil demais entrar, foi demais sair.

O apartamento que ficamos é grande. Imagino que esse deva ser um prédio de pessoas importantes. Só a sala é do tamanho de minha casa toda na Aldeia; ela tem uma TV que cobre toda a parede e um sofá que cabe umas dez pessoas. Um quarto apenas, mas ele é tão grande quanto a sala; tem uma cama de casal e uma televisão enorme na parede. Na cozinha existem aparelhos do qual eu nunca ouvi falar. Apesar do que os líderes viviam dizendo, as pessoas na

cidade não tem uma vida dura, eles desfrutam do bom e do melhor enquanto crianças na Aldeia passam fome.

Não há tempo para ficar indignado, penso nisso outra hora. Eu e Cat estamos tentando nos comunicar com Steave desde que chegamos, mas nossos comunicadores não funcionam.

-Vou subir alguns andares para ver se o comunicador funciona. – Diz Cat enquanto sai pela porta.

Maria está sentada no sofá, me encarando. Sento-me do seu lado, mantendo uma certa distância por precaução.

-Você não se lembra de nada?

-Não sei. Depende do que você quer que eu me lembre.

-Você se lembra que tem certas habilidades?

-Sim. Me lembro que sou uma ótima cozinheira que as vezes ajudo na cozinha do acampamento e que...

-Espere você disse acampamento. Então você se lembra do acampamento?

Ela sorri, mas seu sorriso logo desaparece.

-Não... Eu sinto muito. Eu sei o que é mais não me lembro de fato dele ou do que fazia lá. Foi assim que nos conhecemos? No acampamento? Quando nos apaixonamos?

Ela se aproxima e eu me afasto engolindo em seco. Não posso continuar com essa história ridícula, mas antes de negar tudo preciso saber o que aconteceu com ela.

-Maria, o que aconteceu com você lá dentro?

-Lá dentro onde? No meu local de trabalho?

Balanço a cabeça e conto tudo para ela. Da confusão no acampamento, de suas habilidades, das minhas, de como ela foi levada, conto até que nós praticamos lançamentos de facas aquele dia. Ela ouve tudo com muita atenção como se estivesse ouvindo uma história, mas em nenhum momento sentimento algum passou pelo seu rosto, talvez ela tenha sentido algo quando falei do nosso treino, mesmo assim ela continua inerte a situação.

-Você não lembra sobre nada disso?

-Me desculpe Sam. Eu queria mesmo me lembrar, mas eu não lembro.

-E tem mais uma coisa.

-O que?

-Eu não sou seu namorado.

-Nós terminamos? – Ela parece surpresa, acho que a ideia de ser minha namorada realmente a agradava.

-Não... Nós nunca existimos.

-Você namora aquela garota mal humorada?

Rio diante de tamanha ironia. Até ontem a garota mal humorada era ela.

-Não... Nós não... Namoramos.

Eu nunca pensei em meu relacionamento com Cat. Em meio a tantas coisas não sei se ela aceitaria namorar comigo. Na verdade hoje ela mal quer falar comigo. Mas a ideia de pedi-la em namoro me agrada e muito.

-Então você está solteiro?

Pela primeira vez, vejo um sorriso sedutor se formar nos lábios de Maria. Tenho que admitir que ela é bonita. Mas não consigo pensar nela dessa forma. O fato de ela ser irmã de Cat complica as coisas mais ainda.

-Mais ou menos... – Ela se aproxima e eu me afasto quase caindo do sofá.

-Vamos começar de novo. Oi sou... – Um misto de confusão e dor passa por seu rosto. – Eu sou... – Ela começa a respirar com dificuldade.

-Maria? Você está bem?

Ela balança a cabeça e se apoia no sofá. Sua pele está pálida com um tom de verde, ela parece prestes a vomitar, mas não o faz.

-Sangue... Eu me lembro de sangue. Depois choque. Eu acordei em um lugar branco e uma senhora simpática perguntou meu nome, mas eu não sabia... A mesma senhora que me tirou a pulseira eu me lembro dela.

-Você se lembra de algo mais? – Seus olhos começam a lacrimejar e eu a abraço. – Tudo bem... Vai ficar tudo bem digo.

Se ela perdeu a memória antes de chegar lá deve ter sido ainda dentro do acampamento. *Mas como?* Caço em minha memória os acontecimentos da luta quando algo parece fazer sentido... O choque! Ele ter feito ela perder parte da memória. Mas por que eles ficaram com ela mesmo assim? Se ela não se lembrava de ser mutante era provavelmente inútil para eles. Será eles queriam que fossemos busca-la? Mas como eles sabem quem ela é e o que ela significa? Wil... Aquele desgraçado. Mesmo assim não faz sentido. Por que nos deixaram sair do laboratório se eles nós queriam o tempo todo? Eu não sei... Algo não cheira bem afinal se eles querem nos achar, nos capturar por que tiraram a pulseira dela? Busco na memória algo que possa ser útil, mas não encontro nada. Queria que Cat estivesse aqui para me ajudar a pensar e... Cat! Ela ainda está com a pulseira. Eles vão vir atrás dela é por isso que tiraram a pulseira de Maria, para que não haja confusão. Estavam atrás dela todo o tempo. O ataque acabou assim que eles conseguiram Cat. Mas por quê?

Pare se ser burro dã! Por que ela é uma G4.

Cat abre a porta e eu me lembro que ainda estou abraçado a Maria. Ela me lança um olhar furioso e eu solto Maria bruscamente, que está tão em transe com suas meias lembranças que nem percebe. Cat aponta para cozinha com a cabeça e eu a sigo.

-Bom, vocês estão se dando muito bem pelo o que eu vi.

-Não é o que você está pensando.

-Você não sabe nem metade do que eu estou pensando agora.

Ela parece furiosa. Esta morrendo de ciúmes. Faço minha melhor cara de indignação, mas por dentro estou surtando de alegria. Ela se importa! Poderia pedir ela em namoro agora mesmo.

-Cat, temos que sair daqui. Sua pulseira. Acho que pode ter um localizador.

-Que? Não mude de assunto Sam, eu vi vocês dois abraçados, que diabos isso significa? Você está gostando de bancar o namorado dela? Você que ser o namorado dela?

Que?

-Eu só estava tentando ajudar, ela parecia bem triste. Cat me escuta...

-Aposto que ela está bem feliz agora.

-Não temos tempo para isso temos que ir embora.

-Quer dizer que tempo para falar comigo você não tem? Mas para se agarrar com ela você tem?

Bato a mão na testa e respiro fundo. Não adianta. *Por que as mulheres tem que ser tão complicadas?* Sei que tudo que eu falar ela vai dar um jeito de virar contra mim, então em uma última tentativa de fazê-la me escutar eu simplesmente não falo nada.

Agarro seu braço e a beijo. Ela resiste á principio, mas depois retribui. Esse é de longe nosso melhor beijo. É suave e constante. Nenhum dos dois acredita que isso esteja mesmo acontecendo agora. Eu a fasto e a abraço.

-Temos que ir. – Sussurro em seu ouvido.

Dessa vez ela não discute, apenas balança a cabeça.

Funciona.

-Gente, o entregador esta subindo. Alguém tem que pagá-lo. – diz Maria lá da sala.

-Entregador? – Pergunto.

-Sim, ele disse que tinha uma encomenda para uma tal de Catherine. Suponho que seja ela.

-Ninguém me chama de Catherine além de Steave e... –Ela olha para a pulseira e depois me encara. - Will.

A campainha toca.

-Corram.

Arrasto as duas para o quarto no exato momento em que a porta da frente explode levando nós três para o chão.

Capítulo 18

O mais chato de uma explosão é o zunido que deixa nos seus ouvidos. Como se não bastasse ser jogado no chão, ser atingido por nuvem de poeira e escombros de parede, você ainda tem que aturar um enxame de pernilongos dançando por todos os cantos do seu tímpano.

Obro os olhos tentando enxergar alguma coisa e vejo Cat levantando Maria pelo braço. A testa de Cat sangra, não parece ser muito fundo mas sua cara está toda vermelha. Ouço vozes vindo do corredor. Me esforço e fico de pé cambaleando, seguro na mão de Cat e corremos até o quarto trancando a porta atrás de nós.

O quarto só tem uma cama de casal e uma cômoda, sem janelas ou lugares para se esconder. Coloco Maria debaixo da cama e vou falar com Cat.

-Você está bem? – Pergunto apontando para o ferimento em sua cabeça.

-Sim não foi nada, não se preocupe.

-Venha cá está sangrando bastante, deixe eu ajudar.

Ela me afasta.

-Não precisa, onde está a mala que Steave nos deu? Tem armas lá.

-Na sala...

-Droga! Olha você precisa se esconder Sam. – Sussurra Cat.- Vou até o acampamento e depois volto para ajudar vocês.

Concordo com a cabeça e espero ela desaparecer, mas invés disso ela solta um grito.

-O que houve?

A fechadura gira freneticamente em uma tentativa de abrir a porta e para.

-Eu não consigo me teletransportar. – Seus olhos lacrimejam e sua voz falha. – Esse negócio... A pulseira me deu choque. – Cat começa a chorar.

Ela sabe o que isso significa.

Eles não podem leva-la.

A porta abre em um baque. Três soldados entram apontando suas armas para mim e para Cat, eles olha a pulseira em seu braço e um deles a agarra enquanto o outro continua apontando a arma para mim.

-Eu amo você e eu sinto muito. – Sussurra Cat.

Estou petrificado. Suas palavras causam todos os tipos de efeito em mim, ela me ama e eu percebo naquele momento que eu sei que a amaria desde que aponte minha faca para ela, e eu a amo.

Abro a boca e as palavras se negam a sair. Não consigo entender o porquê do pedido de desculpas, mas então ela solta um grito que deixa eu e todos os soldados assustados. Ela grita mais uma vez e começa a tremer. Ela está tentando se teletransportar, mas ela já sabia do que choque então... *Não! Ela não pode!* Lágrimas se acumulam nos meus olhos e eu tento gritar para que ela pare, mas não consigo; há um nó em minha garganta que me impede de falar, não consigo me mexer, continuo petrificado. Os soldados percebem o que ela está tentando fazer, mas é tarde demais; quando um deles dá uma coronhada em sua cabeça ela já estava mole, prestes a cair no chão.

Cat se matou.

Lágrimas despencam dos meus olhos feito a queda da cachoeira, com a mesma intensidade ameaçando arrancar meu peito fora; estou tão espantado com toda a situação que não noto a arma apontada para minha testa e quando dor por mim, um tiro ecoa e tudo fica escuro.

Minha cabeça dói. Ouço resmungos baixinhos como choro. Me levanto e sento lutando contra a tontura. Tento lembrar dos acontecimentos de... Quanto tempo se passou?

Cat está morta. Levei um tiro na cabeça. E Maria... Olho de baixo da cama e lá está ela, encolhida como um bebê, chorando.

-Maria.

Ela se assusta batendo a cabeça na cama. Com uma expressão assustada ela sai devagar de debaixo da cama e se aproxima com o rosto inchado cheio de lágrimas secas.

-Você morreu!

-Não eu não morri.

-Você é um fantasma? Vá para a luz espírito maligno. – Fala fazendo um sinal de cruz.

-Que? Não. Pare com essa baboseira eu não morri só levei um tiro na cabeça.

-Como se um tiro na cabeça foi uma coisa que todo mundo faz. Tipo ”Ah mãe o que tem para o café da manhã hoje?” “ Ah filha hoje temos tiros na cabeça!” – Ela grita histericamente.

Eu reviro os olhos e ela toca minha bochecha com o dedo indicador; bato na sua mão.

-Pare! Eu sou um mutante como você se lembra? Eu me curo e você faz as pessoas dormirem agora temos que sair daqui, eles provavelmente mandaram alguém para limpar essa bagunça.

-Aonde vamos?

-Eu não sei... Vamos voltar para o acampamento temos avisar Steave sobre a... morte de Cat.

Sinto o nó voltando a minha garganta, junto com uma enorme vontade de chorar só de lembrar dela caindo mole no chão.

-Morte de quem?

-Da garota mal humorada.

-Ela não morreu.

-Claro que morreu você não viu ela caindo?

-Sim eu vi, por isso estou falando que ela não morreu. Logo depois que *você* morreu, entrou um homem de jaleco e verificou o pulso dela, ele falou que ela ainda estava viva e mandou aqueles homens leva-la direto para uma tal de ilha.

-Cat está viva! – Não consigo acreditar. A esperança toma conta de mim e agora tudo o que quero fazer é correr e salvá-la.- O que mais eles disseram?

-Ele disse alguma coisa sobre o laboratório também, eu não me lembro muito bem e também não faço a mínima ideia do que tudo isso significa.

Espero que ela continue, mas ela só me olha.

-Certo e depois?

-Hm... Só. Depois disso eles saíram e você voltou do além. – Dou risada e levanto Maria em um abraço apertado. Estou tão feliz em saber que Cat está viva. – Calma aí conquistador. O que faremos agora?

-Vamos sair daqui venha.

Pego na sua mão e caminhamos pelo que restou do apartamento. Eu tinha razão eles estão mandando alguém para limpar a bagunça. Quando saímos vejo um soldado de costas para nós descendo as escadas.

Olho para os lados e tudo que nós resta é uma porta, que provavelmente deve ser outro apartamento. Não podemos voltar, ou descer as escadas então arriscamos a porta. Está aberta. Entramos. O apartamento é praticamente idêntico ao outro. Os mesmos moveis e espaço.

-Será que tem alguém em casa? – pergunta Maria se dirigindo para a cozinha.

-Não sei...

Dou uma olhada rápida pela casa e não encontro ninguém. Quando volto na cozinha Maria está comendo algo que eu nunca vi.

-Eles chamam de pizza. – Diz ela me dando uma fatia.

-Onde você encontrou isso?

-Na geladeira. Apenas esquentei.

-Como você sabe fazer isso?

-Eu não sei.

Dou de ombros. O cheiro da coisa é maravilhoso e eu estou com tanta fome que paro de pensar e começo logo a devorar aquela massa maravilhosa; acho que já li sobre ela em algum lugar, mas igual á tudo que eu já li sobre, é bem melhor do que nos livros.

-Maria, precisamos que você treine suas habilidades. Precisamos botar todos no corredor para dormir. Temos que sair daqui. - Ela concorda e limpa a boca com a manga da camisola. – Deixe-me ver se tem roupas por aqui em algum lugar. Não posso sair com isso e você muito menos.

Eu ainda estou vestido como um cientista, de calças pretas, e um jaleco branco. Preciso pelo menos de uma blusa.

Saio da cozinha e entro no quarto torcendo para que um casal more aqui. Abro a primeira gaveta da cômoda e acho vários vestidos de mulher. Pego o primeiro que vejo, o ponho na mão e continuo procurando. Infelizmente se um homem mora nessa casa ele gosta de vestidos.

-Ah... Sam?

-Sim. – Grito enquanto pego roupas íntimas que imagino que sejam necessárias.

-Eu estava praticando aquela coisa que você falou, a nuvem roxa e ... Bom eu acho que você deveria ver isso.

Corro para a sala e olho para Maria que está assustada fitando o chão. Corro os olhos na direção do seu olhar e vejo um garoto, provavelmente da minha idade, todo vestido de preto caído no chão. Ele não é um soldado. Carrega uma bolsa nas costas e ele não mora aqui, afinal ele está usando um vestido.

-Aqui. – Entrego as roupas para Maria. – Vá se vestir, vou amarrar-lo com as cortinas, caso ele acorde antes de partimos.

Amarro as mãos e os pés do garoto na poltrona da sala. A cortina é grossa, então não consigo amarrar muito bem, por isso torço para que ele acorde só depois que partimos.

Vou até a cozinha e pego o maximo de comida enlatada que posso. Em o que parece ser uma área de serviço encontro uma mochila feminina, não é bem meu estilo mas servirá. Coloco as comidas na mochila e vou para a sala esperar Maria. Ela está demorando muito. Me aproximo do banheiro para chama-la mas o garoto acorda.

-Quem é você?-Pergunta.

-Quem é você?- Pergunto.

-E aquela garota, a da nuvem? Vocês não são normais não é?

-Para quem está amarrado em uma cadeira você faz muitas perguntas não acha?

Ele sorri.

O garoto é jovem, e apesar de estar todo sujo, aparenta boa forma. Ele provavelmente cresceu na cidade, não tem indícios de que passa fome; Seu cabelo é preto como o meu, mas seus olhos são cor de mel e entram em um grande contraste com sua pele negra.

-O que está acontecendo? Por que me prenderam?

-Como você conseguiu se esconder?

Então o garoto desaparece. Não... Ele fica invisível! Vejo que suas mãos ainda estão amarradas com as cortinas, mas se não fosse por elas eu nunca diria que ele estava ali, por isso não consegui achá-lo.

-Você é um de nós... - murmuro.

-Existem outros? Como eu? É isso que aquela menina é?

-Sim, existem.

-Legal, pensei que fosse o único. Como se chama?

-Meu nome é Sam.

-E quem é a garota? Sua namorada?

-Não... E aquela é a Maria.

-Meu nome é Greg e... – Ele para de falar para fitar algo atrás de mim e eu me viro para ver.

É Maria. Ela está bonita. Seu cabelo solto forma ondas que caem até sua costela; seu vestido é preto, o que realça a cor de seus olhos e cabelo; ela achou um tênis que se encaixa perfeitamente em todo o... contexto? Me pergunto se Cat também ficaria bonita de vestido.

Com certeza.

-Maria você está linda. – Ela sorri e antes que possa agradecer eu a corto. – Agora vamos.

-Espere vocês não podem simplesmente me deixar aqui.

-Por que não? –Pergunta Maria.

-Por que os donos do apartamento vão chegar e eles vão me prender, me mandar para aquele laboratório sinistro onde eles fazem experimentos sinistros.

-Você já esteve lá dentro? Pergunto.

-Do laboratório?- Faço que sim com a cabeça. - Sim muitas vezes, quando meu amigo Benny foi capturado tentei ir lá resgata-lo, encontrei umas paradas bem estranhas... De qualquer forma ele já tinha sido mandado para os coisas. Ele não tinha super-poderes como eu então imagino que não era útil. Pobre Benny.

A ideia me arrepia, junto com a lembrança de uma banheira cheia de dedos e partes de corpos.

-Desculpe, mas não podemos confiar em você. – Digo.

-Qual é cara. Acabei de te dar informação.

-Você não disse nada da qual eu já não saiba. – Rebato.

-Eu ajudo vocês saírem da cidade e depois cada um vai para o seu lado... Por favor... só não me deixem assim aqui.

Olho para Maria e ela da de ombros. Querendo ou não o garoto é como nós. Acabo o soltando. Ele paga sua própria mochila e nós segue corredor a fora.

A bagunça no corredor já acabou. Os pedaços de parede e de porta explodidos se transformaram em um apartamento novinho em folha, pelo menos por fora.

Descemos as escadas e damos de cara com seis guardas armados.

Capítulo 19

Espero pelas balas, mas elas não vêm. Eles sequer apontam as armas para nós, é como se não estivéssemos ali.

Greg.

Olho para o garoto e ele apenas da de ombros. O gesto me faz pensar que apesar de estarmos invisíveis, eles ainda podem nos ouvir. Descemos mais dois lances de escadas e saímos do prédio.

Estamos no centro da cidade. A cidade é enorme, bem maior do que parece lá da Aldeia. Motos andam pra lá e pra cá, enquanto pessoas riem e passeiam com seus bebês gordos como se fossem seus bichinhos de estimação. Todas as mulheres usam vestidos das mais diversas cores enquanto os homens usam roupas estranhas, com um negócio, cujo o nome não me lembro, pendurado sob suas camisas combinando com seus ternos. Os prédios são todos de uma cor só: cinza. As casas são amarelas e as lojas são vermelhas. Lojas. Eles têm lojas de eletrônicos e lojas de comida chamadas supermercados, eles vivem a vida como antigamente. Eles vivem, enquanto o governo submite os moradores das Aldeias a sobreviver.

Passamos em frente a uma praça enorme, com árvores verde claro e uma grama pequenina. Tudo muito falso. Andamos praticamente o dia todo e nem sinal da fronteira da cidade ainda. Encontramos outra praça, o verde dessa é um pouco mais escuro que o da primeira que vimos, como se essa fosse menos importante.

Paramos de vez em quando para tomar água e dividir alguma lata, enquanto isso soldados perambulam pela a cidade às vezes, mas não nos notam. O sol se põe e não há mais ninguém nas ruas. As luzes vindas das casas e dos prédios incomodam meus olhos; a noite aqui é clara, mas não um claro bom como o da lua, e sim um claro irritante.

Seguimos o garoto até o final da praça; entramos em uma rua escura, cheia de casas boas que pela ausência de luz, presumo que estejam vazias. Paramos na última casa no fim da rua. O garoto tira dois objetos de metal da sua mochila e abre a porta. O seguimos para dentro e ele acende a luz.

A casa é grande e nada arrumada. Objetos estão espalhados por todo o

lado; na cozinha tem apenas uma geladeira e um aparelho eletrônico que desconheço; o chão da sala é limpo, não tem sofás, mas tem uma enorme TV na parede com vários tipos de videogames conectados a ela. Greg diz que os quartos estão um pouco bagunçados então dormiremos na sala. Ele me empresta uma camisa e eu tiro o jaleco.

Maria praticamente me engoliu com o olhar o dia todo, mas invés de ficar sem graça eu apenas acho hilário. Não posso retribuir suas segundas intenções, agora mais que nunca estou com o pensamento em Cat, preciso acha-la e dizer pessoalmente o quanto a amo.

Estamos todos acomodados na sala, com cobertores fofos e quentes. O garoto vai até a cozinha e trás três latas de algum tipo de fruta; entrega uma a Maria, outra a para mim enquanto devora a sua própria lata; ele parece esfomeado. As latas me lembram de Cat, o que me deixa cabisbaixo. Me pergunto o que ela deve estar fazendo, será que pensa em mim? Será que está bem?

Para afastar um pouco minha preocupação decido puxar assunto com o garoto.

-Então, Greg... Você mora aqui?

-Sim, achei essa casa á muito tempo atrás. Eles têm varias casas vazias espalhadas pela cidade. Parece que os ricos não gostam muito de fazer filhos, então mais morre pessoas do que nascem. Quem pode culpa-los? Crianças são nojentas. – Diz soando o nariz na sua blusa. A caca fica grudada em seu nariz e ele apenas passa a mão limpando-a.

-Se elas fossem os únicos nojentos... – Comenta Maria dando risada. Eu a acompanho.

O garoto apenas da de ombros.

-E como você fez aquilo?- Pergunto.

-Deixa-los invisíveis? – Concordo com a cabeça. – Fácil! Eu posso deixar qualquer coisa invisível com minha mente. No principio eu tinha que tocar nas coisas para que elas ficassem invisíveis, mas depois aprendi que bastava pensar que elas ficavam como eu.

Me pergunto se um dia conseguirei controlar minha habilidade assim também, agora que sei que sou um G4 sei que tenho o potencial para isso só não

sei se consigo.

-Desde quando você faz isso? – Pergunta Maria.

-Desde pequeno. Quando os soldados invadiram minha casa em uma Aldeia não muito longe daqui, eu tinha uns cinco anos. Eles mataram meus pais, mas me deixaram vivo. Eu não entendi na época, eles procuraram por mim pela casa toda e eu estava debaixo do nariz deles; depois disso fugi para a floresta e sempre que ficava com medo, percebi que ninguém notava minha presença. Foi quando entendi que eu era especial. Desde então vivo invisível roubando daqueles que me roubaram tudo.

-Espere um pouco... Você disse que rouba as pessoas, só aqui em Suvers?-
Uma ideia surge em meu pensamento.

-Isso mesmo.

-Então não existem rebeldes roubando do governo! É você, sempre foi você.

Ele sorri e assente com a cabeça. Incrível, o garoto rouba o governo à vida toda e ninguém nem sequer imagina a sua existência.

-Existem mais como nós não existem? – Pergunta Greg depois de um tempo.

-Sim, em um acampamento ao norte.

-Sempre ouvi falar dos Filhos da Natureza, sempre pensei que fosse um boato.

-Tecnicamente os Filhos da Natureza são os rebeldes, eles só camuflam o acampamento.

Ele balança a cabeça negando o que eu disse.

-Os rebeldes, sou eu. Os filhos da Natureza somos nós! Você não vê? Esse não é um nome qualquer nos dado a esmo Sam. A natureza se tornou radioativa depois da Devastação, e nós somos filhos da radiação, portanto a natureza nos criou. Os mutantes são os verdadeiros Filhos da Natureza. Quem escolheu esse nome para o acampamento sabia o que estava fazendo.

Estou perplexo diante da ideia. É uma coisa tão simples, como não pensei nisso antes? É claro que Steave pensaria nisso... Uma lembrança me invade: “*Ela*

que escolheu o nome Filhos da Natureza!” Minha mãe tinha escolhido esse nome para nós, não só pelos motivos que Greg acabou de listar, mas também por que ela sentia uma conexão com a natureza por causa de suas habilidades, a mesma conexão que eu sinto.

Filho da Natureza. É isso que eu sou.

Imagino o sorriso de minha mãe. Se ela estivesse viva agora, aposto que me daria um tapa bem no meio da cara por demorar tanto para encaixar as coisas e depois me abraçaria.

Que saudades.

-São muitos? – Pergunta Greg me tirando de meus devaneios.

-Eram. Agora só sobramos nós. Sofremos um ataque recentemente e a maioria dos mutantes foram levados.

-Me levem para lá com vocês. Por favor. Isso não é vida! Eu quero fazer algo importante.

-Nós lavaríamos, mas não vamos voltar ao acampamento. Vamos resgatar nossa amiga. – Digo. - Ela foi levada para uma ilha.

-*A ilha?*

-Depende de qual ilha você se refere.- Digo.

-Creio que não existam muitas ilhas depois do quase-fim-do-mundo.- Diz Maria olhando feio para nós dois.

-Acho que não... - Fala ele sem graça.

-Estamos falando sobre a ilha do governo, eu acho.

-Eu sei onde fica essa ilha. Eu já ouvi vários cientistas falando sobre ela.

-O que você sabe sobre ela?

-Sei que ela fica no território brasileiro e que os governos da Nova America dividem as descobertas com o governo de lá.

-Território brasileiro? – Pergunta Maria.

-Sim... De todos os países o que menos sofreu com a Devastação foi o

Brasil. Eu não sei por que, tem a ver com algo sobre ser menos propenso ou sei lá, eu não estudei então tudo que sei são boatos. Eu sei que, se conseguirmos cavalos, o que é muito difícil, acredite eles são muito hostis; de qualquer forma chegamos lá em dois meses. Ai para atravessar a passagem do rio é outro problema.

Uma ideia surge e eu abro um sorriso.

-E se nós fossemos *voando*?

Os dois me olham desconfiados.

-Aviões nem existem mais. – Diz Greg.

-Suponhamos que eu consiga, um método, de voar. Quanto tempo?

-Supostamente um mês, no máximo, depende do suposto avião.

-Olha, essa viagem vai ser perigosa, vou passar pelo acampamento de qualquer forma, acho bom vocês ficarem com eles. - Digo.

-De jeito nenhum.- Grita Maria. – Você e aquela garota mal humorada são as únicas pessoas que eu conheço e não vou deixar vocês na mão. Eu vou junto.

Sorriso e seguro sua mão. Sussurro um obrigado e olho para Greg.

-Nem olhe para mim. Sempre quis xeretar nessa ilha e agora que posso... Com certeza eu vou junto.

Não eram os melhores soldados, mas todos tinham uma razão para estarmos juntos. Apesar de não ter a Cat, eu estava feliz pelos meus companheiros.

-Vamos ter que andar três dias no mínimo, mas companheiros, conseguiremos nossa cavalaria.

Todos rimos e erguemos nossas latas.

Estava na hora de rever velhos amigos.

Epílogo

Os últimos três dias foram legais. Eu, Greg e Maria nos tornamos grandes amigos rapidamente.

Graças ao poder do Greg, os animais nunca nos atacavam; e graças à minha habilidade de controlar a natureza, nunca ficávamos desabrigados a noite. Maria estava praticamente craque em controlar suas habilidades, Greg a ensinava a domina-las enquanto eu a ensinava lançar facas novamente. Infelizmente sua memória não voltou, às vezes ela tinha sonhos, pequenos fragmentos de memórias, mas eles vinham todos embaralhados e nem sempre eram reais.

Passamos pelo acampamento, mas ele estava vazio. Steve encontrou outro lugar para eles ficarem. Era perto de uma cidade em ruínas, bem próximo ao acampamento para falar a verdade, mas não tínhamos tempo para passarmos por lá.

Pegamos roupas e o resto de comida que sobrou do acampamento e partimos.

Depois que passamos pelo rio quente, não demorou muito para chegarmos onde eu queria. Greg e Maria nem se importavam mais com o mistério.

As vezes me pergunto se a pedra que dei á Cat ainda brilha, espero que sim por que não tenha apenas um segundo no dia que eu não pense nela. Cat se tornou uma parte tão grande de mim, que chega a me assustar.

-Falta muito? – Pergunta Maria.

-Estou com fome. – Diz Greg.

Ele sempre estava com fome, não sei como ele conseguia manter a forma comendo tanto.

-Chegamos.

Digo observando o pequeno lago rodeado por cavernas gigantes. Está tudo exatamente como eu me lembrava. Eu assobio e ela vem voando rapidamente, me tacando no chão enquanto lambe meu rosto. Maria solta um grito.

-Ei garota. Calma ai. – Digo saindo debaixo de Baby. – Pessoal, essa é a Baby e ela e seus amigos serão nossa carona.

Muito obrigada a Adriana Simons, por ter me ajudado a escrever esse livro, e a todos que acompanham a historia de Sam: Nos encontramos no próximo livro:

A filha da Vingança. Beijos a todos.